

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**GUSTAVO DE ALMEIDA BARROS**

**Da Individuação em Simondon ao Inventar-se Pela Educação  
Infantil**

**São Carlos**

**2015**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**GUSTAVO DE ALMEIDA BARROS**

**Da Individuação em Simondon ao Inventar-se Pela Educação  
Infantil**

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação Cultura e Subjetividade

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Anete Abramowicz.

**São Carlos**

**2015**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

B277is Barros, Gustavo de Almeida.  
Da individuação em Simondon ao inventar-se pela  
educação infantil / Gustavo de Almeida Barros. -- São Carlos  
: UFSCar, 2015.  
117 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São  
Carlos, 2015.

1. Educação - filosofia. 2. Individuação. 3. Singularidade.  
4. Simondon, Gilbert, 1924-1989. 5. Diferença (Filosofia). I.  
Título.

CDD: 370.1 (20ª)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Educação

---

**Folha de Aprovação**

---

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Gustavo de Almeida Barros, realizada em 27/02/2015:

---

Profa. Dra. Anete Abramowicz  
UFSCar

---

Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade  
USP

---

Profa. Dra. Gabriela Guarnieri de Campos Tebet  
UNICAMP

À Pedro e  
Olivia

*Falas de civilização, e de não dever ser,  
Ou de não dever ser assim.  
Dizes que todos sofrem, ou a maioria de todos.  
Como as cousas humanas postas dessas maneiras,  
Dizer que se fossem diferentes, sofreriam menos.  
Dizer que se fossem como tu queres seria melhor.  
Escuto sem te ouvir.  
Para que te queria eu ouvir?  
Ouvindo-te nada ficaria sabendo.  
Se as cousas fossem diferentes, seriam diferentes: eis tudo,  
Se as cousas fossem como tu queres, seriam só como tu queres.  
Ai de ti e de todos que levam a vida  
A querer inventar a máquina de fazer felicidade!*

Alberto Caeiro (p.237, 238)

*Eu vou pagar a conta do analista  
Pra nunca mais ter que saber quem eu sou*

Cazuza (in. *Ideologia*. Álbum: Ideologia. 1988.)

Espaço reservado aos agradecimentos dos corpos que de alguma forma afectou este corpo que vos fala e aumentou a sua potência de vida.

## **RESUMO:**

Esta pesquisa de caráter teórico bibliográfico teve como ponto de partida o seguinte questionamento: *Como o indivíduo se constitui?* Na busca de resolver esta questão, encontramos-nos em Gilbert Simondon, filósofo francês, mais especificamente com sua tese *A Individuação à Luz das Noções de Forma e de Informação* (1958), que juntamente com a compreensão de seus conceitos, os quais ele vai buscar nas ciências naturais como *disparação*, *metaestabilidade*, e *transdução* permitiu não apenas compreender o indivíduo a partir do seu processo de individuação, mas de perceber a existência de uma realidade que antecede não só o indivíduo, mas o próprio processo de individuação, uma realidade que o próprio Simondon chamou de *pré-individual*. E como o Simondon nos demonstra, que o “ser” nunca para de se individuar, essa realidade *pré-individual* além de coexistir com o indivíduo será também sua gênese. É esse ponto na filosofia de Simondon que nos possibilitará também responder as nossas próprias questões. Se os processos de individuações também não são processos de singularizações? E sendo que sim, esses processos de singularizações não seriam também uma desindividuação? Para responder as nossas próprias perguntas, realizamos, frente a proposta de Simondon, aportes da filosofia da diferença proposta pelo filósofo francês Gilles Deleuze e pelo psicanalista Felix Guattari e nos comentários que Deleuze faz a filosofia de Simondon. Permitindo-nos assim, realizar uma aproximação com a educação, o que nos levou a não só propor uma nova maneira de compreender a educação, mas também, de repensar as suas práticas. Para tal, foi preciso delimitar um campo teórico composto por tantas outras pesquisas e tantos outros textos que aproximassem com o que realizamos, isto é, que trabalhassem com o Simondon, com a filosofia da diferença e com a educação.

**Palavras-chave:** Individuação, Singularidade, Simondon, Filosofia da Diferença, Educação.

## **ABSTRACT**

That bibliographic theoretical-characterized survey has been as its beginning the following question: How is an individual constituted? By searching the solution for this question, we have mainly based on the thesis of Gilbert Simondon, a French philosopher, “The Individuation under the Light of Notions about Shape and Information” (1958), which along with the comprehension about his concepts, sought in natural sciences like inequality, meta stability and transduction. That permitted not only to understand the individual from his individuation process, but also to realize an occurring reality that antecedes it – a reality that Simondon himself called pre – individual. Moreover, since Simondon show us that the “being” is never to individuate himself, that pre-individual reality both coexists with the individual and will be his genesis. This point in Simondon’s philosophy will make possible for us to answer our own questions. Would the individuation processes not be distinguishing processes, too? In case affirmative, would these singularization processes not be a deindividuation, too? In order to answer our own questions, we have performed, face to Simondon’s proposal surveys about the philosophy of difference proposed by the French philosopher Gilles Deleuze and the psychoanalyst Felis Guattari, and by Deleuze’s comments about Simondon’s philosophy. We have permitted ourselves, therefore, to perform an approach to education, which led us, not only to propose a new manner of understanding education, but also rethinking its practices. For that, we have had to delimitate a theoretical field made up by so many other surveys and texts, which could approximate to what we have performed, that is, which worked out with Simondon, the philosophy of difference and education.

**Key words:** Individuation, Singularity, Simondon, Philosophy of Difference, Education.

## SUMÁRIO

<b>NOSSA FALA</b> .....	08
<b>O PERCURSO</b> .....	15
Apenas um começo .....	17
Percurso filosófico .....	19
Das oposições de Simondon .....	26
Um percurso científico .....	31
<b>EM MOVIMENTO</b> .....	35
Primeiro movimento .....	38
Alguns apontamentos .....	40
Segundo movimento .....	45
De onde falamos .....	48
<b>DO SIMONDON</b> .....	54
Um domínio e ao menos duas grandezas .....	57
O meio .....	59
Da individuação .....	65
A metaestabilidade .....	66
A transdução .....	72
A questão da informação .....	76
Do problema .....	78
<b>DAS APROXIMAÇÕES</b> .....	84
Um território .....	86
Da prática .....	95
Uma proposta .....	100
<b>REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS</b> .....	105
<b>ANEXO I</b> .....	110

## NOSSA FALA

Quando um encontro se dá, uma inquietude desassossega o corpo e nos lançam, nos forçam a pensar e esse pensar para nós é sempre um pensamento minoritário<sup>1</sup>. O encontro do qual efetuou-se em nosso corpo, nos forçando a pensar e que possibilitou a nossa fala, poderíamos assim dizer, que se deu antes mesmo da própria fala que se faz escrita nessas folhas. Provavelmente, o pensamento que segue, tenha sido composto por um emaranhado de encontros e tantos outros pensamentos.

A nossa inquietude nos levou a pensar a educação a partir da *singularidade* e do *acontecimento* conceitos da filosofia da diferença propostos pelo filósofo francês Gilles Deleuze e pelo psicanalista Félix Guattari e do *afecto*, conceito proposto por Baruch de Spinoza. Na medida em que nosso pensamento torna-se objeto de uma pesquisa de mestrado na Universidade Federal de São Carlos, ele deixa os domínios do simples pensamento ordinário.

Novos encontros se deram, compondo-se com o nosso pensamento, mas foi ao habitar o interior de um grupo de pesquisa: *Estudos Sobre a Criança, a Infância e a Educação Infantil: Políticas e Práticas da Diferença*<sup>2</sup>, que a questão do indivíduo se soma com a questão da singularidade que já pertencia a nossa inquietude.

Sendo por intermédio desse grupo de estudos que nosso encontro com o filósofo francês Gilbert Simondon e com sua proposta referente ao princípio de individuação se dá, e a partir desse encontro, tivemos também contato com sua proposta de *pensar o indivíduo a partir de suas individuações*, o que se tornaria possível mediante sua indagação. *Como o indivíduo se constitui?* Que é respondida em sua tese escrita no ano de 1958: *A Individuação à luz das noções de forma e de informação*<sup>3</sup>.

O encontro com o Simondon, não só compõe com o nosso pensamento, como também nos traz nossas próprias indagações. Pois a proposta de Simondon, como veremos, nos

---

<sup>1</sup> Temos para nós a minoria, não como algo que seja quantitativo, e de certa forma, também não é algo qualitativo, mas como algo que sempre está a fugir das relações de poder e saber, isto é, o que não se faz de hegemônico portanto, estratificado, como a cultura, a história e a doutrina, mas antes de tudo, é pensar a vida, o devir e o próprio pensamento.

<sup>2</sup> O grupo de pesquisa foi idealizado e é coordenado pela Professora Doutora Anete Abramowicz, orientadora dessa dissertação como já dito antes.

<sup>3</sup> De título original em francês: *L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information* é a tese principal de Simondon. Ela foi publicada em duas partes: a primeira parte: *O indivíduo e a sua gênese Físico-biológico (L'individu et sa gènesse physico-biologique)*, publicada no ano de 1968. A segunda parte: *A Individuação Psíquica e Coletiva, a Luz das noções de forma, informação, potencial e metaestabilidade (L'individuation psychique et collective à la lumière des notions de forme, information, potentiel et metaestabilité)*, publicada no ano de 1989

leva a indagar, se os processos de individuações não seriam também processos de *singularizações*? Sendo assim, partindo dos processos de individuações existentes em um corpo, consideramos que os processos de individuação não se esgotam, como propõe Simondon. Então, nos seria lógico perguntar: não teria o corpo simultaneamente múltiplos processos de *singularizações*? E completando, se um processo de *singularização* não é antes de mais nada uma *desindividuação*?

Uma vez nesse grupo de pesquisa, juntamente com o encontro com o Simondon outro encontro se dá, desta vez com a Gabriela Tebet, e com a sua tese de doutorado escrita em 2013, *Isto Não é Um Bebê*, no qual o esforço da autora é conceituar o bebê como uma categoria independente da criança e que lhe apresente como uma nova compreensão, compreender o bebê como potência de singularidade, pois sua condição de indivíduo está se iniciando. Podemos afirmar então que o bebê é quase totalmente singularidades e não só processos de individuações.

Compreender os bebês a partir dos conceitos de vida singular e imanência é, portanto, compreendê-los como seres pré-individuais, tendo em vista que, de acordo com “Deleuze, é a singularidade que marca a condição pré-individual do ser. O autor afirma:

Singular sem ser individual, eis o estado do ser pré-individual. Ele é diferença, disparidade, disparação (...) Mundo imbricado de singularidades discretas, tanto mais imbricado quanto mais estas não estejam ainda se comunicando ou não estejam tomadas numa individualidade: é este o primeiro momento do ser” (DELEUZE, 2010, p. 118).

Este primeiro momento do ser ao qual o autor se remete pode ser denominado como “natureza”, tal como indica Simondon, se essa for entendida no sentido pré-socrático, como a condição do possível e do indeterminado e não como o contrário do homem. Natureza compreendida como a primeira etapa da vida humana, como a condição do ser pré-individual. O conceito de bebê que constituímos, portanto, é o conceito do bebê como ser singular<sup>52</sup>, pré-individual. Os bebês são o devir, são exemplo de diferença e carregam consigo a potencialidade de fazer emergir novas formas de ser, de relacionar-se e de viver. Nesse sentido, são natureza (Simondon), porque ainda não assimilaram as regras e restrições sociais do “plano de organização”, porque ainda não se configuraram como indivíduos. Estão imersos num plano de imanência e de possibilidades (TEBET, 2013, p. 63-64)<sup>4</sup>.

Compondo também com a tese de Tebet, mesmo que não falamos em bebês, mas se partimos da *singularidade* como a primeira realidade do ser, e pensando no bebê que é praticamente *singularidades* e se retomarmos a proposta que Simondon que busca *compreender o indivíduo a partir de suas individuações*, e sendo o bebê pouco individuado, nos resta ainda

---

<sup>4</sup> Na citação mencionada pode-se perceber que a autora utiliza uma nota de rodapé numerada como 52, da qual ela disse. “Há de se destacar aqui que a noção de singular nada tem a ver com o debate entre infância plural ou singular travado entre os sociólogos da infância de língua inglesa. No interior desse debate a compreensão da singularidade do bebê implica pensar o conjunto dos bebês como plural e nunca como singular” (TEBET, 2013, p. 64).

duas perguntas. Não seria mais fácil de ser percebido no bebê seus processos de individuações? Como também suas desindividuações?

Para que nossas indagações sejam respondidas, realizamos um estudo de caráter teórico, que visa não só apresentar o princípio de individuação proposto por Simondon presente em sua tese, mas também procurarmos trazer, os comentários pertinentes a filosofia de Simondon realizados por Deleuze e entrelaçando os conceitos de Simondon com os conceitos da filosofia da diferença.

Começamos então por procurar esclarecer porque optamos pelo Simondon, para isso, apresentamos qual era a concepção de indivíduo dado pela filosofia que antecede a proposta de Simondon, de que forma esse indivíduo era explicado pela filosofia e como os domínios filosóficos intitulados a física, a lógica e a metafísica o compunham.

Foi preciso também buscar qual foi o primeiro filósofo a indagar: *como o indivíduo se constitui?* Chegando assim ao filósofo e médico árabe islâmico Avicena, que apresentará uma visão hilemórfica ao princípio de individuação, isto é, o corpo formado pela matéria e forma, sendo a matéria responsável pela individuação, sua proposta chega até aos escolásticos cristãos, sendo rapidamente acolhida por Tomás de Aquino que realizará algumas alterações no que diz respeito a concepção da matéria, mas a base dos dois pensamentos continua sendo a metafísica aristotélica, mais especificamente o seu hilemorfismo<sup>5</sup>.

A partir deste ponto, mediante a lógica proposta por Boécio, os filósofos agostinianos da escolástica, na voz de Boaventura, partiram da filosofia platônica para explicar o princípio de individuação. Por sua vez invertendo a visão hilemórfica, pois para eles, o corpo também era composto por forma e matéria, mas aqui é a forma a responsável pelo princípio de individuação, tal proposta carrega em si o nome de *hoc aliquid*.

Encontramos através dos monistas uma nova maneira de pensar o princípio de individuação que não envolveria uma substância composta, isso é, matéria e forma, ou vice e versa, a proposta monista é conhecida como substancialistas, pois ao negar qualquer pensamento dual o ser seria composto por uma única substância, a qual também era a responsável pelo princípio de individuação.

Veremos também que nem todo o pensamento referente ao princípio de individuação, mesmo que refutados por Simondon em sua tese, lhe são, por assim dizer, totalmente antagônicos como são as propostas citadas acima, é o caso da proposta de Duns Scot,

---

<sup>5</sup> Teoria aristotélica ligada a teleologia, na qual defende que os seres corpóreos, são composto por matéria (hylós) e forma (morphé), sendo a matéria a responsável pela individuação.

que mesmo defendendo um hilemorfismo, seu pensamento contradiz as propostas que o antecederam, isso se dá por meio do seu conceito conhecido por *hecceidade*.

É através da *hecceidade* que podemos perceber uma certa aproximação com a filosofia de Simondon, no que tange pensar a formação do indivíduo e a forma como ele se apresenta. Sendo a própria *hecceidade* um conceito divisor de águas no pensamento filosófico que aborda o indivíduo e seu processo de individuação.

A preocupação com o indivíduo, com o passar dos anos, vai ganhando novas vertentes do conhecimento, seja pelo surgimento de novas áreas, como é o caso da psicologia, ou o pensamento positivista, seja por uma investigação mais científica de outras áreas já existente, como é o caso das ciências naturais.

No caso das ciências naturais, pelo fato de pensar o indivíduo e a sua composição mediante a organização que cada ser apresenta, Simondon realizará uma investigação nas duas propostas mais aceitas e divulgadas, no primeiro caso refere-se ao pensamento da biogênese que distingue a origem dos seres físicos da origem dos seres vivos, devido a afirmação: toda vida vem da vida.

Na segunda proposta, veremos uma negação da proposta da biogênese, ao defender que o ser vivo vem do ser físico, mesmo que o ser físico apresenta um grau de organização inferior frente ao grau de organização presente no ser vivo. Acontece que na passagem do físico para o vivo ocorreria uma conservação dessa organização, a partir dessa conservação a organização não perderia nada, não se criaria nada, haveria uma transformação, Sendo essa transformação que possibilitaria a passagem do inferior para o superior.

A grande contestação de Simondon frente as propostas apresentadas pelas ciências naturais, se deve ao fato dos cientistas, aceitarem em sua análise, apenas dados recorrentes da matéria ou energia, desconsiderando a questão da informação que como Simondon demonstra modificaria toda a forma de se ver e apresentar o indivíduo pela ciências naturais.

Sem considerar a informação, as duas propostas de individuação apresentam um indivíduo que segue um certo determinismo. Sendo que esse determinismo faz com que as propostas dadas pelas ciências naturais aproximem-se das propostas filosófica que vimos acima, o *hilemorfismo*, o *hoc aliquid* e o *substancialismo*. Pois todas essas propostas, tanto as da ciência, como da filosofia, possibilitarão compreender o indivíduo como: único, indivisível, acabado totalizado e totalizante, pode ser explicado fora de seu processo de individuação.

E é a essa noção de indivíduo que Simondon irá se opor. Uma das maiores contribuições que o pensamento de Simondon nos dá é a possibilidade de fugir, de sair da lógica

formal para pensar o indivíduo, isto é, não ter que determinar o que está dentro e o que está fora, é isso ou aquilo, é uma coisa ou outra, tais afirmações estão pautadas nos três princípios lógicos: o princípio de identidade, o princípio da não contradição e o princípio do terceiro excluído, é procurar não pensar partindo de um sujeito e de um objeto. Pois Simondon nos apresenta um novo pensar como está descrito no belo prólogo<sup>6</sup> *Individuar. De Cristais Esponjas e Afectos*, de Rodríguez (in SIMONDON, 1996, p. 14. Livre tradução).

A imagem do pensamento que se apresenta agora, segue a proposta que Gilles Deleuze apropriou de Antonin Artaud, um pensamento sem imagens. Pensar para Simondon não significa partir de uma posição como a do cogito, que garantiria a verdade por uma capacidade do pensamento. Não é se adequar ao senso comum e nem se opor a ele. Não se dará importância a nenhum modelo e nem a elaborar uma representação, porque não há nada para rever. Não terá como objetivo afastar-se do erro utilizando a lógica, que engendram sistemas paranoicos e autoflagelantes. Não haverá mais pontos a salientar, um lugar para o saber ou propor soluções para os problemas gerados perante um mundo a ser explicado. Pensar é estar atento ao devir, o qual não tem imagens. O pensamento deve ser fiel a esse devir e captar o movimento não de forma objetiva, para dizer a verdade do que acontece, apenas como simples participação no mundo, e não como queríamos que fosse.

O que explicaria a nossa escolha por ele, pois como veremos, o indivíduo pensado por Simondon, é apenas uma resolução passageira da qual o ser efetua, através de uma criação/invenção. O que possibilitará ao ser atualizar um virtual, isto é, no processo de individuação o ser possui a capacidade de encontrar tal resolução em sua própria singularidade, tal resolução existiria apenas como realidade virtual, e como veremos, não há nenhuma comunicação entre a realidade virtual e a realidade atual.

Como vimos em Tebet, a singularidade é a primeira realidade do ser, sendo assim, a singularidade encontra-se em uma realidade pré-individual. Pelo fato do indivíduo ser considerado, por Simondon, apenas uma resolução passageira, os processos de individuação não se encerram, dessa forma, a realidade pré-individual não abandonará o ser.

Após seguirmos e delimitarmos o que nos inquieta, o indivíduo e o seu princípio de individuação, sentimos a necessidade de pesquisar as inquietudes alheias, isto é, de realizar um referencial teórico o qual abordasse o mesmo tema que o nosso: Simondon e educação, pois dessa forma, foi possível compor um campo teórico no qual o território de onde falamos seja localizado.

---

<sup>6</sup> O prólogo aqui mencionado, pertence a versão impressa da tese de Simondon em espanhol da Argentina que usamos como leitura para a realização dessa dissertação.

Nosso trabalho a respeito do referencial teórico se deu na busca de textos, sejam eles, entrevistas, ensaios, artigos, dissertações, teses, entre outros, que pudessem ser encontrados em sites que possibilitam a divulgação e o acesso a esses textos. Os sites pesquisados foram: SciELO, FCC, BDTD, os periódicos da Capes e o site da Anped.

Para a composição de nosso campo teórico, restringimo-nos aos textos que se referem a Simondon e a educação<sup>7</sup>, um texto que juntamente com o de Simondon trabalhará com o filósofo Merleau-Ponty<sup>8</sup>, mantivemos este texto pelo fato dele trabalhar com a concepção de percepção apresentada por Simondon e os demais textos selecionados trabalham com a proposta do Simondon juntamente com a filosofia da diferença<sup>9</sup>.

Feita a delimitação do referencial teórico, fechamos a composição do campo teórico, com uma breve apresentação dos conceitos de Simondon com os quais os textos presente no referencial teórico trabalham e que entrelaçam com a nossa pesquisa, a fim de explicar o princípio de individuação proposto por Simondon e como se dá o processo de individuação.

Realizamos, assim, nossa escolha por Simondon; a construção do campo teórico do qual falamos, partimos então para demonstrar e explicar o processo de individuação que o Simondon apresenta em sua proposta do princípio de individuação. Nesse momento trabalharemos especificamente com três conceitos que Simondon irá buscar nas ciências naturais, são eles: *a disparação*, *a metaestabilidade* e *a transdução*, a qual, apresentará um desdobramento chamado capacidade transdutora.

Em nossa explicação, usaremos alguns conceitos da Filosofia da Diferença, como acontecimento e agenciamento, juntamente com as contribuições do filósofo francês Gilles Deleuze, comentando a proposta de Simondon, que possam aproximar o conceito de virtual e singularidade do processo de individuação, essa escolha nossa se dá pelo fato, como dito, de procurarmos um pensamento minoritário e por pensar a singularidade.

Após nossas explicações, restou-nos apenas realizar as aproximações da proposta de Simondon, com a filosofia da diferença e com a educação, que a compreendemos como *território de encontros*, o que nos possibilitará pensar uma educação que não se

---

<sup>7</sup> STYHRE, A (2008), READ, J (2010). As referências completas podem ser encontradas as fichas presentes no ANEXO I.

<sup>8</sup> MARIN, A. A.; LIMA, A. P. (2009). As referências completas podem ser encontradas as fichas presentes no ANEXO I.

<sup>9</sup> DALMASO, A; SANGOI, D. (2013), OLIVEIRA, A M; FONSECA, T. M. G. (2006), TEBET, G. G. C.; ABRAMOWICZ, A. (2013), TEBET, G. G. C. (2013), DALMASO, A. (2013), OLIVEIRA, A. M. (2006). As referências completas podem ser encontradas nas fichas presentes no ANEXO I.

apresentará mediante uma cognição por reconhecimento, o que nos leva a refletir não só as práticas educacionais vigente como toda a estrutura que ela se dá.

Partindo do processo de individuação pensado por Simondon, somos levado a compreender a individuação, também, como uma construção de conhecimento em um processo de criação/invenção e frente a proposta de Abramowicz (2009) de compreender a infância como experiência, chegamos a pensar uma educação que se dá no corpo e pelo corpo, portanto, uma educação que foge das práticas pautadas na linguagem e no pensamento.

Uma educação propriamente que “não fala” e sim experimenta, vivência, problematiza, e se formos buscar na etimologia qual palavra nos traria a expressão “não fala” chegaríamos a palavra latina *infari*, que se deriva para *infantia* chegando ao português como infância. Portanto, teríamos uma educação que fosse infantil, uma educação infantil, nas não no que se refere a uma etapa, a uma faixa etária, nem parte de um sistema maior que ela própria, mas uma educação infantil por se dar no corpo longe das práticas das palavras, como veremos as palavras surgirão do encontro dessa educação que se fará de território.

## O PERCURSO

Devido as nossas inquietudes, seria difícil afirmar realmente que foi aqui que se deu o seu começo, pois seria impossível determinar o local e o tempo em que nossas inquietudes começaram. E até mesmo definir qual é o seu alcance, pois são inquietudes e estão sempre a possibilitar outras aberturas, outras extensões, sempre em busca de novos territórios, novos momentos, outras conexões, sempre possibilitando novas vidas. O que podemos afirmar é que aqui é apenas um começo possível, de tantos outros possíveis começos, apenas uma busca para que possamos responder algumas de nossas questões.

Nosso caminhar começa por fazermos algumas escolhas, sejam elas metodológicas, do caráter de um estudo teórico. De qual caminho tomar? Qual será o teórico que iremos nos apoiar para seguirmos em frente com nossas investigações? Muitos caminhos levam a várias respostas, mas estamos apenas atrás do que nos inquieta. E para que possamos responder nossas questões, teremos que começar a pensar no indivíduo e em seu princípio de individuação, para que fique claro, logo aqui no começo. O porquê da nossa opção pelo filósofo francês Gilbert Simondon.

Podemos afirmar que se ocupar com o indivíduo e com o princípio de individuação não é aquilo que podemos dizer que seja uma novidade, pois o indivíduo é estudado de certa forma desde a filosofia pré-socrática, já o princípio de individuação ficou profundamente marcado pelo questionamento de Avicena no início do século onze: *Como se constitui a individualidade?*<sup>10</sup> A partir daí o tema foi explorado e abordado por diferentes teorias e dividindo opiniões em todos os âmbitos e em toda a história da filosofia, atingindo por um longo tempo um respeito de caráter conceitual intocável.

O interesse pelos estudos que abrangesse o indivíduo e o princípio da individuação nas práticas filosóficas foi perdendo força a partir do século dezenove com as contribuições das ciências naturais, pelas ciências humana, principalmente pelo pensamento positivista, juntamente com o surgimento da psicologia, que buscaram através de seus métodos científicos positivistas dar respostas para a questão do indivíduo e para o princípio de individuação.

---

<sup>10</sup> Ibn Sina ou Avicena (980-1037) como ficou conhecido no ocidente foi um filósofo e médico islâmico, no qual, como na filosofia cristã atua uma escolástica, portanto, é um filósofo que pauta-se nos pensamentos de Aristóteles.

O que podemos perceber, foi que desde então, tudo que se refere ao indivíduo e ao princípio de individuação passa a ter uma explicação biologizada. Desta forma, ao abordar os temas: indivíduo e princípio de individuação apresentam-se em pensamentos pautados por etapas, fases, períodos, faixa etária, entre outras pelas quais buscam dar explicações apoiando-se em teoria, como a teoria do desenvolvimento, ou a teoria da evolução, que se dão sempre de forma linear e contínua, visando compreender e explicar juntamente com o indivíduo o funcionamento do corpo e das operações da mente.

Uma das explicações mais aceitas, frente a esse quadro que acabamos de ver e que serve de apoio a diversas áreas do conhecimento, surge a partir das contribuições dadas pelas ciências biológicas, mais especificamente pela embriologia que apresenta como preceito básico para pensar a individuação a *lei da biogenética*<sup>11</sup>.

Será por intermédio da *lei da biogenética* que o pensamento científico ao tratar o indivíduo e o princípio de individuação atribui ao indivíduo, uma espécie de determinismo, que possibilitaria ao corpo atingir uma finalidade, aproximando assim o pensamento científico de uma filosofia tradicional. Como veremos, serão participações assim das ciências que afastará por vez o interesse da filosofia moderna por temas que envolva o indivíduo e o princípio de individuação.

Dessa forma, para que possamos continuar, é preciso compreender, mesmo de forma sucinta, que tipo de indivíduo esses pensamentos citados acima, sejam eles, filosóficos ou científicos podem nos oferecer. E de que forma o princípio de individuação se apresenta ou são apresentadas a partir desses pensamentos. Tal caminho evidenciará a nossa escolha, de porquê ao estudar o indivíduo e o princípio de individuação, escolhemos trabalhar com o filósofo Gilbert Simondon, uma vez que ele não foi o primeiro filósofo a pensar o indivíduo e o princípio de individuação.

---

<sup>11</sup> Foi assim que o biólogo alemão Ernst Haeckel (1834-1919) chamou o paralelismo entre o desenvolvimento do embrião individual e o desenvolvimento da espécie a que ele pertence. No que tange ao homem, “a ontogênese, ou seja o desenvolvimento do indivíduo, é uma breve e rápida repetição (recapitulação) da filogênese ou evolução da espécie a que ele pertence”(ABBAGNANO, p. 127)

### **Apenas um começo.**

Quando ouvimos falar a palavra indivíduo, de início, sabemos que não se está falando de nada que seja universal, isto é, algo que seja igual para todos, e nem que seja necessário, isto é, que não precisa ser explicado. Pois quando falamos em indivíduo estamos nos dirigindo direto as “*partes*” do mundo, isto é, ao que se apresenta como particular, muitos filósofos fariam que estamos falando do campo das multiplicidades, isto é, das coisas numerosas que existem no mundo e que se apresentam de forma singular.

Uma pergunta mais profunda deve ser feita. O que realmente quer dizer a palavra indivíduo? Para responder tal pergunta precisamos, de início, realizar uma análise etimológica. Procurando assim a origem da palavra indivíduo. Estamos então falando de uma palavra que tem sua origem no latim, *individuum*, que contém em sua formação o prefixo *in* que se apresenta como negação, não, mais a palavra *dividuum* que significa divisível, pois é uma palavra referente a uma variação do verbo *dividere* que tem por significado dividir, dando a palavra indivíduo uma concepção de *não divisível*, de *indivisível*.

Pensar o indivíduo partindo de um caráter indivisível nos irá possibilitar pensar não só uma singularidade, isto é, o que torna o indivíduo diferente dos demais indivíduos existentes no mundo, como irá possibilitar pensar também um ser que se apresenta totalizado, isto é, um ser pronto e acabado, no qual o indivíduo ocupa toda a extensão do ser, um ser único, pois apresenta uma particularidade que lhe é própria e portanto totalizante.

Para que possamos compreender essa concepção de indivíduo teremos que nos colocar de início sob três domínios da filosofia, o primeiro a física, o segundo a lógica e em terceiro a metafísica. Nos domínios da física fica mais clara, para nós, essa concepção de indivisível, pois se remete a um ser formado por matéria e forma, e ou, substância. Na filosofia tradicional<sup>12</sup>, como o caso explanado agora, ao pensar na composição do ser estamos falando sempre de uma dualidade, a existência, o corpo, e a essência, o indivíduo, não havendo a possibilidade de negar a participação de uma substância neste pensamento, pois estamos falando da existência e da essência, pois desta forma, há sempre a presença de uma *substância composta*, mesmo quando se fala em matéria e forma.

Assim podemos afirmar que o indivíduo em nenhuma análise pode ser reduzido, isto é, não admite divisão sem perder sua particularidade, pois, na filosofia tradicional, não há

---

<sup>12</sup> Compreendemos como filosofia tradicional as tendências dos pensamentos que se esforçam para uma ideia de continuidade, linearidade, sequência e desenvolvimento se façam hegemônica através dos tempos.

como separar existência e essência em um ser, assim, é a sua particularidade, isto é, a união entre existência e essência, como aquilo que lhe faz singular, único, totalizado e totalizante como vimos, portanto, o indivíduo não pode ser universal, exemplo: Sócrates. Pois quando falamos Sócrates, nos vem à mente as particularidades do ser que lhe faz indivíduo, isto é, o que lhe diferencia dos demais seres da espécie humana.

Se entrarmos no campo da lógica, o indivíduo que é apresentado como algo indivisível, ganha uma nova força ao comportar em si uma certa determinação que lhe será atribuída ao seu ser, o dual, existência e essência, pelo princípio de individuação, não importando se a individuação do ser se dá de uma única vez ou passa por um processo no qual o indivíduo possui “um tempo”, isto é, o indivíduo necessita de uma espécie de “maturação” para se compor, mas no final de sua individuação apresenta-se de forma totalizada, atingindo assim, uma finalidade, seu fim último, ou aproximando-se de uma forma que lhe é ideal.

Podemos perceber que pela filosofia tradicional, o indivíduo ao final de sua individuação ocupa todo o ser, garantindo-lhe um caráter único, nota-se aqui que o pensamento do que é singular devem da individuação, isto é, o singular como indivíduo único<sup>13</sup>, seja quando se refere a uma espécie perante outras espécies, ou um ser pertencente a uma espécie e, perante os demais seres da mesma espécie, ou, perante os demais seres de outra espécie, tal postura lógica possibilitou então a afirmação que o indivíduo em qualquer análise que se faça, além de não poder ser divisível, como já vimos, nunca pode servir de predicado.

É essa compreensão de indivíduo indivisível, juntamente com o pensamento que existe algo próprio do indivíduo, permitirá ao pensamento lógico apresentar um determinismo que irá reger todos os aspectos do indivíduo, apresentando assim, uma determinação que é inerente ao indivíduo, uma finalidade, sendo essa linha de raciocínio que irá servir de aval ao pensamento metafísico.

Cabendo assim ao pensamento metafísico a explicação e a justificativa dessa determinação e desta finalidade, isto é, cabe a metafísica explicar esse indivíduo que é atribuído ao ser, e que esse indivíduo lhe seja próprio, dessa forma, destinado. Para responder suas questões, o pensamento metafísico apresentará uma variação entre três conceitos filosóficos, são eles: a forma, a matéria e a substância, que de acordo com cada filósofo, cada época se

---

<sup>13</sup> Deve-se frisar que a concepção de único referente ao indivíduo é descrita perante a uma lógica metafísica. O filósofo alemão Max Stirner (1806-1856), propõe o indivíduo como único, mas diferentemente de uma lógica metafísica, seu conceito procura estabelecer uma existência do homem, no qual, ele é que deve estabelecer suas relações, principalmente com as relações que permeiam religiões, ideologias, estado, podendo assim agir livremente, e substituindo de vez em suas questões individual referente ao eu o: *O que é o homem? Pelo: Quem?*

apresentaram de forma distinta como os responsáveis pela formação do corpo e pela atribuição de um indivíduo a ele, isto é de sua existência e essência.

### **Percurso filosófico.**

A preocupação de pensar a respeito do princípio de individuação, ao longo do pensamento filosófico se deu com o questionamento do filósofo árabe Avicena. *Como se constitui a individualidade?* como já visto. A resposta para seu questionamento virá por intermédio de sua metafísica que é pautada na filosofia aristotélica. Seguindo um *hilemorfismo*, se formos procurar na língua grega a origem da palavra *hilemorfismo* teremos a palavra *hyle* que significa matéria, vale apenas frisar que a tradução para *hyle* não se refere a qualquer matéria, mas uma matéria primeira, mais a palavra *morphé* que tem como significado forma.

Temos então um encontro entre matéria e forma, sendo que a forma é responsável pela existência, pelo que há de comum entre os corpos, ou melhor entre alguns corpos, pois estamos falando de uma substância comum, que será responsável pela determinação da espécie e do gênero, veremos que em uma outra ocasião a substância comum será tratada pela palavra comunidade.

Já para a matéria, sobrou a responsabilidade de atribuir ao ser a sua singularidade, isto, é cabe a matéria dar a particularidade ao ser, tornando-o único, singular atribuindo-lhe a sua essência. O pensamento de Avicena chega ao ocidente e tendo uma grande aceitação pelos escolásticos cristãos, é o que podemos notar diretamente na fala de Tomás de Aquino<sup>14</sup> (1988, p. 7).

Avicena diz que a quiddidade das substâncias compostas é a mesma composição de matéria e forma. Comentando o livro VII da Metafísica, escreve o seguinte: “A natureza, possuída pelas espécies sujeitas a serem geradas, constitui um termo médio, ou seja, o composto de matéria e forma”. Com isso concorda igualmente a razão, uma vez que o ser da substância composta não é apenas o ser da forma, nem somente o da matéria, mas o próprio composto, pois a essência consiste naquilo segundo o qual se

---

<sup>14</sup> Tomás de Aquino (1225-1274), conhecido também como Santo Tomás de Aquino, nascido no Reino da Sicília, hoje uma região da Itália, foi teólogo e filósofo da escolástica, também lhe é atribuído o apelido Pai do tomismo. Tomismo é a filosofia proposta por ele, por isso o nome tomismo, que procura integrar a filosofia aristotélica ao cristianismo.

diz que uma coisa existe. Consequentemente é necessário que a existência em virtude da qual uma coisa se denomina ente, não consista só na matéria ou só na forma, se não nas duas juntas, embora só a forma seja a causa, a seu modo, de tal ser ou existência. [...] Contudo visto como o princípio de individuação é a matéria, daqui pareceria talvez que a essência que abranjeria simultaneamente a matéria e a forma, é apenas particular e não universal, donde seguiria que os universais não possuem definições, uma vez que a essência constitui aquilo que é significado ou expresso pela definição.

Mas tal aceitação não apareceria sem carregar pelo menos uma grande interferência dos escolásticos cristãos, isto é, uma modificação conceitual de um dos seus elementos. É o que Tomás de Aquino realiza sobre o pensamento e a proposta de Avicena. Pois para Tomás de Aquino existe duas matérias. A matéria signada<sup>15</sup> e a matéria não signada, que corresponderia a uma matéria comum por assim dizer. Tal interferência modifica em partes a compreensão do princípio de individuação, como podemos ver.

Por isso mesmo cumpre notar que a matéria é, sim, o princípio individualizante: não porém, a matéria *tout court*, mas a matéria signada. Por matéria signada entendemos aquela que é considerada sob certas dimensões. Esta matéria signada não integra a definição de homem enquanto homem, mas integraria a definição de Sócrates, se esse possuir definição. Na definição de homem se trata da matéria não signada, visto que na definição de homem, não se costuma colocar este osso e esta carne concretos, mas pura e simplesmente o osso e a carne, os quais constituem a matéria não signada do homem (AQUINO, 1988, p. 7).

Referente a essa questão Tomás de Aquino (1988, p. 7) continua.

é evidente que a definição de homem em geral, e a desse homem chamado Sócrates só se diferenciam pelo signado e pelo não signado. É por essa razão que o comentador afirma, ao glosar o livro VII da *Metafísica*, que Sócrates não constitui outra coisa senão a animalidade e a racionalidade, as quais constituem a sua quiddidade. Da mesma forma, a essência do gênero e a essência da espécie se diferenciam segundo o signado e o não signado, embora haja outro modo de designação em ambos os casos, uma vez que a designação do indivíduo em relação à espécie ocorre pela matéria determinada por dimensões; contudo, a designação da espécie em relação ao gênero se realiza pela diferença constitutiva, derivante da forma da coisa.<sup>16</sup>

Tendo a matéria e a forma como a explicação da composição o indivíduo, com a sua essência e do corpo com a sua existência. Desta forma fica fácil de perceber que no

<sup>15</sup> É muito mais frequente encontrar a palavra “signada” com a grafia “signata”, seja por comentadores ou em dicionários de filosofia. Optamos por seguir com a grafia nos dada pela tradução do texto de Tomás de Aquino presente na obra: Os Pensadores, obra usada como referência quando trabalhamos com Tomás de Aquino.

<sup>16</sup> Tomás de Aquino nesta passagem usa a palavra comentador, ao se referir a Avicena.

pensamento hilemórfico o próprio princípio de individuação se dá por intermédio de uma substância composta. Como se pode ver, a proposta hilemórfica de Tomás de Aquino, parte do hilemorfismo originalmente pensado por Avicena, mesmo com as alterações realizadas por Aquino, se mantém um pensamento alicerçado na metafísica aristotélica, como na proposta original de Avicena.

Dentro da própria escolástica cristã, o pensamento hilemórfico apresentado por Aquino e defendida pelos seus seguidores tomistas não foi a única proposta de se pensar o princípio de individuação. Falamos então de uma corrente dentro da própria escolástica conhecidos como *Os Agostinianos*. Como o próprio nome denuncia, são teólogos e filósofos que são influenciados pelo teólogo e filósofo Agostinho<sup>17</sup>, sendo assim, guiados pelo pensamento neo platônico de Plotino e em alguns casos, já mantendo contato com os próprios textos de Platão. É o caso do teólogo e filósofo Boaventura<sup>18</sup>.

Boaventura, como dito, ao carregar uma grande influência de Agostinho, traz em seu pensamento uma grande carga da filosofia platônica. Desta forma, seus pensamentos opõem-se as propostas de Tomás de Aquino e dos tomistas, o que possibilita uma nova visão e novas propostas dos temas apresentados e discutidos pelos escolásticos que pautam seus pensamentos na filosofia de Aristóteles.

No que tange o assunto do princípio de individuação, Boaventura se opõe a resposta dada por Avicena e subsequentemente por Tomás de Aquino, uma vez que o seu pensamento refuta a filosofia aristotélica. Boaventura inverte a resposta dada por Avicena. Sendo assim, a matéria é que é a responsável pela composição do corpo e por sua existência e a forma a responsável pelo processo de individuação, isto é, pela particularidade que se atribui ao ser como único e singular, isto é, a sua essência. Como podemos ver em Abbagnano (2007, p. 637).

A corrente agostiniana da escolástica foi levada a reconhecer o princípio da individuação na forma das coisas, mais que na matéria. Boaventura julgava que a forma é a essência que restringe e define a matéria em determinado ser, e situava o princípio da individuação na comunicação (*communication*) entre a matéria e a forma,

---

<sup>17</sup> Agostinho de Hocona (354-430) também conhecido como Santo Agostinho natural da Argélia, de início filósofo pagão tendo como influência do neo platonismo de Plotino, sem nunca ter lido Platão. Após se converter ao cristianismo foi responsável pela integração da filosofia platônica ao cristianismo, foi um dos filósofos e teólogos principais do início do cristianismo.

<sup>18</sup> Boaventura de Bagnoregio (1221-1274) natural da região do Lácio próximo de Viterbo, atualmente uma região da Itália, teólogo e filósofo Sua obra transita entre a teologia e a filosofia, mas com grande influência de Agostinho, sendo um dos nomes mais influentes do grupo da escolástica que tem como influência a filosofia platônica.

portanto o indivíduo é um *hoc aliquid*, em que o *hoc* é considerado pela matéria e o *aliquid* pela forma (*In Sent., III, d, 10, a 1,q.3*)<sup>19</sup>.

Se retornarmos a filosofia platônica que apresenta a existência concomitante de dois mundos<sup>20</sup> o *mundo das Ideias* e o *mundo sensível*, nos torna lógica a compreensão dessa posição frente ao princípio de individuação nos dados por Boaventura e aceita pelos demais filósofos agostinianos da escolástica que o sucedem.

A tese de Platão é a de que cada uma das coisas que habitam o mundo sensível seria a cópia imperfeita de alguma Ideia aqui entendida como uma Forma Pura dotada de uma essência eterna e imutável, que habita o Mundo das Ideias em meio a outras formas ideais, como *beleza, igualdade, circularidade, justiça* etc. Essas formas ideais existem por si mesmas como parte imutável da estrutura da realidade, servindo de referência ou de modelo universal para as coisas individuais apreendidas pela percepção sensível (TOURINHO, 2010, p. 86).

Percebemos então, para Boaventura, o princípio de individuação atribuirá um indivíduo ao ser através da forma, sendo que o gênero e a espécie, juntamente com o corpo fica por responsabilidade da matéria. E pelo fato do pensamento de Boaventura ser pautado na filosofia platônica, não podemos afirmar, como em Avicena e em Aquino, que o ser é formado por uma substância composta, pois no pensamento platônico não cabe a substância<sup>21</sup>. Mas podemos ver que o princípio de individuação atua de forma semelhante a proposta hilemórfica, sendo que Boaventura acrescenta na relação forma e matéria o conceito *communication*, que ao ocorrer o processo de individuação existe uma comunicação entre a forma e a matéria.

Perante dois pensamentos filosóficos que de certo modo se apresentam como distintos, a individuação pelo sistema *hilemórfico* aristotélico ou pela individuação pelo pensamento *hoc aliquid* em uma visão platônica, mas em ambas propostas veremos que elas

<sup>19</sup> Nota-se que ao propor o conceito de *communicatio* Boaventura procura uma aproximação entre a filosofia Platônica da filosofia Aristotélica, mas ao seguir a sua proposta é o pensamento platônico que prevalece, pois como em Platão é a forma que se torna responsável pela individuação.

<sup>20</sup> Não se deve compreender na filosofia platônica a palavra mundo como a compreendemos no mundo físico, pois quando ele se refere ao mundo das Ideias, também chamado de mundo inteligível Platão não está se referindo a um mundo no sentido material, do qual seria possível conhecer pela empiria, pois é um mundo num sentido de um outro plano que não esse, que o próprio Platão o denomina de mundo sensível.

<sup>21</sup> Em Platão e na filosofia que o tem como referência aparece a imagem do Demiurgo, que seria uma espécie de construtor, de arquiteto que irá criar as coisas que são ditas como numerosas e efêmeras, isto é, das coisas que estão em movimento, que sofrem mudanças, estamos falando das coisas existentes no mundo sensível. Demiurgo é a causa dessas coisas, que são criadas a partir das formas perfeitas que se encontram no mundo das Ideias, conhecido também como mundo Inteligível. Estamos falando então de um domínio da filosofia chamado teleologia, tanto que Platão define causa material e a causa teleológica, que se refere a causa formal na composição do ser (tal ideia é encontrada nos diálogos de Fédon). É em oposição a essa teleologia platônica que Aristóteles irá apresentar a sua proposta hilemórfica.

possibilitam a compreensão do indivíduo fora dele mesmo, isto é, compreender o indivíduo sem ser pelo seu princípio de individuação, mas pela determinação da matéria para Avicena e Aquino ou pela determinação da forma para Boaventura como vimos, pois ambas propostas coloca o ser primeiro que o princípio de individuação, como já era visível na proposta de Avicena (2005, p. 89-90).

é necessário que todo ser engendrado, antes de sua geração, seja possível em si mesmo. Pois se for um ser impossível em si mesmo, nunca existirá, absolutamente. A possibilidade de sua existência não o é porque o agente tem o poder sobre ele; o agente não terá poder sobre ele se em si mesmo ele não for possível. [...] a possibilidade de existir não é uma substância fora de um sujeito; então é uma noção em um sujeito, pois é algo que sucede a um sujeito. Denominamos a possibilidade de existir potência para existir, e denominamos o que sustenta a potência de existir e aquilo no qual está a potência para a coisa existir sujeito, matéria primeira, matéria e assim por diante. Por conseguinte, tudo que começa a ser é precedido pela matéria.

Esse olhar metafísico que regerá a lógica e a física ao definir o indivíduo, também será o responsável por um pensamento dual e, portanto, hierárquico que irá subjugar o particular ao universal afirmando assim, ao indivíduo a sua posição de inferioridade frente ao universal, que lhe exerce uma forte imposição estabelecendo um uno, um absoluto que regeria a todos e que atribuirá ao indivíduo valores não só metafísicos, mas morais, políticos e religiosos.

A concepção de indivíduo nos dada por essas duas vertentes de escolásticos, que apresenta um ser indivisível, determinado, único, totalizado e totalizante pode ser pensado efetivamente partindo da filosofia de Platão como vimos, em Boaventura ou através da filosofia de Aristóteles como foi apresentado na filosofia de Avicena e de Tomás de Aquino e que se estendeu durante um longo percurso filosófico sendo possível perceber suas influências até os dias de hoje, pois foram apropriadas por muitas outras teorias.

Uma questão pode ser recorrente a este momento, mesmo sabendo que Aristóteles tenha sido aluno de Platão que após a sua morte, Aristóteles desenvolve toda uma filosofia em oposição ao pensamento de Platão, principalmente no que tange a questão da teleologia: oc que possibilita que duas teorias distintas a platônica e a aristotélica por intermédio de outros pensadores, pudessem apresentar ou chegar ao mesmo resultado? Isto é, um ser indivisível, determinado único, totalizado e totalizante e que possa ser explicado por si só fora do seu processo de individuação.

Isso se deve à lógica apresentada por Boécio<sup>22</sup>, como nos demonstra Savian Filho (2008, p. 146).

Pode notar um certo caráter platônico-agostiniano marca a concepção gnoseológica de Boécio, em detrimento de uma posição a que se poderia chamar aristotélica, segundo a qual a questão do universal se resolveria pela afirmação de que, embora eles possuam essência, é apenas nos indivíduos que eles têm substância. Entretanto, o cruzamento dessas duas tradições não parece contraditório a Boécio. Ao contrário, a partir de ambas, ele produz uma outra semântica e, portanto, uma outra ontologia; e insistir na originalidade dessa semântica. [...] Boécio reorganiza o vocabulário do ser e articula, a partir desse vocabulário, uma concepção do ser “ao mesmo tempo” platônica e aristotélica<sup>133</sup>, afinal, de um lado, seu mundo é um mundo em que somente os indivíduos são substância (filiação aristotélica), e, de outro, é um mundo em que os gêneros e as espécies são os únicos a ser “apenas subsistentes” (filiação platônica). Com efeito, a substância, para Boécio, é o suporte do qual os acidentes necessitam para ser, enquanto a substância é a propriedade daquilo que não carece de acidentes para poder ser. Se é assim, então os gêneros e as espécies são “apenas subsistentes” (*subsistunt tantum*), ao passo que os indivíduos são, ao mesmo tempo, subsistentes e substância<sup>23</sup>.

Uma outra forma de se pensar o princípio de individuação que não fosse diretamente pautada no pensamento platônico nem no pensamento aristotélico, nos foi dada ainda dentro da própria escolástica, mais especificamente no seu final, pelos filósofos e teólogos nominalistas<sup>24</sup> empíricos, inicialmente pelas investigações acerca do princípio de individuação realizada por Ockham<sup>25</sup>.

Ockham afirmava que nas propostas *hilemórfica* e *hoc aliquid*<sup>26</sup>, no que tange a questão da espécie e do gênero, existência, juntamente com o indivíduo, essência, estariam se referindo a uma substância composta, matéria e forma, ou a criação demiúrgica, forma e matéria, e principalmente no que se refere a espécie e ao gênero, Ockham era categórico ao afirmar que existiria uma espécie de universal na matéria composta e na ação demiúrgica, que de certa forma o universal reincidiria diretamente na coisa, o que invalidaria as duas propostas.

<sup>22</sup> Anício Mânlio Torquato Severino Boécio (480-524/525), conhecido apenas por Boécio filósofo e teólogo com participação política em cargos públicos conhecedor do pensamento e da cultura da Grécia antiga entre seus escritos destacam-se seus estudos e sua proposta referente a lógica.

<sup>23</sup> Na citação aparece uma nota com o número 133, a qual permite Savian Filho afirmar que Boécio ao organizar seu vocabulário consegue trazer lado a lado a concepção do ser Platônico e Aristotélico. Segue a referência. Cf. A. De Libera, *La querele des universaux*, op. Cit., p. 169.

<sup>24</sup> Nominalismo é uma corrente filosófica cujo pensadores não acreditam que o universal esteja nas coisas. Para os nominalistas o universal só é aceito nas palavras, o que irá também justificar o nome desta corrente filosófica.

<sup>25</sup> Willian of Ockam no inglês ou Guilherme de Ockham (1285-1347) filósofo inglês e pertencente do então conhecido núcleo de Oxford também foi teólogo e principal nome da corrente filosófica nominalista, desta forma não poderia ter outra atuação e destaque que não seja no campo da lógica.

<sup>26</sup> Deve-se deixar claro que Ockham não utiliza essas expressões em seu texto (pelo menos não no texto que nós utilizamos como referência). Se optamos em utilizar aqui essas expressões é devido ao fato de tê-las utilizadas para distinguir as propostas referente ao princípio de individuação.

Ockham então pensará a composição do ser sem a presença de um universal que possa reincidir na coisa propriamente dita, em qualquer aspecto dará uma nova perspectiva filosófica, assim, principalmente no que tange o ao princípio de individuação como podemos ver:

Sobre o modo como a existência se relaciona com as coisas, ou seja, sobre a questão de saber se a existência e a essência da coisa são duas coisas distintas entre si extremamente. Parece-me que não são duas coisas, não significando a existência uma coisa distinta da própria coisa. Com efeito no caso afirmativo, a existência seria ou uma substância ou um acidente. Não se trata de um acidente, porque então a existência do homem seria uma qualidade ou uma quantidade, o que é manifestamente falso, como se prova indutivamente. Também não se pode dizer que seja uma substância, porque toda substância é matéria e forma, ou um composto, ou uma substância absoluta (substância separada); mas evidentemente não pode falar que nenhuma dessas hipóteses no caso de ser a existência outra coisa que a essência dessa mesma coisa.

De modo semelhante: Se fosse duas coisas, ou constituiriam essencialmente uma realidade ou não. Se sim, seria preciso que uma fosse ato, e a outra potência, sendo por consequência uma coisa matéria e a outra forma, o que é absurdo. Se não formassem uma unidade, seriam apenas um agregado, ou seja, constituiriam uma unidade tão-só por acidente, donde se seguiria que uma é acidente da outra (OCKHAM, 1989, p. 149)

Desta forma, Ockham nega que a particularidade, ou a singularidade por assim dizer, seja atribuída ao ser pela forma ou pela matéria, pois como vimos ele não acredita que a singularidade seja algo que é atribuída por um acidente, ou por algo que exista antes mesmo de si, como pretendia Avicena, Aquino e Boaventura. Para Ockham a singularidade é uma propriedade que pertence imediatamente a cada coisa.

Como nos demonstra Ockham (1989, p. 149): que entidade e essência não são duas coisas, mas que essas duas palavras “coisa” e “ser” significam uma e mesma coisa, sendo que a primeira nominalmente e a segunda verbalmente. Assim para Ockham, o ser está fundado nele mesmo, e não aceita algo que for lhe atribuído fora de si. Embora seja Ockham, que encabeçou os nominalistas empíricos a destituir uma visão voltada para o hilemorfismo ou para o *hoc aliquid* como princípios de individuações, o indivíduo não pode ser explicado fora dele mesmo, uma vez que sua singularidade, isto é, sua particularidade, de certa forma, já está contida na coisa.

Uma outra forma de compreender o princípio de individuação, que não foi, por assim dizer, estruturada, propriamente dito, por um único filósofo, como vistos nos exemplos

anteriores, nos foi dado pelos filósofos que seguem a corrente filosófica monista<sup>27</sup>. Pois, para eles o ser não pode ter sua composição por um pensamento dual, como pelo *hilemorfismo* ou pelo *hoc aliquid*, desta forma, a existência e a essência não são duas coisas distintas como pretendiam Avicena, Aquino e Boaventura.

Para os monistas o ser é composto de apenas uma substância, e que tal substância não se apresentaria composta de modo algum, assim sendo tanto o ser, existência; e o indivíduo, essência; seriam a mesma coisa e estaria contido em apenas uma única substância, sendo portanto a substância o Princípio individualizante. Podemos observar uma certa aproximação da proposta monista com o pensamento apresentado por Ockham. Mas tal aproximação se deve ao fato de Ockham negar o dualismo proposto pelas teorias anteriores a ele. Já o pensamento Monista também é negado pela proposta de Ockham, pelo fato da substância apresentada como princípio individualizante, carrega em si um universal e que reincide na própria coisa.

Tais pensamentos, visões, propostas que abordam o indivíduo e o princípio de individuação até então aqui apresentados, não nos convenciam e, portanto, não nos reconfortavam, apenas nos enchiam de inquietudes. Até que nos deparamos com as interrogações do filósofo francês Gilbert Simondon, trabalhada em sua tese: *A Individuação à Luz das Noções de Forma e Informação* escrita em 1958.

### **Das oposições de Simondon.**

O que já nos despertou em Simondon é que, logo de início, na introdução de sua tese ele se opõe a essas formas de compreender o indivíduo e o princípio de individuação que apresentamos acima em toda as suas variações, em seguida, ao se posicionar Simondon procura demonstrar o que é que ele quer com as suas investigações referente ao princípio de individuação, como podemos ver.

Existem duas vias segundo as quais a realidade do ser como indivíduo pode ser abordada: uma via substancialista, que considera o ser como consistindo em sua unidade, dado por si próprio, fundado sobre si mesmo, engendrado, resistente ao que não é ele próprio; uma via hilemórfica, que considera o indivíduo como engendrado

---

<sup>27</sup> Derivação da palavra monista que dentro da tradição filosófica se apresenta como uma escola, a qual defende uma unidade em seus conceitos, como o próprio nome sugere, se opondo ao pensamento dualista ou pluralista.

pelo encontro de uma forma e de uma matéria. O monismo, centrado em si mesmo, do pensamento substancialista opõe-se à bipolaridade do esquema hilemórfico. No entanto, há algo em comum nestas duas maneiras de abordar a realidade do indivíduo: ambas supõem que existe um princípio de individuação, capaz de explicá-la, de produzi-la, de conduzi-la. A partir do indivíduo constituído e dado, esforçamo-nos para remontar às condições de sua existência. Essa maneira de propor o problema da individuação, partindo da constatação da existência de indivíduos, encerra uma pressuposição que deve ser elucidada, porque conduz a um aspecto importante das soluções que propomos e se insinua na busca do princípio de individuação: é o indivíduo, enquanto indivíduo constituído, que é a realidade interessante, a realidade a explicar. O princípio de individuação será investigado como um princípio capaz de explicar os caracteres do indivíduo, sem relação necessária com outros aspectos do ser que poderiam ser correlativos da aparição de um real individuado (SIMONDON, 2003, p. 98).

Há também que registrar, neste momento, que outras formas de se pensar o indivíduo e o princípio de individuação, que apareceram ao longo dos anos e que antecederam Simondon que necessariamente possibilitam uma aproximação com o seu pensamento e sua proposta. É o caso da proposta referente ao princípio de individuação do filósofo escocês Duns Scot<sup>28</sup>, que ao apresentar o seu pensamento referente ao princípio de individuação, parte de uma compreensão hilemórfica, que de início segue os moldes do princípio de individuação apresentada por Avicena e por Tomás de Aquino. Duns Scot compreende que a natureza comum, tratada por ele também apenas como natureza, apresenta-se como uma unidade própria, distinta do indivíduo e do ser. Distinguindo-se assim da proposta hilemórfica apresentada pelos filósofos que o antecederam.

Dessa forma, Duns Scot aceita que o ser seja composto por matéria e forma, portanto uma substância composta, o que lhe garantiria a existência. A alma que dotará o ser lhe garantiria a sua essência, o indivíduo se faria presente nesse ser também, mas o indivíduo não estaria na natureza e, portanto, não seria atribuído nem pela matéria, como propunham Avicena e Tomás de Aquino, nem pela forma como queria Boaventura. Tal pensamento também o afastaria da proposta substancialista desenvolvida pelos monistas.

Poderíamos perceber as preocupações e as indagações que levaram Scot a sua investigação no que tange o princípio de individuação:

E, já que acerca da distinção individual na substancia material há uma variedade de opiniões, então, segundo a variedade de opiniões, uma variedade de questões será formulada: pergunta-se, portanto, primeiro, se a substancia material e individual ou singular por si ou por sua natureza; segundo, se e individual através de algo positivo

---

<sup>28</sup> Duns Scot, também conhecido como João Duns Escoto (1265-1308), filósofo e teólogo da escolástica, foi professor do núcleo de Oxford e um de seus principais membros.

intrínseco, terceiro, se é individual através da existência atual ou se alguma outra coisa e a razão da individuação; quarto, se através da quantidade; quinto, se através da matéria; sexto, se através de alguma entidade positiva que determina por si a natureza a singularidade; sétimo e último, se é possível existirem muitos anjos na mesma espécie.] (SCOT, 1996, p. 242).

Portanto o que distingue o princípio de individuação de Duns Scot de todo o pensamento filosófico no que tange o princípio de individuação que o antecede é a sua compreensão de singularidade, que diferentemente dos demais filósofos que enxergam a singularidade no indivíduo, isto é, Duns Scot encontra a singularidade na natureza, portanto, a singularidade não é algo que seria imanente é atribuído ao ser pelo princípio de individuação, como podemos ver.

Alguma unidade real está na coisa, sem nenhuma operação do intelecto, menor que a unidade numérica ou que a unidade própria do singular, "unidade" que e da natureza de acordo consigo mesma, -e de acordo com esta "unidade própria" da natureza, na medida em que é natureza, a natureza é indiferente a unidade da singularidade; portanto, não é, de si, uma, naquela unidade, a saber, na unidade da singularidade (SCOT, 1996, p. 247).

Como nos demonstra Duns Scot a singularidade é anterior ao próprio indivíduo, uma vez que a singularidade é compreendida como a própria natureza, sendo que quando um ser se individua, esse indivíduo passa a restringir a natureza. Como a discussão da individuação sempre permeia outros conceitos como o que anteriormente trazíamos como substância comum que seria o mesmo que falar em gênero e em espécie, é só pensar no homem enquanto humanidade e a sua individualidade é o que lhe dará a sua particularidade.

Perceberemos que no pensamento de Duns Scot a substância comum, isto é a espécie e o gênero, será chamada de comunidade devido a sua visão de relacioná-la com a natureza, como fez com a singularidade, como podemos ver.

É claro que a comunidade e a singularidade não estão para a natureza como o ser no intelecto e o ser verdadeiro fora da alma, pois a comunidade cabe a natureza fora da alma, e semelhantemente a singularidade, - e a comunidade cabe por si a natureza, mas a singularidade cabe a natureza por algo que a restringe na coisa; mas a universalidade não cabe a coisa por si. E assim concedo que se deve procurar a causa da universalidade, mas não se deve procurar outra causa da comunidade além da própria natureza; e tendo sido colocada a comunidade na própria natureza de acordo com sua própria entidade e unidade, é preciso necessariamente buscar a causa da singularidade, que adiciona algo aquela natureza da qual é (SCOT, 1996, p. 250).

A individualidade em Duns Scot é tratada por ele como “entidade Positiva” ou como a última realidade do ser, que tem a sua expressão em latim: *ad esse hanc rem*, também chamada conceitualmente por *haecceitas* ou hecceidade. Essa última realidade do ser também é vista como uma atribuição que se dará ao ser a partir de uma determinação, sendo que essa determinação devém da singularidade, que é o que restringe a natureza no indivíduo, como já dito anteriormente.

O que se deve deixar claro também, é que para Duns Scot a singularidade não é formada apenas por uma única determinação, pois há na singularidade uma infinidade de determinações que a compõe, sendo assim, ao tratar a individuação como a última realidade do ser ele não fecha a possibilidade de não haver outras possíveis realidades para esse mesmo ser, como se ele apenas dissesse: a realidade do ser.

Digo que, ...uma vez que nada pode ser mais comum que o ser, e que o ser não pode ser um predicado comum unívoco e quidditativo de *tudo* que é por si mesmo inteligível (já que não pode ser predicado desta forma nem das diferenças últimas nem de seus atributos) segue-se que nada é objeto primeiro de nosso intelecto em razão de sua comunidade quidditativa em relação a tudo que é por si inteligível. Não obstante isto, digo que o primeiro objeto do nosso intelecto é o ser porque ele concorre uma dupla primazia, isto é, a de comunidade e a de virtualidade. Pois tudo que é por si mesmo inteligível ou inclui essencialmente a noção de ser ou está contido virtual ou essencialmente em algo que inclui essencialmente a noção do ser. De fato, todos os gêneros, espécies e indivíduos, todas as partes essenciais dos gêneros e o ser incriado incluem o ser quidditativamente. Por outro lado, todas as diferenças últimas estão incluídas essencialmente em algum dos supramencionados e todos os atributos do ser estão incluídos virtualmente no ser e nos seus inferiores. Portanto, aquilo para que o ser não é predicado unívoco e quidditativo está incluído naquilo para o qual o ser é unívoco deste modo. Fica assim claro que o ser tem primazia de comunidade aos primeiros inteligíveis, isto é, em relação aos conceitos quidditativos dos gêneros, espécies e indivíduos; de todas as partes essenciais destes; e do ser incriado. E tem primazia de virtualidade em relação a todos os inteligíveis incluídos nos primeiros inteligíveis, isto é, em relação aos conceitos Qualitativos das últimas e dos atributos próprios. (SCOT, 1989, p. 102-103)<sup>29</sup>

Pensar a individuação através da hecceidade, como acabamos de ver, desenvolvida pelo Duns Scot, isto é, pensar a individuação partindo pela última realidade do

---

<sup>29</sup> Nesta passagem há uma nota do tradutor do qual achamos que seja importante transcrevê-la: “Primazia de comunidade ou de predicação comum quer dizer que o ser concebido como um substantivo pode ser atribuído ao gênero, espécie e indivíduo; às partes essenciais dos gêneros; ao ser incriado. O ser é um predicado quidditativo (*praedicatum in quid*) de tudo isso.

Primazia de virtualidade quer dizer que a relação do ser para com as diferenças últimas e os atributos do ser é por assim dizer, indireta, isto é, que as diferenças últimas estão incluídas essencialmente (como diferenças específicas ou determinações transcendentais) em alguns dos conceitos supramencionados e que os atributos do ser estão incluídos virtualmente (como propriedades) nele e nos seus inferiores (os conceitos que recebem predicação quidditativa do ser) (SCOT, 1989, p. 102).

ser, sendo que um ser se compõe por diferentes últimas realidades, ou diferentes atributos Duns Scot nega toda a visão de um indivíduo que os filósofos que o antecederam apresentavam, como foi apresentado anteriormente. Podemos dizer que o pensamento de Duns Scot realmente divide a filosofia no que tange os estudos de individuação. Pelo menos até os estudos de Gilbert Simondon.

Seu pensamento mesmo partindo de um hilemorfismo é inaceitável para os demais filósofos que se apoiavam em um determinismo absoluto, seja pelo hilemorfismo, pelo *hoc aliquid* ou pelo *substancialismo*. Sua proposta e seu conceito de hecceidade passa a ser também referência para muitas outras teorias, algumas como a de Ockham, demonstra-se claramente que foi influenciado pelo pensamento de Scot ao desenvolver sua própria teoria referente ao princípio de individuação, mas que ao longo de seu pensamento acaba se distanciando. Vale apenas lembrar que Scot foi professor de Ockham.

Podemos perceber também algumas aproximações do princípio de individuação proposto por Duns Scot com a proposta do princípio de individuação de Gilbert Simondon, como por exemplo: A singularidade anteceder o indivíduo e a individuação não ser finita, isto, o indivíduo é dado por uma determinação absoluta, essas aproximações se devem ao conceito de hecceidade.

Duns Scot, através de seu conceito de hecceidade influenciou também o pensamento de Gilles Deleuze e conseqüentemente sendo caro a sua Filosofia da Diferença, pois coube uma atenção especial a compreensão do ser em Duns Scot na tese *Diferença e Repetição* do próprio Deleuze (2006, p. 71-72).

O ser é pensado como unívoco mas o ser unívoco é pensado como neutro, *neuter*, indiferente ao infinito e ao finito, ao singular e ao universal, ao criado e ao incriado. Duns Scot merece, pois, o nome de “doutor sutil”, porque seu olhar discerne o ser aquém do entrecruzamento do universal e do singular. Para neutralizar as forças da analogia no juízo, ele toma a dianteira e neutraliza antes de tudo o ser num conceito abstrato. Eis por que ele somente pensou o ser unívoco. Vê-se o inimigo que ele se esforça por evitar, em conformidade com as exigências do cristianismo: o panteísmo, em que ele cairia se o ser comum não fosse neutro. Todavia, ele soube definir dois tipos de distinções que reportavam a diferença entre o ser neutro indiferente. A *distinção formal*, com efeito, é uma distinção real, pois é formada no ser ou na coisa, mas não é necessariamente uma questão numérica, porque se estabelece entre essências, ou sentidos, entre “razões formais” que podem deixar subsistir a unidade do sujeito a que são atribuídas. Assim, não só a univocidade do ser (em relação a Deus e às criaturas) se prolonga na univocidade dos “atributos”, mas, sob a condição de sua infinitude, Deus pode possuir esses atributos unívocos formalmente distintos sem nada perder de sua unidade. O outro tipo de distinção, a *distinção modal*, estabelece-se entre o ser ou os atributos, por um lado e, por outro, as variações intensivas de que eles são capazes. Estas variações, como os graus do branco, são modalidades

individuanes das quais o infinito e o finito constituem precisamente as intensidades singulares. Do ponto de vista da própria neutralidade, o ser unívoco não implica, pois, somente formas qualitativas ou atributos distintos, eles mesmos unívocos, mas se reporta e os reporta a fatores intensivos ou graus individuanes que variam seu modo sem modificar-lhe a essência enquanto ser. Se é verdade que a distinção em geral reporta o ser à diferença, a distinção formal e a distinção modal são dois tipos sob os quais o ser unívoco em si mesmo, por si mesmo, se reporta a diferença.

O princípio de individuação a partir do questionamento de Avicena teria sido ao longo do pensamento filosófico, um campo em disputa, com referências as propostas pautadas no hilemorfismo como vimos com Aquino e na inversão lógica do no *hoc aliquid* do Boaventura. Além das propostas que se fazem oposição, como o substancialismo dos monistas, o pensamento dos nominalistas empíricos tendo sua maior expressão na proposta de Ockham, que visivelmente se apoiou na *hecceidade* proposta por Duns Scot, como acabamos de ver, e que possibilitou um novo pensar o princípio da individuação desde então.

A partir dessas propostas, outros tantos filósofos foram nitidamente influenciados ao pensar o princípio de individuação com: Locke (1632-1704), Leibniz (1646-1716), Wolff (1679-1754), Hegel (1770-1831), Schopenhauer (1788-1860), Kierkegaard<sup>30</sup> (1813-1855) e Bergson (1859-1941) que de alguma forma, foram influenciados por uma dessas teorias para que pudessem pensar o indivíduo ou o princípio de individuação.

### **Um percurso científico.**

O pensamento de Simondon não se restringe apenas ao pensamento filosófico, uma vez que ao decorrer dos anos as investigações referentes ao princípio de individuação e ao próprio indivíduo não se restringiu apenas a filosofia, muito pelo contrário, conforme outras

---

<sup>30</sup> Referente ao Kierkegaard vale a pena ressaltar a contribuição de Abbagnano (2007, p. 640). “A existência corresponde à realidade singular, ao indivíduo (o que já foi ensinado por Aristóteles): fica fora do conceito e, de qualquer modo, não coincide com ele” (Diário, X2 A, 328). O indivíduo é superior ao universal, ao contrário do que julgava Hegel. “Nos gêneros animais sempre vale o princípio de que ‘o indivíduo é inferior ao gênero’. O gênero humano, justamente porque cada indivíduo é criado à imagem de Deus, tem a característica de ser o indivíduo superior ao gênero” (ibid., X2, A, 426). Em Kierkegaard, essa exaltação do indivíduo é acompanhada pela desvalorização da categoria “público” em que o indivíduo desaparece; mas o público não é a comunidade na qual, ao contrário, o indivíduo é reconhecido como tal (ibid., X2, A, 390). O *único* de Stirner, e o *super-homem* de Nietzsche, são concepções análogas à que Kierkegaard indicou como indivíduo. No mesmo sentido, Jaspers insere o caráter excepcional do indivíduo (Phil. II, p. 360).

áreas do conhecimento foram mostrando interesse e avançando nas suas investigações, principalmente as ciências naturais o interesse pelo tema foi perdendo força na filosofia.

Simondon, desta forma, abre suas investigações até as ciências naturais, realizando uma análise em conceitos como a ontogênese e a biogênese indagando-se assim, como é que a questão do indivíduo, e de como essa individualidade se constitui são apresentadas pelas ciências naturais.

Simondon ainda propõe um repensar a *lei da biogenética* por apresentar uma espécie de determinismo biológico, propondo como alternativa uma inversão da ontogênese, desta forma pode pensar um princípio de individuação para os *seres vivos* a partir do princípio que se dá a individuação dos *seres físicos*. Tal processo de individuação apresentará uma variação devido às características presentes nos *seres vivos*<sup>31</sup>, que difere das características apresentadas nos *seres físicos*, “pois, a vida não é uma substância distinta da matéria; supõe processos de integração e diferenciação que não podem de nenhuma maneira estar dado por outra coisa que não seja uma estrutura física” (SIMONDON, 2009. p. 236-237. livre tradução)

32.

Simondon, desta forma, nega as visões presentes na ciência moderna que para manter suas teorias, prendem-se no discurso de um pensamento dual fortemente presente no conceito de organização. A ciência biológica apresentará de início, ao tratar a questão do indivíduo e do princípio de individuação, duas maneiras distintas de proceder, mas ambas pautadas num dualismo de se apresentar os seres existentes no mundo, sendo eles: os seres físicos, e os seres vivos, sendo que o que diferencia um ser do outro é a distinção da organização presente em cada ser.

Na primeira proposta da ciência biológica haveria uma organização inferior (*ser físico*) e outra organização superior (*ser vivo*), que prima em seu princípio de individuação uma hierarquia justificável pelo grau de organização que cada estrutura apresenta e que é responsável também pela finalidade a ser atingida, finalidade que segue também uma hierarquia determinada pelo seu grau de organização.

---

<sup>31</sup> Dentro das características apresentadas pelos *seres vivos* que diferenciariam dos *seres físico*, apresentam uma complexidade na qual existe uma outra variação, no qual distingue os *seres vivos*, sendo que nos *seres vivos* que apresenta o *psíquico* aparecem novas operações ao princípio de individuação.

<sup>32</sup> Integração e a diferenciação no vivente se dá com sua relação com o *grupo* e com o mundo, podendo ser independente das operações no seu interior [...] tal ação no exterior causam mudanças na estrutura do conjunto e no que produz (SIMONDON, 2009. p. 235. livre tradução). Se pensarmos em Bergson podemos enxergar a matéria na integração e a duração na diferenciação.

Teoria a qual se liga visivelmente a um postulado que tem como base uma filosofia da essência, seja ela idealista ou que possui uma física composta por substância e matéria. Tal herança que se faz postulado impede qualquer pensamento que um ser por natureza inerte, portanto, portador de uma *organização inferior* (ser físico) possa originar um *ser vivo*, que por mais simples possa ser sua estrutura, possui uma *organização superior*. Se pensarmos na biogênese proposta por Louis Pasteur essa compreensão se torna mais fácil de se perceber, pois carrega a sua máxima em latim: *Omne vivum ex vivo*, que em sua tradução significa: *Toda vida vem da vida*.

Embora Simondon rompa com esse postulado e com toda possibilidade de hierarquização, ele também não aceita a proposta dos materialistas modernos, que também supostamente não seguiriam esse mesmo postulado, por procurar afirmar que os *seres vivos*, são originados pelos *seres físicos*, indo assim contra a ideia central do postulado, mas defendem em sua teoria uma conservação de uma organização na passagem do *ser físico* ao originar o *ser vivo*.

Nessa passagem, do *ser físico* ao *ser vivo*, nada se perderia, nada se criaria, pois dar-se-ia por uma transformação nessa organização que foi conservada, sendo possível devido à existência de uma ligação na estrutura interna, originada em uma relação direta entre objeto e sujeito, pelo qual, a individuação do *ser vivo*, de certa forma, já existiria desde a forma física que o antecede, tendo assim, uma individuação que buscaria sua finalidade já contida em sua matéria e substância.

Como podemos observar na crítica oriunda de Simondon (2009, p. 233. Livre tradução):

Segundo essa teoria haveria um nível determinado de organização em cada sistema, e podendo ser encontrado os mesmos níveis em um ser físico e em um ser vivo. Por essa razão, supõe-se que quando seres como um animal que é composto por várias categorias sobrepostas em sequência em um sistema de integração, não mantém relação a uma única organização que seria causa, origem ou uma equivalência externa: estando limitado ao nível de organização que pertence a cada sistema, pode-se pensar que um ser parece possuir um alto nível de organização, é na verdade, porque incorpora elementos de informação e de integração, sendo que sua tarefa integradora é bastante limitada. A própria individualidade estaria então reduzida a uma organização que a estreitasse, dando um sentido muito importante ao termo natureza uma vez que o indivíduo não é produto de suas ações, no qual cada indivíduo seria um devedor da natureza que a organização parece possuir em si. É possível supor desta forma que a importância da relação externa com o meio é igual a importância interna da organização contida em um indivíduo.

Podemos perceber aqui, que Simondon nega qualquer pensamento seja ele pela filosofia ou pelas ciências que prega um indivíduo indivisível, determinado e acabado, não podemos pensar que Simondon não tem outras influências, sejam elas na filosofia, como nas ciências, pois como veremos, não há como negar uma certa aproximação de Duns Scot, como já mencionado e da teoria dos afectos presente na filosofia de Spinoza. E dentro das ciências naturais, partindo da *informação*, dado ignorado principalmente pelos modernos, por apenas aceitarem como dados possíveis apenas o que for matéria e energia, essa questão da informação presente na proposta de Simondon, foi o que possibilitou dar uma nova visão a questão do princípio de individuação, juntamente com conceitos como disparação, metaestabilidade e transdução.

## EM MOVIMENTO

Devido ao caráter teórico apresentado em nossa pesquisa e da extrema importância de realizarmos uma composição de um campo teórico, torna possível localizar o nosso território, do qual e pelo qual podemos e nos é possibilitado falar, e que tal fala, fale por nós, pois assim seria possível dizer que de certa forma a pesquisa tem como origem nossas experimentações e utilizações do mundo, que de alguma forma, pois não é consciente, criou-nos tensões que nos lançam em movimento.

Tal postura nos é cara pelo fato de aceitarmos que o pensamento não seja algo natural e sim uma violência que se dá sempre mediante a experimentação, há um algo que nos força a pensar, que nos lança ao pensamento. “O que é primeiro no pensamento é o arrombamento, a violência, é o inimigo, [...]. Não contemos com o pensamento para fundar a necessidade relativa do que ele pensa; contemos, ao contrário, com a contingência de um encontro com aquilo que força a pensar” (DELEUZE, 2006. p.203).

Isso se dá pelo fato de buscar, o que é próprio de nosso tempo, por assim dizer buscar o que é nosso contemporâneo. Para tal, é preciso estar em Agamben (2009) quando vai ao poeta russo: Osip Mandel'stam buscar na sua poesia *O Século*, o tempo que lhe é a vértebra de um monstro, uma fera, e que tal vertebra, é composta pelo tempo de vida do indivíduo e pelo tempo histórico coletivo. Uma vértebra se dá de forma linear contínua, o que levaria o indivíduo a uma sequência que não lhe seria contemporânea, isto é, o tempo do vivido, mas pensado e forjado em um tempo anterior do vivido, pois é preciso dar sequência, continuidade.

Desta forma, deve-se segundo Agamben (2009), quebrar esse dorso, separar o que é tempo histórico coletivo do que é tempo vivido, pois o contemporâneo é essa fratura, não é algo que se dê continuidade, é algo que é criado a partir de uma fissura. Pois se é vivido, deve ser experimentado, criado e inventado não reproduzido, pois o que é reproduzido, se é conhecido, já foi vivido, e necessariamente não por todos, porque está dado, está na luz, é como se fosse um decalque que leva o corpo a seguir, mesmo se for um enunciado.

Se é experimentado, é porque se lançou no escuro, negou-se a luz, negou-se ao conhecido, optou-se pela cartografia, abriu-se ao movimento, as mudanças sensíveis, seja pelo vento, pelas pegadas, pela chuva, buscou as linhas que compõem o nosso tempo, isto é, as linhas de nossa fissura. É mapear, tatear a fratura, é se “aquele que percebe o escuro do seu tempo

como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, algo que, mais que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provem de seu tempo” (AGAMBEN, 2009, p. 64).

Portanto, não é estar no contemporâneo, é ser contemporâneo, não é perguntar o porquê? E sim. Como? E isso só é possível devido a uma inquietude, que não se dá de forma racional, mas sim nas sensações do vivido que efetua um encontro. “O que é encontrado pode ser Sócrates, o templo ou o demônio. Pode ser apreendida sob tonalidades afetivas diversas, admiração, amor, ódio, dor. Mas, em sua primeira característica, e sob qualquer tonalidade, ele só pode ser sentido” (DELEUZE, 2006. p.203).

Foi mediante um desses encontros fortuitos de nossa vida que nos forçou, lançou-nos ao pensamento e perante tantos outros encontros, um dele nos fez chegar a Gilbert Simondon, na realidade, chegamos a ele pela sua indagação no que tange o indivíduo e sua proposta referente ao *princípio de individuação*, o que colocou nosso problema próximo de um pensado por ele, mas desdobrando, em nosso caso, a educação como área do conhecimento.

Não temos a pretensão de pensarmos que fomos os únicos a termos esse encontro, ou melhor, de buscarmos mediante a este encontro as soluções para os nossos problemas, pois os mesmos pertencem ao tempo vivido, cabendo-nos então realizar a fratura e de nos colocar frente aos problemas de nosso tempo. Desta forma, torna-se crucial importância, logo de início, mapear, buscar as linhas traçadas por outros, que em forma de pesquisa, como nós, fraturaram o tempo e se colocaram no problema, não digo que sejam idênticos a nossa questão, mas próximos, nas redondezas: o *princípio de individuação* e a educação.

Nossa investigação constituiu-se em dois movimentos, o primeiro foi procurar artigos, dissertações e teses que abordassem a questão do princípio de individuação em Simondon e o relacionasse com a educação vista como área do conhecimento em sites de caráter acadêmico que possuem como finalidade a divulgação e o acesso dos mesmos, são eles: Scientific Electronic Library Online – SciELO<sup>33</sup>. Portal de Periódicos da Capes<sup>34</sup>, acessado na Biblioteca Comunitária – UFSCar, São Carlos, pois no local tivemos acesso aos textos reservado aos assinantes deste serviço. Acervo da Fundação Carlos Chagas – FCC<sup>35</sup>, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED<sup>36</sup>, buscando em

<sup>33</sup> <http://www.scielo.org/php/index.php>

<sup>34</sup> <http://www.periodicos.capes.gov.br/>

<sup>35</sup> <http://acervo.fcc.org.br/>

<sup>36</sup> <http://www.anped.org.br/reunioes-cientificas/nacionais>

todas as reuniões científicas nacionais. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD<sup>37</sup>.

Neste movimento utilizamos como descritores de busca duas palavras Simondon e Educação e sua variação no inglês – Education. Não optamos pela utilização direta de Gilbert Simondon como descritor de busca, pelo fato de observarmos em nossas experimentações, que por algum motivo, essa busca omitia alguns textos, o que ocasionaria uma análise parcial, de uma busca que de certa forma é parcial, devido aos critérios aqui escolhidos e mencionados. Primeiro eliminamos todos os textos que apareceram na pesquisa que não era referente ao filósofo francês Gilbert Simondon, e em seguida eliminamos todos os textos que mesmo referentes ao Simondon não estivessem falando de alguma forma de educação ou tratando de um assunto que remetesse aos interesses da mesma.

Já no site da Anped, nossa busca ocorreu de forma diferenciada. Nas edições 34<sup>a</sup>, 35<sup>a</sup> e 36<sup>a</sup>, as quais possuem um campo de busca e pelo fato desta ser restrita às palavras que estão no título do texto ou do nome dos autores optamos por expandir as palavras dispostas como descritoras de buscas. Além de Simondon, foram utilizados também como descritores de busca, os nomes dos autores e coautores que tenham algum texto que trabalham com os conceitos de Simondon. Esses nomes chegaram em nossas pesquisas a partir do levantamento que fizemos em outros sites aqui já mencionados, além da pesquisa das palavras individualização, transdução e metaestabilidade.

Já nas edições anteriores as mencionadas, da 1<sup>a</sup> a 33<sup>a</sup>, pelo fato de não possuírem um campo de busca, optamos por buscar título por título os trabalhos nos GT 07 – Educação de crianças de 0 a 6 anos, por apresentarem trabalho utilizando pensamentos e conceitos de Simondon na edição 35<sup>a</sup>, no GT 08 – Formação de professores, o que coincide com nossas pesquisas em sites anteriores que também apresentam trabalhos utilizando o pensamento e conceitos de Simondon e; no GT 17 – Filosofia da educação, pelo fato de nossa pesquisa ser pautada na teoria de um filósofo.

Após os textos serem localizados e selecionados eles foram fichados, e nestas se encontram-se: a fonte, a área do conhecimento na qual o texto se localiza, qual é o conceito principal do Simondon trabalhado no texto, uma síntese e em qual site, sem ser o que encontramos, o texto também estaria disponível. As fichas encontram-se no ANEXO I.

O segundo movimento, que descreveremos aqui, refere-se ao material que nos chegou com o desenrolar da pesquisa. Diríamos que em seu/nosso movimento cartográfico, seja

---

<sup>37</sup> <http://bdtd.ibict.br/>

pelos agenciamentos/acontecimentos que se deram ao decorrer de nosso finito e limitado espaço-tempo acadêmico e também em outros finitos espaços/tempos, mesmo que pífios, com corpos que incentivam/contribuem/dividem e sofrem conosco. Esses materiais nos chegaram por intermédio de sugestão de leitura nas disciplinas, em estantes de livros em livrarias, entre uma xícara e outra de café, pelos e-mails recebidos, nas insaciáveis e incansáveis buscas durante a insônia, pelo oráculo Google e até mesmos nas próprias referências bibliográficas que os textos do primeiro movimento nos trouxeram e que não apareceram neste primeiro movimento.

Os materiais coletados neste movimento foram dispostos de acordo com uma cronologia que lhe é própria e apresentados de modo que pudesse seguir um mapa de afetos que se deu devido aos nossos encontros com os textos mencionados. Três são as “categorias” que poderíamos afirmar que estão presente neste movimento. São elas: a) O que é de Simondon? b) O que é referente a filosofia de Simondon? c) O que é referente a Simondon e Deleuze, Deleuze/Guattari? E não devem seguir na apresentação essa ordem.

A relação Simondon e educação não aparece aqui como categoria, pois neste segundo movimento nós não obtivemos nenhum material relacionando Simondon e a educação. E se optamos aqui neste momento por esse aporte filosófico, é porque fizemos em nossa dissertação referências a Filosofia da Diferença<sup>38</sup> proposta por Deleuze aos conceitos de Simondon trabalhados no decorrer de nosso texto, sendo que de certa forma este campo filosófico coexista com o campo que aqui se constitui e sobre o qual falamos.

### **Primeiro Movimento:**

Foi por meio deste movimento que chegamos aos dados levantados referentes aos demais textos acadêmicos produzidos e dispostos nos sites acima mencionados e que nos permitiram a construção do campo teórico voltado a educação sobre o qual nos propomos a falar. Começamos nossa busca pelo site SciELO, ao utilizar as palavras Simondon; Educação

---

<sup>38</sup> Partindo do pensamento de Gilles Deleuze a Filosofia da Diferença propõe um pensar pela diferença, é um pensamento que se distancia desde o início do pensamento dual e da lógica formal que operam pelo princípio da identidade, da não contradição e do terceiro excluído. Fugindo também de conceitos como *diversidade*, pois se pensarmos em diversidade estamos aceitando um modelo, um padrão e a existência de algo que se difere de tal padrão, criando assim um mundo de representações. Já ao pensar a diferença, como a própria palavra diz, as coisas estão se diferindo o tempo todo, mesmo em uma simples repetição, pois Deleuze (2006) deixa claro que toda repetição já é uma repetição diferida.

como descritores de busca encontramos apenas um único texto, o mesmo se repetiu quando utilizamos como descritor de busca Simondon; Education.

No portal de periódicos da Capes, quando utilizamos as palavras Simondon; Educação como descritores de busca foi possível encontrarmos cinco textos e ao utilizarmos as palavras Simondon; Education foram encontrados dez, sendo que um entre os dez já havia sido encontrado no próprio portal periódico da Capes quando utilizamos Simondon; Educação como descritores de busca. Já no site da Fundação Carlos Chagas só foi possível encontrar um único texto utilizando Simondon; Educação como descritores de busca.

Em nossa busca pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações quando utilizamos as palavras Simondon; Educação obtivemos oito textos e ao procurarmos utilizando as palavras Simondon, Education encontramos cinco textos, sendo que quatro desses cinco textos já haviam sido encontrados na primeira pesquisa realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações quando utilizamos as palavras Simondon; Educação.

A busca que realizamos nas reuniões nacionais da ANPED devido ao problema já mencionado com a falta de um descritor de busca em todas as reuniões disponíveis e as que possuem um descritor de busca, o mesmo seleciona apenas palavras do título ou dos nomes dos autores sendo assim encontramos um único texto, que foi possível localizarmos pois havíamos encontrado um texto de uma das autoras em nossa pesquisa em um dos sites mencionados antes, e também por havermos estabelecido como um dos critérios buscar nas reuniões nacionais da ANPED com o nome dos autores dos trabalhos pesquisados e localizados nos sites anteriormente mencionados.

De todos os textos localizados e selecionados deve-se deixar claro aqui que epistemologicamente falando, não podemos enquadrar todos os textos diretamente na relação Simondon e educação, tendo a educação como área do conhecimento, pois muitos desses textos, também se apresentam nas mais diversas áreas do conhecimento, como: administração, psicologia, filosofia, ciências sociais, entre outras. Mas se optamos por mencionar esses textos aqui, é porque de alguma forma referem-se a educação ou trabalham com algum tema que seja do interesse da educação. Como poderemos ver.

## Alguns apontamentos

Nosso deslizamento entre as linhas que compõem os textos visitados pelo nosso limitado alcance, devido aos critérios acima já mencionados, permitiram-nos realizar alguns apontamentos que permeiam e ou tecem nosso campo teórico. Começaremos pelos textos que de alguma forma remetem diretamente a educação.

Iniciamos nossa caminhada pelo SciELO, no qual encontramos um único texto intitulado: *Individação, percepção, ambiente: Merleau-Ponty e Gilbert Simondon* de, Andréia A. Marin e André Pietsch Lima (2009). O artigo busca pelo princípio de individuação de Simondon e *que se dá* relacionando o conceito de percepção em Simondon com as questões fenomenológicas *que se dão* pela percepção em Merleau-Ponty, a uma nova concepção da educação ambiental.

Em nossos caminhos pelo site da Fundação Carlos Chagas, encontramos o artigo: *Os Devires do território-escola: trajetos, agenciamentos e suas múltiplas paisagens* de Andréia Machado Oliveira e Tania Mara Galli Fonseca (2006). Tal artigo, trabalha com o princípio de individuação de Simondon associado a educação, mas não como foco da pesquisa. Tal conceito aparece em meio a outros que possam ajudar a compreender a escola como *território, plano e paisagem*, conceitos propostos por Deleuze e Guattari.

Esse movimento pode ser visto também na dissertação *Um olhar sobre o invisível: o duplo cognição e criação no território escola* de Andréia Machado Oliveira (2006) que está disponível na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Sendo aliás esta dissertação não só a fonte dos dados, mas o disparativo para o artigo *Devires do território-escola: trajetos, agenciamentos e suas múltiplas paisagens*, acima mencionado, e também o *princípio de individuação* um complemento a outros conceitos que sustentam o texto.

Nesta mesma linha de movimento pode ser percebido na dissertação de mestrado *A invenção que levou a outros lugares (e das descobertas de um espaço de formação de professores)*, de Alice Copetti Dalmaso (2013) e disponível na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, que a autora usa o conceito de individuação entre tantos outros conceitos para analisar a formação inicial de professores.

Sendo que essa dissertação se apresenta como um ponto de partida para a criação e apresentação de um artigo, no qual a autora repete, de certa forma, a ideia central da dissertação *A invenção que levou a outros lugares (e das descobertas de um espaço de formação de professores)* acima mencionada e considerando neste artigo o tempo em

detrimento do espaço, que também aparece na dissertação, é o que podemos ler em, *Produções do invisível: considerações sobre o tempo e a formação de professores*, de Alice Copetti Dalmaso e Deisi Sangoi (2013) e encontra-se disponível nos periódicos da CAPES.

Uma ideia próxima, por ter como tema a formação profissional em um curso superior, pode ser vista na tese *Usos e sentidos de tecnologias digitais de informação e comunicação em contextos de ensino-aprendizagem no design* de Barbara Jane Necyk (2013) e disponível na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, que por sua vez trabalha com o conceito de individuação de Simondon focando não apenas a formação do design, mas nas práticas de subjetivação que carregam em si uma ideologia da formação ao seu exercício profissional.

Outro conceito cunhado por Simondon e usado quando ele vai tratar da questão da técnica é o de tecnicidade, que foi usado no artigo, *'You do the math': Mathletics and the play of online learning* de Bjorn Nansen; Kabita chakraborty; Lisa Gibbs; Frank Vetere e Colin Macdougall (2012) e disponível nos periódicos da CAPES. O qual irá associar tal conceito com a educação, para analisar a aprendizagem obtida em matemática por intermédio de um jogo (online) de computador chamado *Mathletics*.

A questão da técnica aparece fortemente em muitos textos pesquisados, e embora o texto acima mencionado, seja o único que abrange diretamente o conceito de tecnicidade de Simondon e que tenha feito aproximações com a educação como área do conhecimento, devemos aqui destacar que a *tecnicidade* juntamente com a *técnica*, devido a um outro conceito trabalhado por Simondon, o *objeto técnico*, aparecem com frequência em nossa pesquisa.

De acordo com o campo teórico no qual os textos se localizam, mesmo que tratem dos mesmos conceitos trabalhados por Simondon, podemos notar que os textos se dividem em dois blocos, e que juntos somam quase a totalidade de textos que compõe nosso corpus de análise, mas que não envolvem a educação como área do conhecimento, e apenas tratam a educação de uma forma secundária, e até mesmo indiretamente ou ainda trabalham com algum tema que é de interesse da educação.

Em um primeiro bloco encontramos a questão dos *objetos técnicos*, e de uma análise a luz da filosofia da diferença que propõe um olhar a eles que fuja do pensamento dual tão presente na modernidade, isto é, mesmo que “enxergando” os *objetos técnicos* como artefato, não o separam da natureza. A criação, passa então a ser vista e analisada como os demais elementos da natureza. Característica fortemente marcada na filosofia de Simondon, e que também está presente no pensamento dos cosmólogos de Mileto e dos Jônico, juntamente com Lucrécio, a quem Simondon considerava como os primeiros técnicos. Principalmente

quando se pensa em Lucrécio, partindo de seu conceito de *cliname*, pode-se falar de uma individuação cuja principal característica é a indefinição.

Os textos são: *Inteligência coletiva: o ciberespaço como retrato da sociedade ou uma discussão da ética da estética* de Heloisa Juncklaus Preis Moraes (2011) e disponível nos Periódicos da CAPES; *Formas de vida na imagem: da indeterminação a inconstância* de André Brasil (2010) e disponível nos Periódicos da CAPES; *New media idiocy* de Olga Goriunova (2013) e disponível nos Periódicos da CAPES; *Devir-câmera: A relação dos estudantes com os equipamentos de produção de imagens em movimento* de Luciano de Melo Dias (2013) e disponível na Biblioteca Digital de Tese e Dissertações; *Desnaturar desmundos: a imagem e a tecnologia para além do exílio no humano* de Luis Artur Costa (2012) e disponível na Biblioteca Digital de Tese e Dissertações; *Corpos Associados: interatividade e tecnicidade nas paisagens da arte* de Andréia Machado Oliveira (2010) e disponível na Biblioteca Digital de Tese e Dissertações; *Vulnerabilidade e adolescência: uma análise da imersão dos jovens nas redes sociais* de Rosângela de Oliveira Siede (2013) e disponível na Biblioteca Digital de Tese e Dissertações; *Imagens do hospício vazio: fotografia, pesquisa e intervenção* de Vanessa Soares Maurenente (2010) e disponível na Biblioteca Digital de Tese e Dissertações.

Tais textos procuram pensar as aproximações das análises de Simondon aos processos de individuação e subjetivação por meio desses *objetos técnicos* e da *informação* em suas aplicações que podemos notar em nosso cotidiano, como jogos, vídeos, sites de relacionamento, comunidades virtuais, reality show, entre outros e de seus aparatos como câmara, celulares, smartphone, tablets, entre uma infinidades de aparatos eletrônicos. Pode-se encontrar em muitos desses textos apresentam conceitos de Pierre Lévi como *virtual* (relacionando com o conceito de virtual apresentado por Deleuze) e *cibercultura* complementando suas análises.

Os textos, como mencionamos acima, são aqueles que consideramos como interesse da educação, pois não remetem diretamente a educação, mas compreendemos que eles trabalham com preocupações que estão a todo o momento atravessando a educação e esta atravessando-os. Por isso, permanecemos com eles em nossa apreciação e na composição de nosso campo, sendo esse primeiro bloco de textos apresentado, pelas suas aproximações existentes, como pontos em comum, como o pensar a metaestabilidade e a transdução que porque por meio de sua relação com a Filosofia da Diferença é possível manter uma espécie de aproximação com nossa dissertação, como veremos a seguir e ao longo de nosso texto.

Um segundo bloco de textos compõe estudos pautados na filosofia do francês Bernard Stiegler, o qual tem Simondon como influência entre outras. A maior parte dos textos

tem pauta no conceito *objeto técnico* e outros no da tecnicidade, ambos conceitos de Simondon, que juntamente com o de tecnocultura de Stiegler propõe um pensar mediante a sociedade de consumo, as crises contemporâneas e uma política cultural diante da técnica de nosso tempo, partindo então da individuação proposta por Simondon para completar as suas análises.

Os textos são: *Bernard Stiegler: philosophy, technics, and activism* de Patrick Crogan (2010) e disponível no periódico da CAPES; *Knowledge, care, and transindividuation: an interview with Bernard Stiegler* de Patrick Crogan (2010) e disponível no periódico da CAPES; *Enchantment, disenchantment, re-enchantment: toward a critical politics of re-individuation* de Stephen Barker (2012) e disponível no periódico da CAPES; *From a Biopolitical 'Will to Life' to a Noopolitical Ethos of Death in the Aesthetics of Digital Code* de Anna Munster(2011) e disponível no periódico da CAPES.

Os textos acima apresentados nesse segundo bloco buscam uma aproximação com o pensamento de Stiegler e com a filosofia crítica<sup>39</sup>, juntamente com conceitos de *autonomia* e *indústria cultural*. E dentro deste campo teórico, composto a partir da filosofia de Stiegler encontramos um texto que vem criticar as possibilidades que a filosofia de Simondon, que partindo de seu princípio de individuação, possibilitam-nos a pensar um possível processo de desindividuação que coexista com o processo de individuação, pois tal processo só criaria ignorâncias. É o que podemos ver no texto do Barker (2012) mencionado acima.

Os textos desse segundo bloco apresentados logo acima, não entraram na composição de nosso campo teórico. São apresentados apenas nesse momento, primeiramente por terem sido localizados e selecionados em nossa busca nos sites aqui já mencionados, nos quais buscamos textos que relacionam Simondon com a educação.

São textos que tratam a educação de uma forma indireta, ou que apenas apresentam temas de interesse da educação, que mesmo trabalhando com a filosofia de Simondon distanciam-se de nosso pensamento, pois trabalham também com a de Stiegler e com a teoria crítica. Sendo que nossa opção é fazer uma leitura da filosofia de no rastro da Filosofia da Diferença. E se esses textos do segundo bloco ainda permaneceram em nosso texto, nesse momento é para que possamos apresentar, mesmo que sucintamente, uma visão que se opõe a nossa.

De nossa busca ainda nos restou falar de alguns textos que não se referem a educação, mas aproximam-se do nosso problema, pelo menos no que tange a questão da individuação e não se enquadram nos dois blocos citados acima. O texto *Transduction and*

---

<sup>39</sup> Escola de Frankfurt.

*entrepreneurship: A biophilosophical image of the entrepreneur* de Alexander Styhre (2008) e disponível nos periódicos da CAPES, embora abranja o conceito de empreendedorismo, presente na administração e que traz a visão de um indivíduo cuja individuação não seja única e definida, mas esteja sempre provisória por ser uma individuação em movimento.

Já o texto: *The production of subjectivity: from transindividuality to the commons* de Jason Read (2010) e disponível também no portal de periódicos da CAPES, busca por intermédio do princípio de individuação de Simondon, pensar condições de nossa subjetividade, linguagem, conhecimento e hábitos a partir dos preceitos de uma identidade. Outro texto que promove o mesmo movimento de trabalhar com a questão da identidade é: *The Productive Power of Ambiguity: Rethinking Homosexuality through the Virtual and Developmental Systems Theory* de Ann Burlein (2005) e disponível no portal de periódico da CAPES, que a partir do princípio de individuação de Simondon, pretende criticar o indeterminismo nas identidades, presente na filosofia de Deleuze, pois esse pensamento só favoreceria a dominação econômica mediante a produção do corpo. Sendo que esses dois últimos textos, como os artigos do segundo bloco acima mencionados, não entram em nosso campo teórico pelos mesmos motivos.

Mas são esses dois últimos trabalhos, que falaremos agora, merecem um olhar especial de nossa dissertação por compor este campo do qual nós falamos. Um deles é a tese de doutorado *Isso não é uma criança!* de Gabriela Guarnieri de Campos Tebet (2013) e disponível na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações que originou o artigo *Constituindo o bebê como um conceito teórico no interior da sociologia da infância*, de Gabriela Guarnieri de Campos Tebet e Anete Abramowicz (2013) e disponível na 35ª edição da ANPED, e que é o segundo texto mencionado acima.

Ambos realizam um esforço teórico para compor o bebê como um conceito, no qual ele seria um ser singular, isto é, pré-individual, que irá buscar em Simondon seu princípio de individuação e trabalhar com conceitos como *metaestabilidade*, também trabalhados por Simondon para pensar essa realidade na qual os bebês estão imersos e que possibilita sucessivas individuações. E que só seria possível devido aos planos de imanência nos quais este ser singular e pré individual se encontram.

O que possibilita diretamente não só um diálogo com nossa dissertação, mas uma aproximação, pelo fato de buscarmos compreender e apresentar a operação de que o *princípio de individuação* apresentado por Simondon possibilita ao corpo se individuar, e essa relação do indivíduo com a singularidade que permanece no corpo, que é anterior ao indivíduo, portanto, pré-individual e impessoal, de coexistência entre ambos e não definitiva.

## Segundo Movimento:

O segundo movimento, se pensarmos bem, veremos que ele na realidade antecede o primeiro; é um caminhar composto de latitude e longitude que antecede até a própria pesquisa; é este o movimento que constitui todos os nossos corpos que aqui está/estamos compondo.

Um corpo pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma idéia, pode ser um *corpus* lingüístico, pode ser um corpo social, uma coletividade. Entendemos por longitude de um corpo qualquer conjunto das relações de velocidade e de lentidão, de repouso e de movimento, entre partículas que compõe esse ponto de vista, isto é, entre *elementos não formados*<sup>4</sup>. Entendemos por latitude, o conjunto dos afetos que preenche um corpo a cada momento isto é, o estado intensivo de uma *força anônima* (força de existir, poder de ser afetado). Estabelecemos assim a cartografia de um corpo. O conjunto das longitudes e das latitudes constitui a Natureza, o plano de imanência ou de consistência, sempre variável e que não cessa de ser remanejado, composto, recomposto, pelos indivíduos e pelas coletividades (DELEUZE, 2002, p. 132-133. Grifos do autor)<sup>40</sup>.

É mais que um movimento, pois não opera por coordenadas, nem tem um método, pois tal movimento desenha seu próprio mapa, seus próprios caminhos de acordo com os encontros que vão suscitando; ele é o próprio método, ou melhor um método às avessas, pois foge da concepção tradicional como podemos ver na etimologia da palavra, seja no grego *methodos* formado pelas palavras *meta* que significa ir atrás, e pela palavra *hodos* que significa caminho, ou no latim *methodus* que indica uma maneira de caminhar ou de ensinar.

Este movimento escapa desse caminho que se deve percorrer para atingir uma meta. Ele é a intervenção nos e pelos caminhos que são encontrados, sem meta, hipótese, destino, finalidade, um movimento de inconstância, de contingência, como uma cartografia feita de uma paisagem de chuva e vento.

---

<sup>40</sup> Referente a indicação de nº4 como referência no texto segue a nota de rodapé. "Cf. o que Espinosa chama os 'corpos mais simples'. Eles não têm nem número nem forma ou figura, mas são infinitamente pequenos e vão sempre por infinitudes. Só possuem uma forma os corpos compostos, aos quais os corpos simples pertencem sob essa ou aquela relação" (DELEUZE, 2002, p. 132).

Podemos dizer que academicamente o movimento começa com a disciplina de mestrado: *Produção de subjetividade e educação*, realizada no segundo semestre de 2007 na FFCLRP-USP, ministrada pelo Professor Dr. Antônio dos Santos Andrade. Sendo que nos encontros que se deram ao longo da disciplina, o contato com a Filosofia da Diferença, proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari se deu por intermédio deles no platô 3. *10.000 A.C. – Geologia da moral (quem a terra pensa que é?)* que fizemos contato com um primeiro conceito de Simondon, a *transdução*.

Mas poderíamos dizer que seu começo foi na leitura de um artigo de Deleuze intitulado: *Gilbert Simondon, o indivíduo e sua gênese físico-biológico*, que se refere à tese de Simondon, encontrado na coletânea de textos chamada *Ilha deserta e outros textos* organizado por Lapoujade, cuja obra foi lida no começo de nosso mestrado e nosso problema foi se compondo para o lado das questões que envolvem o princípio de individuação.

Poderíamos considerar também, que o movimento teria começado pela necessidade de responder aos nossos anseios e desejos, aos nossos problemas que de certa forma, fomos buscar no curso de pedagogia iniciado em 2000 e encerrado no 1º semestre de 2004, embora, em sua duração não tenha dado conta de nos oferecer a resposta.

Bem que o movimento possa ter iniciado em nossas experimentações enquanto aluno regular do ensino básico, ou ainda dentro da instituição escolar enquanto professor. Ou mesmo nas conversas, nos livros, nos artigos, nos textos, nas entrevistas, nos e-mails etc. Uma trama de afetos, potências, composições e decomposições, aumento e diminuição... potências...

Por isso que é tão difícil escrever: suado, dolorido, pois mesmo quando julgamos estarmos no começo do texto, este já havia sido iniciado tantas vezes que na realidade nos encontramos é no meio de um processo, e como todo processo é marcado por uma violência, pois nada está garantido, com sua trama de afetos, paixões alegres e paixões tristes, forças ativas e forças reativas que nos atravessam a todo momento, nos lançam em nosso próprio rizoma.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem o tecido a conjunção “e... e... e...” Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser /.../ É que no meio não é uma medida; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de um para outra reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início e nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE, 1995a, p. 37. Grifos do autor).

E assim, já composto de múltiplas entradas nosso caminho foi se abrindo a outras entradas mil, e no espaço de tempo que se deu entre os dois textos de Deleuze antes mesmo do mestrado acontecer, um outro texto havia sido lido e não remeteria a Simondon, pois era um outro contexto, havendo a necessidade de pensar um ser na Filosofia da Diferença. O texto era, *Deleuze e a ontologia*, de Eladio Craia e disponível no livro *A diferença*, organizado por Luiz Orlandi.

Acontece que pensar a filosofia de Simondon, no mestrado, a questão da ontologia retorna fortemente, e seria impossível não retomar Craia, embora ele aborde a ontologia na questão da técnica, e devido a inquietude que é própria do movimento, chegamos a sua tese de doutorado. *Gilles Deleuze e a questão da técnica*, disponível na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, texto que nos acompanhou ao pensar a questão da ontologia junto com a releitura de seu artigo mencionado acima.

E houve a leitura de três textos presentes na revista-livro, *Cadernos de subjetividade* de 2003 intitulada *Tecnosubjetividades*, sendo uma publicação anual vinculada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo organizado por Peter Pál Pelbart e Rogério da Costa. O primeiro texto é: *Antes do indivíduo*, de Luiz Orlandi, texto que se refere ao *princípio de individuação* proposto por Simondon. O segundo texto é: *Gênese do indivíduo*, de Gilbert Simondon, que é a tradução da introdução de sua tese, a qual no texto original não possui título, apenas *Introdução*. E o último texto é: A propósito de Simondon de Gilles Deleuze, texto que já havia sido lido e mencionado acima. Esses três textos foram apresentados por nós em um encontro *Conversações #3 17/06/2003*, pelo grupo de estudos DeleuzEEEducação<sup>41</sup> na UFSCar.

Logo após estes movimentos começa a nossa busca por uma versão traduzida da tese de Gilbert Simondon, uma vez que a leitura dela em francês se tornaria muito trabalhosa e pelo tempo que dispúnhamos não seria possível. Foi a partir daí que chegamos ao livro, *La individuación*, que reproduz na íntegra a tese de Simondon em espanhol da Argentina<sup>42</sup>.

Foi justamente neste momento que encontramos Christian Pierre Kasper por e-mail, por intermédio do amigo Silvio Munari e junto a toda sua disposição e camaradagem chegamos a sua tese, *Habitar a rua*, disponível na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

---

<sup>41</sup> Grupo de estudos composto por alunos regularmente matriculados do Programa de Pós-Graduação de Educação da UFSCar – São Carlos – SP. Que se encontravam semanalmente para estudar, discutir e conversar sobre temas que abordasse a filosofia da diferença, sua programação, textos e projetos podem ser acessados pelo endereço: <http://deleuzeeeducacao.wordpress.com/>

<sup>42</sup> Queremos frisar que a pontualidade em pensar a individuação a partir do pensamento de Simondon se deu por habitar-mos o grupo de pesquisa: *Estudos Sobre a Criança, a Infância e a Educação Infantil: Políticas e Práticas da Diferença*

que além de trabalhar com o *princípio de individuação*, transita de forma muito simples o conceito que Simondon trabalha referente a percepção visual que é o de *disparação*, para demonstrar o dinamismo da individuação. Outro texto encontrado intitulado, *Notas sobre a individuação intensiva em Simondon e Deleuze* de Verônica Miranda Damasceno<sup>43</sup>, que trabalha de uma forma objetiva para que possamos compreender o conceito de transdução.

### **De onde falamos.**

*Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há outras pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. Não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas. [...] encontrem vocês mesmos seu instrumento, que é forçosamente um instrumento de combate (FOUCAULT, 2012, p.132).*

É no território em que habitamos que devemos pensar se a individuação também não é um processo de singularização e se esta não é antes de mais nada uma desindividuação. Então, permeia a filosofia de Gilbert Simondon, mais especificamente sua proposta do princípio de individuação, juntamente com abordagens que a Filosofia da Diferença realiza na proposta de individuação de Simondon.

A nossa opção de pensar a proposta do princípio de individuação de Simondon juntamente com a Filosofia da Diferença é que ao realizarmos nossa aproximação do princípio de individuação proposto por Simondon e a Filosofia da Diferença nos possibilita não apenas sair do pensamento dual para pensar a educação, mas pensar uma educação pelas multiplicidades. Como podemos ver com Deleuze e Guattari (1995<sup>a</sup>, p. 8).

As multiplicidades são a própria realidade, e não supõe nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as

---

<sup>43</sup> disponível em:

[http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/notas\\_sobre\\_a\\_individuacao\\_intensiva\\_em\\_simondon\\_e\\_deleuze/artigos173186.pdf](http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/notas_sobre_a_individuacao_intensiva_em_simondon_e_deleuze/artigos173186.pdf)

totalizações, as unificações são, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades. Os princípios característicos das multiplicidades concernem a seus elementos, que são *singularidades*; a suas relações, que são devires; a seus acontecimentos, que são *hecceidades* (quer dizer, individuações sem sujeitos); a seus espaços-tempos, que são espaços e tempos livres; a seu modelo de realização que é o *rizoma* (por oposição ao modelo da árvore); ao seu plano de composição, que constituem *platôs* (zona de intensidade contínua); aos vetores que as atravessam, e que constituem *territórios* e graus de *desterritorialização*.

Como vimos nos textos encontrados em nossas buscas e acima mencionados, não podemos dizer que somos os primeiros a pensar Simondon, a filosofia da diferença e a educação, e que assim, nosso território se localiza em um campo teórico maior em que se propõe a esse pensamento, mesmo que com abordagens distintas da nossa.

Ao fazer o levantamento bibliográfico abrimo-nos de início, para não restringirmos nenhum texto que trabalhasse com o Simondon e a Educação, palavras que serviram de descritores de buscas como já mencionado. Mas é nesse momento de compor nosso território que abriremos mão de alguns dos textos acima apresentados, simplesmente pelo fato de se distanciarem de nossa proposta que parte do conceito do princípio de individuação pensado por Simondon com aportes realizados a partir da Filosofia da Diferença.

Os textos que não entraram diretamente em nossa dissertação são os que mesmo trabalhando com Simondon abordam apenas interesses da educação e trabalham diretamente com a questão da técnica. Como vimos no primeiro movimento, estes estão divididos em dois blocos: os textos que trabalham juntamente com a técnica e com a Filosofia da Diferença<sup>44</sup> e os que trabalham juntamente com a técnica e com a filosofia proposta pelo filósofo francês Stiegler<sup>45</sup>, pelo simples fato desses textos se distanciarem de nossa proposta e não trabalharem diretamente com a questão da técnica, mesmo que falem da individuação.

O campo teórico no qual se encontra o nosso território procura então pensar o indivíduo a partir da proposta de Simondon, o que se diferencia das propostas pensadas anteriormente a ele, como vimos do hilemorfismo ou do substancialismo, como nos diz Marin e Lima (2009, p. 274-275)

Simondon nos convida a pensar no indivíduo como sendo um revestimento precário de uma individuação que se produz nele, ela mesma buscando perguntas-respostas no interior de suas próprias metamorfoses. A individuação seria ativada por aquilo que

---

<sup>44</sup> Os textos mencionados são de: H. J. P. Moraes (2011), A. Brasil (2010), O. Goriunova (2013), L. M. Dias (2013), L. A. Costa (2012), A. M. Oliveira (2010), R. O. Siede (2013), V. S. M. (2010). Podendo encontrar suas referências completas nas fichas disponíveis no ANEXO I.

<sup>45</sup> Os textos mencionados são de: P. Crogan (2010a), P. Crogan (2010b), S. Barker (2012), A. Munster (2011). Podendo encontrar suas referências completas nas fichas disponíveis no ANEXO I.

ele chamava de "disparação", processo que estabelece comunicação entre disparidades de diferentes ordens de grandeza para dar lugar a uma dimensão nova e dessemelhante em relação aos materiais que entraram em comunicação neste processo. [...] mas seria pressentido pelos sistemas de realidade em que a individuação se produz, nas passagens entre o "campo problemático" de realidade virtual, distribuindo-se em singularidades pré-individuais, em campos de resolução em que essas singularidades se orientam e cristalizam.

Como pensar esse indivíduo a partir do seu processo de individuação? Como o próprio Simondon propõe. Para isso, teremos que caminhar sobre os conceitos que o próprio Simondon nos apresenta juntamente com os aportes que realizaremos com a filosofia da diferença. Para tal, é preciso costurar os conceitos de Simondon, e que como veremos, vão aparecendo sucessivamente ao longo de nosso texto, com os conceitos trabalhados pela filosofia da diferença, que nos possibilita acompanhar os conceitos de Simondon como veremos nos textos pesquisados e que compõe o campo teórico que delineará o alcance do território do qual falamos.

Como podemos ver Marin e Lima já nos apresentam um conceito chave para pensar a individuação em Simondon, que é o de *disparação*, como Simondon (2009, p. 304. Livre tradução) nos apresenta:

A verdade, uma forma só é para o ser uma boa forma se for construída, ou seja, se incorporar verdadeiramente os fundamentos da disparidade[*disparação*]<sup>15</sup> anterior em uma unidade sistêmica de estruturas e funções; uma realização que não é uma tensão, construtiva não seria a descoberta de uma boa forma, sendo apenas um empobrecimento, um regresso ao indivíduo<sup>46</sup>.

Para que facilite a compreensão do conceito de *disparação* dado por Simondon, retirado da psicofisiologia no que tange a questão da percepção<sup>47</sup>, basta observar o que Kasper nos diz (2006, p.45):

---

<sup>46</sup> Nesta passagem Simondon apresenta uma nota de número 15, a qual julgamos de extrema importância transcreve-la aqui. "Esta palavra é tomada da teoria psicofisiológica da percepção; existe disparidade quando dois conjuntos gêmeos não completamente superpostos, tais como a imagem retiniana esquerda e a imagem retiniana direita, são captados conjuntamente como um sistema, podendo permitir a formação de um conjunto único de grau superior que integra todos os seus elementos graças a uma dimensão nova (por exemplo, é o caso da visão, a sobreposição dos planos em profundidade (SIMONDON, 2009, p. 304. Livre tradução.)

<sup>47</sup> Em uma de suas aulas ao tratar a percepção através da psicofisiologia Simondon (2012, p. 85. Livre tradução). Essas investigações sobre a percepção se enriquece consideravelmente com os estudos dos animais, seja através da psico-fisiologia, seja pela etologia. Sendo que pensar a percepção pela etologia, nos leva a Deleuze e conseqüentemente a Spinoza no que tange a questão do afecto e da capacidade de afetar e de ser afetado, como veremos mais a frente (questão trabalhada em DELEUZE, 2002).

A disparação não é, portanto, nem uma generalização nem uma abstração, que conservariam o que há de comum entre as duas imagens retinianas. Ao contrário, ela incorpora a diferença a um novo conjunto, a imagem tridimensional. A disparação, estado de tensão vital, participa de um equilíbrio particular, chamado por Simondon de metaestável. Diferentemente do equilíbrio estável, que representa apenas o esgotamento dos potenciais, a metaestabilidade, estado rico em potenciais, traduz a possibilidade de transformação de um sistema. A metaestabilidade é, assim, o motor da operação de individuação, motor que tira sua energia de um desequilíbrio, de uma instabilidade domada, se podemos assim dizer.

Como vimos, a *disparação* seria o que tornaria possível uma individuação, Marin e Lima (2009) disse, como vimos, que a *disparação* ativa a individuação, pois ela é a possibilitadora de uma diferenciação. Ao operar sobre duas grandezas distintas, isto é, a *disparação* atua sobre tensões e é a partir delas que uma nova individuação se faz, se não for assim, teríamos o que Simondon (2009) disse, um empobrecimento, um retorno ao indivíduo.

E há a questão da tensão entre duas grandezas díspares, como no caso da individuação que podemos definir como realidade virtual e realidade atual em um mesmo domínio. Para que possamos compreender essa questão presente no princípio de individuação de Simondon, isto é duas grandezas coexistindo em um domínio, é de fundamental importância a compreensão de um conceito que Simondon vai buscar nas ciências naturais, que é o conceito de metaestabilidade, já mencionado acima por Kasper, sendo esse conceito chave para a individuação, como o próprio Simondon (2009, p. 304. Livre tradução) nos diz:

Somente a morte seria a resolução para todas as tensões. E a morte não é a solução para nenhum problema. A individuação é que resolve e que mantém as tensões em um equilíbrio de metaestabilidade ao invés de anulá-las em um equilíbrio estável. A individuação torna-se compatível com as tensões mas não as relaxam; descobre um sistema de estruturas e funções no interior na qual as tensões são compatíveis. O equilíbrio dos vivos é um equilíbrio de metaestabilidade.

A possibilidade de duas grandezas díspares coexistirem sobre o mesmo domínio, sem que haja comunicação entre elas, e que nos permite pensarmos uma realidade metaestável é devido um paradigma físico, e pelo fato do princípio de individuação proposto pelo Simondon (2003) e ele considerar o devir como a dimensão do ser, como veremos mais à frente, é importante compreender tal paradigma partindo da explicação dada por Deleuze (2009, p. 1).

*Alice* assim como *do outro lado do espelho* tratam de uma categoria de coisas muito especiais: os acontecimentos, os acontecimentos puros. Quando digo “*Alice* cresce” quero dizer que ela se torna maior do que era. Mas por isso mesmo ela se torna menor do que é agora. Sem dúvida, não é ao mesmo tempo que ela é maior e menor. Mas é ao mesmo tempo que ela se *torna* um e outro. Ela é maior agora e era menor antes.

Mas é ao mesmo tempo, no mesmo lance, que nos tornamos maiores do que éramos e que nos fazemos menores do que nos tornamos. Tal é a simultaneidade de um devir cuja propriedade é furtar-se ao presente. Na medida em que se furta ao presente, o devir não suporta a separação nem a distinção do antes e do depois, do passado e do futuro. Pertence a essência do devir avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo: Alice não cresce sem ficar menor e inversamente. O bom senso é a afirmação de que, em todas as coisas, há um sentido determinável; mas o paradoxo é a afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo

Mas para que a *disparação* dê início a uma individuação e que a realidade metaestável possa trabalhar sobre as tensões que no ser coexistem e para que realmente haja uma individuação é preciso que ocorra uma operação que o Simondon chamará de transdução. Ao se opor a visão da ciência moderna referente a individuação Simondon chama a atenção para a ausência da informação em suas explicações, uma vez que para ciências, o único fator que se deve levar em conta é a matéria e a energia.

Ao tratar a informação Simondon refere-se a uma integração interna, sendo que essa integração apresenta um caráter quântico que promove uma troca entre os meios, interno e externo, isto é, entre o meio e o indivíduo. Para Simondon (2009, p. 234. Livre tradução.)

O nível total de informação se mediria então pelas camadas de integração e de diferenciação do ser vivo, que podemos chamar transdução. No ser vivo a transdução não é direta sendo indireta, ao longo de uma dupla cadeia de ascendente e descendente; ao longo de cada uma dessas cadeias a transdução permite a passagem dos sinais de informação, mas essa passagem, em vez de ser um lugar de simples transporte de informação é integração e diferenciação, sendo um trabalho anterior que através do qual torna-se possível a transdução final, enquanto que no domínio físico essa transdução existe dentro de um sistema como uma ressonância interna forte ou fraca.

Vemos então que a transdução é o próprio processo de individuação.

A individuação, portanto, é a organização de uma solução, de uma "resolução" para um sistema objetivamente problemático. Esta resolução deve ser concebida de duas maneiras complementares. De um lado, como ressonância interna, sendo esta o "modo mais primitivo da comunicação entre realidades de ordem diferente" (e acreditamos que Simondon tenha conseguido fazer da "ressonância interna" um conceito filosófico extremamente rico, suscetível de toda sorte de aplicações, mesmo e sobretudo em psicologia, no domínio da afetividade). Por outro lado, como informação, [123] sendo que esta, por sua vez, estabelece uma comunicação entre dois níveis díspares, um definido por uma forma já contida no receptor, o outro definido pelo sinal trazido do exterior (DELEUZE, 2003, p. 122.)

São esses conceitos do Simondon que compõem o nosso território, e que nos permitirão pensar a educação pelas multiplicidades como já falamos. Como vimos, nosso território respalda em um campo teórico mencionado acima, no qual apresenta-se também essa relação entre Simondon e educação, o que possibilitará uma composição com o nosso texto, seja como pensar a educação como um território de encontros e nas possíveis individualizações resultantes desses encontros. Ideia que encontra eco em Oliveira (2006, p. 56).

Simondon explicita que na individualização ocorre um processo de transdução, isto é, processo pelo qual se revela o si próprio e o meio que o formou, um modo de produção que está no indivíduo ao atualizar um pré individual.

O meio visto como um jogo factual: sempre que algo passa pelo meio se altera. O meio pode ser o Território-escola pelo qual o plano social atravessa; pode ser os indivíduos (professores, alunos, funcionários) que virtualizam-se pelas paisagens que transitam; pode ser, ainda, a técnica vivenciada em cada fazer pela qual o indivíduo se experimenta.

Ou perante tantos outros momentos que nosso texto encontrará com os autores que foram mencionados acima na construção desse campo teórico e que dialogaram conosco ao longo do texto.

## DO SIMONDON

*O fato de que o ser vivente é um indivíduo separado da maioria dos seres de sua espécie só é uma consequência da operação de individuação; a ontogênese é uma individuação, mas não é a única individuação que é realizada no vivente, ao tomar a base do vivente como incorporações. Viver consiste em ser o agente, o meio e o elemento de individuação, Os comportamentos perceptuais, ativos e adaptativos, são aspectos da operação fundamental e perpétua da individuação que constitui a vida. Segundo tal concepção, para pensar o vivente é preciso pensar a vida como uma série transdutora de operações de individuação, e também, como um encadeamento de resoluções sucessivas (SIMONDON, 2009, p. 318. Livre tradução).*

Gilbert Simondon (1924-1989), filósofo francês, que ganha notoriedade após defender suas duas teses<sup>48</sup> de doutorado na Sorbonne em 1958, sendo que sua tese principal, *Individuação à luz das noções de forma e de informação*, a qual usamos como referência para explicar o princípio de individuação proposto por Simondon, teve a sua publicação dividida em duas partes, sendo que em 1964 é publicado a primeira parte, intitulada: *O indivíduo e a sua gênese Físico-biológico*. E em 1989, é publicado então a segunda parte, intitulada: *A Individuação Psíquica e Coletiva, a Luz das noções de forma, informação potencial e metaestabilidade*. Já a sua tese secundária: *Os Modos de Existência dos Objetos Técnicos*, foi logo publicada no mesmo ano de sua defesa em 1958.

Simondon, ao propor uma nova forma de encarar o princípio de individuação, estende sua preocupação para pensar a questão do indivíduo para compor a sua tese secundária, neste caso, no que tange a questão dos objetos técnicos e consequentemente a questão da técnica, que já havia de uma forma reduzida, aparecido na sua tese principal. Podemos notar que os anos 50 é marcado por uma virada de pensamento no que tange a questão da técnica, pois antes dos anos 50, os discursos filosóficos que se apresentavam era um discurso crítico aproximado de um tecnofóbico, principalmente pela crise do humanismo presente no século XX e pelas afirmações de que o objeto técnico afastaria o homem de sua finalidade, o alienando.

O discurso tecnofóbico encontra, portanto, com opositores, nos anos 50, o filósofo Heidegger, que vai pensar a questão da técnica pelo lado da ontologia, buscando fugir da demonização da técnica e Simondon que irá pensar a técnica por intermédio da individuação,

---

<sup>48</sup> Na França nos programas de doutorados, pelo menos em filosofia, o doutorando tem que apresentar duas teses, uma tese que é considerada principal e a segunda tese é chamada de tese secundária.

sendo que ambos excluem de suas contribuições um pensamento tecnofóbico, como podemos observar em Grisotto, Weber e Ferreira Junior (2014, p. 4), referente ao pensamento de Simondon. “Para o autor francês, é falsa e sem fundamento a oposição entre a cultura e a técnica, entre o homem e a máquina, pois os objetos técnicos são os mediadores entre o homem e a natureza”.

Em seu artigo, *A Mentalidade Técnica*, Simondon ao abordar a questão da técnica, abre mão de realizar um texto referente a individuação, como foi notoriamente reconhecido, para dar espaço a axiologia, com o intuito de “proteger” a mentalidade técnica que estava surgindo na época, para pensar uma forma dessa mentalidade não ser destituída pelas críticas, uma vez que ainda estava em formação, “a mentalidade técnica é coerente, positiva, fecunda na área dos esquemas cognitivos, incompleta e em conflito consigo mesma, pois é ainda mal definida no quadro das categorias afetivas, enfim sem unidade e quase inteiramente a ser construída na ordem do desejo” (SIMONDON, 2014, p. 137).

Além desse discurso que não se faz tecnofóbico, outra marca da filosofia de Simondon é que suas propostas confrontam a fenomenologia, que em sua época estava com um discurso forte e coeso. Embora o próprio Simondon e sua obra sejam pouco difundidos no Brasil, Simondon conta de um reconhecimento filosófico e um grande prestígio para muitos filósofos contemporâneos, como podemos ver em nosso levantamento bibliográfico no qual encontramos pesquisas e trabalhos que já aproximam Simondon não só da educação, como permeia esta pesquisa, mas o aproximam de outros teóricos.

No campo teórico que se constituiu, podemos perceber no que se refere, a questão do objeto técnico apresentado por Simondon, uma grande influência no pensamento do filósofo Bernard Stiegler, tal pensamento se torna fecundo para outros pesquisadores<sup>49</sup> de hoje ao trabalharem com a educação. Como também apareceram textos<sup>50</sup> que demonstram a influência do objeto técnico apresentado por Simondon, que o liga ao pensamento do filósofo Gilles Deleuze. Os textos como já dito anteriormente não entram em nosso campo teórico propriamente dito, pelo fato de não abordarmos especificamente a questão da técnica.

Outra influência que se deu pelo pensamento de Simondon, especificamente na questão da individuação, como foi localizado em nosso referencial teórico e que compõe o nosso campo, também se dá com Deleuze. Influência da qual será de extrema importância para

---

<sup>49</sup> Os textos mencionados são de: H. J. P. Moraes (2011), A. Brasil (2010), O. Goriunova (2013), L. M. Dias (2013), L. A. Costa (2012), A. M. Oliveira (2010), R. O. Siede (2013), V. S. M. (2010). Podendo encontrar suas referências completas nas fichas disponíveis no ANEXO I.

<sup>50</sup> Os textos mencionados são de: P. Crogan (2010a), P. Crogan (2010b), S. Barker (2012), A. Munster (2011). Podendo encontrar suas referências completas nas fichas disponíveis no ANEXO I.

nossa pesquisa pelo fato, como já dito, de que trabalharemos com os conceitos de Simondon no que tange a individuação, assim, realizando sobre tais conceitos aportes da Filosofia da Diferença, não apenas para explicar a proposta de Simondon, mas também para pensar a educação.

Frente às investigações do Simondon, como vimos, ao rebater a ideia de um indivíduo que se apresenta como algo finito, isto é, acabado, um *ser único*, apresentando-o como totalizado e totalizante, no qual, o princípio de individuação nada mais faria que efetuar uma determinação que possibilitaria ao ser atingir o seu fim último, já presente em si de início, Simondon nos dá algumas hipóteses, além de que *a vida não é uma substância diferente da matéria*, como já vimos.

Mas que o indivíduo é algo que está sempre se compondo, se diferenciando, mesmo assim, não deve ser visto como algo inacabado. Pois quando dizemos que algo, não importa o que, está inacabado, subentende-se que ele está em via de se tornar algo, acabar, o que lhe daria uma finalidade, mas algo que está sempre em invenção/criação, se compondo, e a única coisa que se pode afirmar de uma individuação é o seu caráter indeterminado e provisório, portanto, não podemos pensar a individuação apenas como um processo que em algum momento se esgotaria, mas em um processo que nos domínios da física acompanharia o ser ao infinito e nos domínios dos vivos o acompanharia por toda uma vida.

Sendo que este pensamento se torna evidente no próprio texto de Simondon (2006, p.318. Nota 25. Livre tradução). “A individuação não é a única realidade vital, em sentido restrito, a individuação é de certa maneira uma solução de urgência, provisória, dramática. Por outro lado, por estar diretamente ligada a um processo de neotenzificação, a individuação é a raiz da evolução”.

Tal pensamento nos é evidente, é o que podemos ver com Deleuze (2006, p. 346) ao abordar a questão da individuação referente a filosofia de Simondon

O ato de individuação não consiste em suprir o problema, mas em integrar os elementos da disparação num estado de acoplamento que lhe assegura a ressonância interna. O indivíduo encontra-se, pois, reunido a uma metade pré-individual, que não é impessoal, mas antes o reservatório de sua singularidade.

Pois a grande disputa travada por Simondon em sua tese foi a de propor que o indivíduo deveria ser explicado pelo seu processo de individuação, não importando se o indivíduo em questão é um ser físico ou um ser vivo. Para Simondon teríamos que chegar ao problema que possibilitou que tal ser se individuasse.

Tendo em mente que o que possibilitou que tal ser se individuasse seria um processo que o ser passa e não por uma pré-determinação ou finalidade pertencente e pré-estabelecida a cada ser, como era defendida pelas outras teorias que antecede o ser, sejam elas filosófica ou científica como vimos acima.

Ao encarar o pré-individual como *reservatório de suas singularidades*, como vimos em Deleuze, esse pré-individual apresenta-se em uma realidade que antecede o indivíduo, sendo sua gênese, e que o acompanha, impede que o ser seja visto como uma estrutura definida, isto é, a individuação sendo intermitente, coloca o ser em um movimento de contínua diferenciação.

Portanto, o que marcará a filosofia de Simondon é a concepção vista aqui do seu processo de individuação, pois Simondon, como vimos, ao afirmar que não caberá ao indivíduo todo o ser, pois as individuações nunca cessam, torna evidente que permanecerá no ser, juntamente com o indivíduo, a sua singularidade, isto é, a realidade pré-individual, pois, como vimos, é essa realidade que antecede a operação de individuação e o próprio indivíduo, que se tornar responsável pela individuação.

E que se o ser não é o todo individuado, a realidade pré-individual também não desaparece do ser mesmo com um aumento gradual de individuações, desta forma a realidade pré-individual coexiste com a realidade individual. “A individuação já não é coextensiva ao ser; ela deve representar um momento que não é nem todo o ser nem o primeiro. Ela deve ser situável, determinável em relação ao ser, num movimento que nos levará a passar do pré-individual ao indivíduo (DELEUZE, 2003, p. 120).

Mas para que possamos compreender realmente essa proposta de individuação de Simondon, é preciso realizar uma análise dos conceitos que Simondon vai buscar nas ciências naturais o que possibilitou a sua filosofia.

### **Um domínio e ao menos duas grandezas**

A primeira contribuição que Simondon vai buscar nas ciências naturais é um paradigma físico, tal paradigma irá permeia, ou possibilitará toda a sua tese, estando também presente nos demais conceitos oriundos das ciências naturais e apropriado na proposta de Simondon. Sendo esse paradigma que irá tirar a sua proposta do pensamento dual, pois o

pensamento dual sempre é excludente, isto é, ou é uma coisa ou outra, acontece que as coisas não são assim, observaremos ao analisar a proposta de Simondon que o que temos é ao menos duas grandezas que coexistem em um mesmo domínio, pois sempre temos uma coisa, *e* outra, *e* outra *e* assim por diante, é sempre uma multiplicidade como podemos ver na síntese conjuntiva apresentada por Deleuze (1992, p 60).

Quando Godard diz que tudo se divide em dois, e que de dia existe a manhã *e* a tarde, ele não diz que é um ou outro, nem que um se torna o outro, virando dois. Pois a multiplicidade nunca está nos termos, seja qual for seu número, nem no seu conjunto ou na totalidade. A multiplicidade está precisamente no *E*, que não tem a mesma natureza dos elementos nem dos conjuntos. [...] O *E* não é nem um nem o outro, é sempre entre os dois, é a fronteira, sempre há uma fronteira, uma linha de fuga ou de fluxo, mas que não se vê, porque ela é o menos perceptível.

Observamos em Simondon que a realidade pré-individual coexiste com a realidade individual no corpo. Duas grandezas em um domínio, isto é, a possibilidade de não ser uma coisa *ou* outra e sim uma coisa *e* outra *e* outra *e*..., é esse pensamento que possibilita a operacionalidade dos outros conceitos apropriados por Simondon e que o levou a pensar o seu princípio de individuação. Devemos salientar que o fato de duas grandezas coexistirem no mesmo domínio não é suficiente para dar início a uma individuação, uma vez que são duas grandezas díspares e que não se comunicam. E como vimos na construção de nosso campo teórico a individuação só é possível devido a *disparação*.

a existência de uma "disparação", ao menos de duas ordens de grandeza, de duas escalas de realidade díspares, entre as quais não existe ainda comunicação interativa. Ele implica, portanto, uma *diferença* fundamental, como um estado de dissimetria. Todavia, se ele é sistema, ele o é na medida em que, nele, a diferença existe como *energia potencial*, como *diferença de potencial* repartida em tais ou quais limites. Parece-nos que a concepção de Simondon pode ser, aqui, aproximada de uma teoria das quantidades intensivas; pois é em si mesma que cada quantidade intensiva é diferença. Uma quantidade intensiva compreende uma diferença em si, contém fatores do tipo E-E' ao infinito, e se estabelece, primeiramente, entre níveis díspares, entre ordens heterogêneas que só mais tarde, em extensão, entrarão em comunicação (DELEUZE, 2003, P.121).

E uma vez que o processo de individuação não se apresenta como algo acabado, não podemos afirmar que a realidade do *ser* se apresenta como uma realidade estável, sendo assim, o processo de individuação só pode apresentar-se mediante uma ação. E se voltarmos para a raiz da palavra ação que é latina encontraremos a palavra *actus*, que está em relação com o movimento, o ato de por em movimento e se estamos falando de movimento estamos falando

de mudanças, por isso, o processo de individuação se dá pela ação, pois cada individuação efetuada promove uma mudança no *ser*, uma diferenciação de si mesmo, fazendo da individuação um processo ininterrupto.

As perguntas que nos são formuladas a partir daqui é: Como opera esse princípio de individuação no qual a realidade pré-individual coexista com a realidade individual? Em que termos ontológicos, se é que é possível pensar na existência de um *ser*, frente as investigações de Simondon podemos apoiar? E mediante a estes questionamentos ainda no campo materialista podemos nos questionar: Como se daria o próprio corpo mediante a individuação?

## O meio

Começaremos então aqui a pensar pela última questão levantada, pois iremos nos remeter ao corpo, para tal, iniciaremos a partir do pensamento do filósofo holandês Baruch de Spinoza, que se deram em nossas leituras deleuzianas, que nos apresenta como o corpo e a individuação estão relacionados.

De um lado, um corpo, por menor que seja, sempre comporta uma infinidade de partículas: são as relações de repouso e de movimento, de velocidade e de lentidão entre partículas que definem um corpo, a individualidade de um corpo. De outro lado, um corpo afeta outros corpos, ou é afetado por outros corpos: é esse poder de afetar e de ser afetado que também define um corpo na sua individualidade. (DELEUZE, 2002. p. 128).

Podemos observar que o corpo como ocorre com o indivíduo não se apresenta de forma totalizada e nem totalizante, nem como algo acabado, ou como uma finalidade a ser atingida, nem mesmo podemos encarar o corpo como o *ser* total, como já havíamos dito, referente ao indivíduo. Pois o processo que o corpo vivencia e por ele se define é pautado nas relações de repouso e de movimento, de velocidade e lentidão e em sua capacidade de afetar e ser afetado compreendemos o corpo como o indivíduo em constante mudança, e como essa relação de repouso e movimento é um fluxo constante e como somos afetados todo o tempo, mesmo de forma passional, o corpo como no indivíduo está em plena composição, não poderia apresentar uma realidade estável.

Desta forma podemos afirmar que o corpo é sempre algo que está em “construção”, como podemos ver em Deleuze ao se referir a Spinoza “o corpo não é nem substância e nem sujeito, mas modos [...]. Definiremos um animal ou um homem, não por sua forma nem por seus órgãos e suas funções, e tão pouco como sujeito: nós o definimos pelos afetos de que ele é capaz” (DELEUZE, 2002. p. 128 – 129).

Para ilustrar, Deleuze (2002. p. 129) segue.

Há, por exemplo, grandes diferenças entre um cavalo de lavoura ou de tiro e um cavalo de corrida, entre um boi e um cavalo de lavoura. É porque o cavalo de corrida e o de lavoura não possuem os mesmos afetos nem o mesmo poder de ser afetado; o cavalo de lavoura tem antes mais afetos comum com o boi.

Relação afeto e individuação Simondon também havia descrito<sup>51</sup>. “A afetividade relacional que se refere aos produtos relacionados pela atividade de integração e a atividade de diferenciação, a qual podemos chamar de afetividade ativa, caracteriza o indivíduo em sua vida singular e não sua relação com a espécie” (SIMONDON, 2009. P. 238. livre tradução).

Neste momento nos fica evidente que o que torna a individuação possível é a potência<sup>52</sup>, tal potência existente na realidade pré-individual está diretamente relacionada com a capacidade que o corpo tem de se afetar e de afetar outros corpos, o que possibilita a forma que o corpo tem de se relacionar com o que lhe afeta ou é afetado por ele e como tal potência é promotora de uma diferenciação do corpo e do indivíduo, o afecto, tal potência que podemos ver no exemplo dado por Deleuze e Guattari (2010. p.17).

Tal como estava era uma mesa feita de pedaços, como foram feitos certos desenhos de esquizofrênicos, desenhos tidos entulhados, e se ela se apresentava acabada, era só na medida em que não havia maneira de lhe acrescentar mais nada, mesa que se tinha tornado cada vez mais um amontoado e cada vez menos uma mesa...

Um corpo que se porta como o desenho do esquizofrênico, uma mesa, que se faz por pedaços que se acumulam, aglomeram, sobrepõem, atravessam, ligam nas extremidades, trocam de lugar em movimentos de velocidades inconstantes nas intensidades vetoriais,

---

<sup>51</sup> É importante dizer aqui que a afetividade relacional ao promover a individuação no ser vivo, o qual apresenta um psíquico, a afetividade abandona seu papel central no vivente e se organiza junto as funções perceptivo-ativo; uma problemática perceptivo-ativo e uma problemática afetivo-emocional (SIMONDON, 2009. p. 241. livre tradução).

<sup>52</sup> Aqui quando falamos em potência não estamos nos referindo à potência aristotélica que atua nas quatro causas, transformar o ser em ato, isto é, sua finalidade, a potência para nós é algo que nunca se encerra, não é finita e não tem um fim, é sempre uma diferenciação, sempre indeterminado.

singulares, não se apresentando, portanto, nenhuma forma totalizada, e ou totalizante, acabada, pronta, nem partes que se segmentam ou se completam, apenas multidão<sup>53</sup>.

Uma mesa que é, antes mesmo que uma mesa, uma multidão, que se compõe, multiplicidades. Apresenta-se visualmente “acabada”, não por uma finitude que lhe seria própria, mas por uma saturação que se faz, apenas visual de sua “forma”, registrada num instante, como numa fotografia, que apresenta uma falsa totalidade. Falsa totalidade, pois quando olhamos um corpo recortado num instante, isto é, estabilizado, impedimos aquilo que é próprio do movimento, a incerteza, a dúvida, do que há por vir, pois o que há por vir é antes de tudo impossível.

Não é algo que nos é dado no atual e também não se opõe a nada, pois é sempre a diferença, o corpo totalizado só se remete a ele mesmo e nas possibilidades presentes nele mesmo, ao ocupar um estrato, a imagem impossibilita observar o movimento que se compõe, e ou, decompõe, as singularidades em cada segmento, apresentando-se cada uma, uma outra ordem desta mesa, em cada acontecimento, como uma espécie de *bricolagem*<sup>54</sup>.

Devemos nos atentar para não concebermos um corpo composto em partes, é preciso sair sempre do pensamento dual, não se trata de um corpo que seja uno e que se divide até chegar as partes, ou de compreender um corpo que partiria das partes até atingir um todo. Falamos aqui de um corpo que está sempre em movimento, sempre em um fluxo contínuo, que

---

<sup>53</sup> Quando se refere a multidão, queremos dizer algo sem rosto, sem uma identidade, aquilo que opera fora de um significado e ou significante, pois não há nem um sujeito e nem um objeto, uma multidão é o oposto de um povo, pois ninguém sabe quem eles são e o que eles querem, eles não possuem uma língua. Tal conceito nos é referido da filosofia de Spinoza (1983, p. 345) tratada em seu *Tratado Político*, como podemos ver. “Como o poder soberano pertence à assembleia dos patrícios tomada na totalidade, mas não a cada um dos seus membros (sem o que seria uma multidão desordenada), é necessário que todos os patrícios sejam obrigados pelas leis a formar um corpo único, dirigido por um pensamento comum. Mas as leis, por si mesmas, não têm a força requerida e são facilmente violadas quando os seus defensores são aqueles mesmos que podem infringi-las e que não há para refrear o seu apetite senão o exemplo do suplício infligido por eles próprios aos seus colegas, o que é completamente absurdo; há, portanto, necessidade de procurar um meio próprio para assegurar a manutenção, pelo corpo de patrícios, da ordem e das leis do Estado, conservando ao mesmo tempo, tanto quanto possível, a igualdade entre os patrícios”.

<sup>54</sup> Deleuze e Guattari apresenta esse conceito em seu livro *O Anti-Édipo*, tal conceito é retirado do Antropólogo Lévi Strauss, como podemos ver. “Quando Lévi Strauss define a bricolagem, põe um conjunto de características estritamente ligadas: a posse de um estoque ou de um código múltiplo, heteróclito, porém limitado; a capacidade de introduzir os fragmentos em fragmentações sempre novas; onde ocorre uma indiferença do produzir e do produto, do conjunto instrumental e do conjunto a ser realizado” (DELEUZE; GUATTARI 2010 p. 18). Como se a cada acontecimento novas inscrições se dessem no corpo, não podendo diferenciar o corpo do encontro que ele vivencia.

opera por *encontros*<sup>55</sup>, encontros entre corpos, é só pensarmos em Heráclito do encontro entre o homem e as águas do rio<sup>56</sup> e Plutarco não hesita em comentá-lo.

[De acordo com Heráclito não é possível banhar-se duas vezes no mesmo rio, nem apreender uma substância mortal em condição estável, *mas pela rapidez e intensidade da mudança ela se dispersa e de novo se reúne. Ou ainda mais que isso, não de novo, nem mais tarde mais ao mesmo tempo* ela [se] forma e [se] dissolve, [se] aproxima e [se] afasta]] (citado por KAHN, 2009. p.255. Meus grifos)<sup>57</sup>.

Mas quando falamos de encontro, devemos também voltar ao latim para a origem da palavra encontrar, temos a palavra *incontrare*, a qual tem em seu significado a palavra *contra*, no sentido de oposto, o que nos leva a lembrar de Heráclito, que acabamos de mencionar, especificamente de seu conceito de devir, que a um primeiro momento está relacionado com *a luta dos opostos*.

Deve ficar claro, que para nós, quando falamos aqui de oposto, e nos referimos ao *devir*, não estamos nos prendendo ao pensamento dual, de concepções, e ou, categorias que se completam, como: adulto – criança; homem – mulher; bem – mal etc. ou de um encontro que irá cobrir, sanar ou ocupar “um” algo que falte ao corpo, mas de um processo de diferenciação pelo qual o corpo passa, que não lhe foi determinado nem lhe é determinante, pois o que devém deste encontro é sempre *indefinido*, pois ele não está dado nesta relação é algo sempre inventado/criado pelo corpo.

Remetemos ao devir proposto por Deleuze.

O devir é a interrupção da lógica histórica que se dá no tempo cronológico. Se, por um lado, existe a história como continuidade sucessiva de passado, presente e futuro, por outro lado, temos a ruptura do tempo histórico, os acontecimentos, as revoluções, os devires (KOHAN, 2008, p. 50).

---

<sup>55</sup> Quando falamos em encontro, estamos habitando a filosofia de Spinoza, pois para ele quando dois corpos se encontram, este encontro entre corpos é sempre casual e fortuito, temos um afeto provido de uma *paixão alegre* que aumentaria nossa potência de agir, se provido de uma *paixão triste* diminui nossa potência de agir. Deste afeto teremos uma afecção, que é: quando um corpo sofre a ação de outro corpo, ou age sobre o outro corpo, o que pode ser percebido pois sempre deixa vestígios

<sup>56</sup> Fragmento LI – Um não pode entrar duas vezes no mesmo rio, nem apreender qualquer substância mortal em condições estável, mas dispersa e de novo reúne; forma e dissolve, e aproxima e afasta (HERÁCLITO, citado por KAHN, 2009. p.79).

<sup>57</sup> Em outra obra que trás mais fragmentos, esta passagem está como fragmento 91, antes no fragmento 49 podemos observar mediante o encontro homem e água do rio que Heráclito já anteciparia essa questão do movimento, ausência de um equilíbrio estável que já se desloca o pensamento do pensamento dual. Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos (HERÁCLITO, citado por SOUZA, 2000. p.92)

É por essa ruptura temporal, que é possível pensar o devir como *a dimensão do ser*, como veremos mais a frente, o que possibilita portanto o movimento de passagem do pré-individual ao individual, o que possibilitará a resolução de um problema, isto é, a própria individuação. Pois a cada individuação há uma diferenciação. “A vida individual é diferenciação à medida que é integração”. (SIMONDON, 2009. P. 239. livre tradução).

O corpo então também é formado, composto de acordo com as relações que ele mantém com suas próprias “partículas” como diria Spinoza, com os demais corpos, isto é, através dos *afetos que é capaz* e com o meio em que se encontra. Desta forma, o corpo não pode ser encarado como uma estrutura fixa que serviria para fixar, acoplar, acomodar, ou até mesmo servir de morada, seja para a realidade pré-individual, e ou, para a realidade individual.

Não sendo também o corpo o próprio ser, o que nos permite responder nossa segunda questão. *Se é possível pensar ainda em um ser?* A resposta já nos é clara. Não. Pois o que temos sempre são corpos que se individualizam e se compõem num fluxo contínuo.

Quando falamos que não é possível, a partir da proposta de Simondon pensar em um indivíduo, é porque ao falar em ser, remetemos a ontologia, e é indissociável separar então do ser alguns elementos e características. Isto é, o ser é concebido como uno, indivisível e imutável, e que carrega em si uma essência, como se vê, ao pensar um ser desta forma, estaríamos retomando as concepções *hilemorfica*, *hoc aliquid* e *substancialista* e seus princípios de individuação.

O ser em sua concepção clássica, e que serve de início e de norte para essa compreensão de ser que falamos acima, foi inicialmente pensada e proposta pelo filósofo grego, pré-socrático Parmênides, sua filosofia, vem confrontar-se com as propostas dos que o antecede, os cosmólogos, Tales, Anaxímenes e Anaximandro e mais especificamente a Heráclito e o devir.

Desta forma, ao afirmar um indivíduo que está em movimento, isto é, em constante mudança e uma individuação que se dá pela incerteza e indefinição, não há como falar em um ser que comporta em si uma essência, ou índole, ou algo que o valha. Sendo assim, quando se falar de ser referente a Simondon, não estamos nos referindo ao ser da forma que acabamos de ver, mas como a mesa desenhada por um esquizofrênico, isto é, um *Corpo sem Órgãos*, como querem Deleuze e Guattari (2010, p. 20). “O corpo sem órgão não é o testemunho de um nada original, nem o resto de uma totalidade perdida. E sobre tudo ele não é uma projeção: nada tem a ver com o corpo próprio ou com a imagem do corpo. É o corpo sem imagem”.

Referente ao corpo sem órgãos, é possível encontrar um platô inteiro dedicado a ele, é o platô 6. *28 de Novembro de 1947 – Como Criar Para Si Um Corpo Sem Órgãos*, na obra *Mil Platôs*.

O CsO é o ovo. Mas o ovo não é regressivo: ao contrário, ele é contemporâneo por excelência, carrega-se sempre consigo como seu próprio meio associado. O ovo é o meio de intensidade pura, o *spatium* e não a extensão, a intensidade zero como princípio de produção. Existe uma convergência fundamental entre a ciência e o mito, entre a embriologia e a mitologia, entre o ovo biológico e o ovo psicológico ou cósmico: o ovo designa sempre essa realidade intensiva, não indiferenciada, mas onde as coisas, os órgãos, se distinguem unicamente por gradientes, migrações, zona de vizinhança. O ovo é o CsO. O CsO não existe “antes” do organismo, ele é adjacente, e não para de se fazer. Se ele está ligado à infância, não o está no sentido de uma regressão do adulto à criança, e da criança à Mãe, mas no sentido em que a criança, assim como o gêmeo dogon, que transporta consigo um pedaço da placenta, arranca da forma orgânica da mãe uma matéria intensa e desestratificada que constitui, ao contrário, sua ruptura perpétua com o passado, sua experiência, sua experimentação atuais. O CsO é bloco de infância, devir, ao contrário da recordação da infância. Ele não é criança “antes” do adulto, nem mãe antes da criança: ele é a estrita contemporaneidade do adulto, da criança e do adulto, seu mapa de densidades e intensidades comparadas, e todas as variações sobre esse mapa. O CsO é precisamente este germe intenso onde não há e não pode existir nem pais e nem filhos (representação orgânica) (DELEUZE;GUATTARI, 1996 p.27-28).

Temos então um corpo com diferenciações que se dão devido às potências que a pré-individualidade possui, as quais são responsáveis pelas individuações. A capacidade de ser afetado, por exemplo, corresponde com a possibilidade da efetuação das potencialidades presentes na realidade pré-individual, Deleuze relaciona o pré-individual com a singularidade, desta forma, a singularidade não está no indivíduo, ou na realidade individual, mas na sua capacidade de ser afetado, isto é, a singularidade do corpo é o pré-individual e não uma aquisição subjetiva a partir do que seria uma experiência única do ser.

O que nos obriga a pensar que não é só a realidade pré-individual que coexiste com a realidade individual e com o corpo, mas também a singularidade e o indivíduo e por mais estranho que possa parecer eles não se encontram estáveis, como já vimos. E é essa situação de não estabilidade que permite que a operação de individuação ocorra. É a partir daqui que iremos responder à questão que ainda nos falta. *Como opera esse princípio de individuação no qual a realidade pré-individual possa coexistir com a realidade individual?*

Pensar então numa individuação que não opera por um equilíbrio estável, que não seja uma finalidade e que não se apresenta como uma totalidade, já aparecia na filosofia desde os antigos por meio da intuição, como vimos nos casos de Heráclito e mais recentemente

em Spinoza<sup>58</sup>, mas foi a partir das investigações de Simondon que introduz um paradigma da física e um conceito de biologia na filosofia que possibilitou toda uma mudança na compreensão do princípio de individuação, abandonando as especulações filosóficas e a metafísica.

## Da individuação

A individuação costuma ser compreendida como uma operação que atribui ao ser um indivíduo, mas diferentemente desta visão resguardada em teorias como a *hilemorfica*, a *hoc aliquid* e a *substancialista*, como vimos, Simondon propõe uma individuação na qual o indivíduo é apenas uma realidade que foi atualizada no corpo e não de forma definitiva. Pois é a resolução de um problema no qual o corpo se encontra. E que perante outros problemas que o corpo possivelmente se colocará, essa atualização poderá ser substituída por outras resoluções, mediante outros problemas.

Como já vimos, a individuação não é algo que se dá de uma forma transcendental e nem por uma teleologia, é um processo que se dá no corpo, isto é, um domínio que coexiste em si duas grandezas dispare, a realidade pré-individual e a realidade individual, como vimos esta coexistência só é possível por causa de uma realidade metaestável, vale a pena ressaltar que as duas grandezas, pré-individual e individual, não se comunicam e também devido a energia potencial, não se encontram estáveis.

Temos então num corpo uma realidade pré-individual e uma realidade individual. Para que haja uma individuação é preciso que haja um movimento partindo da realidade individual, para a realidade pré-individual, que se dá mediante um problema, tendo o próximo movimento, a resolução, isto é uma individuação, que caracteriza através do movimento que sairá da realidade pré-individual para a realidade individual.

Anteriormente havíamos dito que as grandezas que coexistem em um domínio, não se comunicavam. Portanto, não bastaria apenas a realidade metaestável, pois ele não dá conta de iniciar uma individuação, pois para que haja uma individuação é preciso que tenhamos o movimento descrito acima, isto é, entre as duas grandezas, e isso só ocorrerá mediante uma

---

<sup>58</sup> Não são os únicos filósofos a intuir uma realidade que não se apresenta de forma estável.

comunicação interativa entre as duas grandezas, como já visto, é a *disparação* a responsável por essa comunicação.

Torna-se evidente o que já foi enunciado antes, o corpo não se encontra em um equilíbrio estável, mesmo que se pense que após uma individuação o corpo tende a estabilidade, não podemos esquecer que a individuação não se encerra, e que um corpo sempre se encontra envolvido em mais de um problema portanto, o corpo encontra-se em pleno fluxo de movimento, um fluxo contínuo.

Não é porque o corpo não se encontra em uma realidade estável que nós falaríamos que ele se encontra em uma realidade instável, pois tal pensamento dual não possibilitaria que houvesse uma diferenciação, isso é, uma nova individuação. Pois estável e instável, opera pela lógica do terceiro excluído, isto é, o corpo apresenta-se estável, um indivíduo, ou apresenta-se não estável, isto é, instável, não apresenta um indivíduo, o que impossibilita um outro indivíduo diferente surja quando ele retornar a realidade estável, pois teríamos o mesmo indivíduo que havia antes quando a realidade se apresentava estável, isso se dá, porque o princípio do terceiro excluído na lógica formal complementa o princípio na não contradição. Pois afirmar que quando o corpo volta-se a estabilidade haveria um outro indivíduo que não o que se apresentava na estabilidade seria uma contradição.

### **A metaestabilidade.**

*Os antigos só conheciam a instabilidade e a estabilidade, o movimento e o repouso, não conheciam clara e objetivamente a metaestabilidade. Para definir a metaestabilidade é necessário fazer intervir a noção de energia potencial de um sistema, a noção de ordem e a de aumento da entropia; assim, é possível definir este estado metaestável do ser, muito diferente do equilíbrio estável e do repouso, que os antigos não podiam fazer intervir na investigação do princípio de individuação, porque, para eles, nenhum paradigma físico preciso podia esclarecer o seu emprego (SIMONDON, 2003, p.102).*

O princípio de individuação opera a partir de um paradigma físico que é o conceito de metaestabilidade, o qual não apresenta um equilíbrio estável, pois se pensarmos em um equilíbrio estável teríamos uma realidade que atua sempre como a fotografia descrita acima,

é sempre algo dual, isto é, *uma coisa ou outra*, já na metaestabilidade, como o próprio nome diz, atua por um equilíbrio metaestável, isto é, contém em si sempre duas grandezas que coexistem ao mesmo tempo, podemos dizer que é sempre *uma coisa e outra coisa*.

Para exemplificar como é possível que duas grandezas possam coexistir ao mesmo tempo, é só pensar em um líquido que repousa em um congelador por um determinado tempo (não podemos esquecer que há um encontro acontecendo), imagina que após um determinado momento, este líquido é retirado do congelador, ele encontra-se no equilíbrio metaestável, e em uma relação entre o interior (líquido) e o exterior, (ambiente fora do congelador), (nota-se também outro encontro ai, não podendo então dizer que há uma operação de causalidade), o líquido deixa de ser líquido e passa a ser sólido, instantaneamente, e não podemos afirmar que havia alguma comunicação entre as grandezas, líquido/sólido, pois o sólido não existia na realidade atual, mas que na metaestabilidade o sólido coexistia com o líquido em sua realidade virtual.

O exemplo dado é o que a química chama de entropia, por exemplo, a 0°C em condições normais de temperatura e pressão, a água é líquida e sólida ao mesmo tempo, e ou, a 100°C em condições normais de temperatura e pressão a água é líquida e gasosa ao mesmo tempo. São novamente duas grandezas coexistindo sob o mesmo domínio.

É neste equilíbrio metaestável que o corpo repousa, é por ele que podemos compreender como é que no corpo o indivíduo possa coexistir com o pré-individual, isto é, com a singularidade, por isso podemos afirmar que a singularidade é impessoal e aconceitual como diz Deleuze (2011), não devemos conceber que essa singularidade seja subjetiva, pois como vimos ela existe antes mesmo de existir uma individuação, uma experimentação ela antevem o indivíduo, por isso, é pré-individual, portanto, ela não é adquirida, e ou é uma finalidade.

As singularidades são os verdadeiros acontecimentos. [...] Longe de serem individuais ou pessoais, as singularidades presidem a gênese dos indivíduos e das pessoas: elas se repartem em um “potencial” que não comporta em si mesmo nem Ego (Moi) individual, nem Eu (Je) pessoal, mas que o produz atualizando-se, efetuando-se, as figuras dessa atualização não se parecendo em nada ao potencial efetivado (DELEUZE, 2011. p. 105).

Ao falar da singularidade aqui, Deleuze nos apresenta um conceito, o *acontecimento*, tal conceito, tem sua origem no estoicismo antigo<sup>59</sup>, mas do qual Deleuze se apropria derivando dele uma nova compreensão, mas para entender o que Deleuze quer dizer com acontecimento quando se refere à singularidade, precisamos retornar ao conceito de acontecimento para os estoicos antigos, como nos apresenta Brèhier (2012. p. 33).

Não é nem um ser nem uma de suas propriedades, mas o que é dito ou afirmado do ser. É nesse caráter singular do fato que os estoicos ressaltavam, dizendo que ele era incorporeal; eles o excluía dos seres reais, apenas admitindo-o em certa medida no espírito “todo corpo torna-se assim causa para outro corpo (quando age sobre ele) de alguma coisa incorporeal”<sup>58</sup>. A importância desta ideia para eles se faz notar pelo cuidado que tem de exprimir sempre, na linguagem, o efeito por um verbo. Assim, não se deve dizer que a hipocondria é causa da febre, mas causa deste fato que a febre aconteça<sup>59</sup> e em todos os exemplos na sequência, as causas não são jamais fatos, mas sempre seres expresso por um substantivo: as pedras o mestre, etc.; e os efeitos – ser estável, fazer um progresso – são sempre expressos por um verbo<sup>60</sup>.

Temos então, o que os estoicos antigos chamavam de acontecimento, o que está no campo de sua lógica<sup>61</sup>, que nada mais é que o efeito que resulta a partir da mistura de dois corpos, isto é, de um encontro. E esse efeito só pode se exprimir, portanto, *ele não é um ser, e nem suas propriedades, mas o que é dito ou afirmado do ser*, portanto, é incorpóreo, estamos nos domínios das palavras.

---

<sup>59</sup> O estoicismo é uma escola filosófica que se originou no período helenístico e que é dividida em três etapas, o *estoicismo antigo*, o *estoicismo médio* e o *estoicismo romano*. No caso trata-se da origem do pensamento estoico, que carrega este nome devido as reuniões que se davam nos pórticos, conhecidos como Stoa, e que teve grande influência da filosofia cínica, isso se deu devido o contato próximo de Zenão de Cítio, fundador do estoicismo com os ensinamentos de Antístenes fundador da filosofia cínica.

<sup>60</sup> A passagem traz duas citações a 58 Sexto Empírico; a 59 *Celm. Alex. loc. cit.* Ainda encontramos o conceito de incorporeal, conceito que é muito importante para filosofia estoica, pois sua filosofia apresentam uma espécie de materialismo no qual: tudo é corpo (BRÉHIER, 2012p.23) no qual apresentam a presença de quatro incorporais, são eles *o lugar, o vazio, o tempo e o exprimível* (acontecimento).

<sup>61</sup> “Ao lado Organon, de Aristóteles, a lógica estoica é uma das contribuições de grande interesse no desenvolvimento da lógica contemporânea. A diferença é que para Aristóteles, trata-se mais de uma lógica de termos, ao passo que os estoicos desenvolvem uma lógica proposicional, baseada não tanto em nomes, mas no modo de dizê-lo nas proposições.

Eles diferenciavam os signos ou significante (*semainon*), a coisa significada (*seimanomenon*) e o significado (*lekton*) ou aquilo que se diz. O significante e a coisa, são materiais, mais o significado é imaterial, algo entre a realidade das coisas e a realidade das palavras” (ABRÃO [entre outros], 2008. p. 46). Vale a pena ressaltar que a palavra lógica foi empregada pela primeira vez pelos estoicos e não por Aristóteles, o que chamamos de lógica em Aristóteles era chamado por ele de analítica.

Neste ponto Deleuze concorda com a definição dada pelos estoicos, mais há outro domínio dentro da própria filosofia estoica que Deleuze apropria-se para que junto com o que é exprimível acompanha seu conceito de acontecimento, é o domínio da física, estamos nos referindo aos corpos, à física estoica é marcada por sua afirmação; *tudo é corpo*, isto é, falamos de novo da coexistência de dois domínios, o das palavras, a lógica e o dos corpos, a física, uma *coisa e outra* ao mesmo tempo, o que ocorre no mundo e o que a linguagem exprime. “O acontecimento está, portanto dos dois lados ao mesmo tempo, como aquilo que, na linguagem, distingue-se da proposição, e aquilo que, no mundo, distingue-se dos estados de coisas” (ZOURABICHVILI, 2004. p. 7).

A pouco, falávamos da potência que existe na singularidade que possibilitaria a individuação, quando falamos em potência, estamos operando no domínio da física, é a potência presente em cada corpo, que mediante seu encontro, mistura com outro corpo resulta em um efeito, o que pode ser exprimível deste encontro. Voltamos aos domínios da lógica, ela se deu através da composição entre dois corpos efetuando as suas potências. Não podemos afirmar que primeiro se dá o encontro e depois se dá o efeito, ambos ocorrem ao mesmo tempo, eles coexistem.

Para os estoicos o que resulta de um encontro entre os corpos são sempre efeitos, podemos compreender esses efeitos como uma individuação, os efeitos para os estoicos é um incorporeal, pois ele só pode ser exprimível, isto é, *são sempre expressos por um verbo*, é estar nos domínios das palavras, é dar um sentido, isto é, dar um significado<sup>62</sup>, que só é possível se pensarmos a partir de um *ser estável*.

Não devemos instituir como hábito esse significado, pois não há como determinar o que resultará do encontro entre dois corpos. Se em um dia de calor alguém tomar um sorvete e se compor com o sorvete e esse alguém determinar que o sorvete lhe traz felicidade ele atribuiu um significado a esse encontro, deu-lhe uma essência, estratificou uma resolução. Mas se um dia esse alguém estiver triste, pois está com uma dor de garganta, a garganta está completamente infeccionada e esse alguém pensar: preciso ser feliz, aí se lembra do sorvete e como o significou, o sorvete com a felicidade e resolveu tomar um sorvete, aí ele se decompôs,

---

<sup>62</sup> Seria nesse momento no qual se atribui um significado ao corpo, que se torna possível, que se faça um recorte na realidade do corpo, apresentando-o como estável, voltamos novamente ao exemplo da fotografia, único momento que é possível pensar um sujeito e um objeto, dando um significado ao corpo, lhe atribuímos uma essência, assim, estratificamos e o segmentamos, lhe damos um rosto, um gênero, uma raça, agora o corpo é portador de uma identidade, que segue sempre uma norma homogênea.

ainda mais. Dessa forma podemos afirmar que o significado é apenas um vestígio que resultou de um determinado encontro entre corpos, uma individuação, que não assegura nada.

O que resulta de um encontro entre corpos, de uma individuação, é sempre indefinido é do domínio das incertezas, portanto, quando pensamos em uma essência, pois utilizamos para isso um significado, para explicar algo, apenas agimos sobre o que foi dado de início em uma experimentação, é um dado do estável e como vimos com Simondon a realidade do corpo não é estável, é uma realidade metaestável, dessa forma, não se pode esperar que a resolução de um problema realmente servirá para todas as experimentações.

A individuação se dá a partir de uma experimentação que é regulada de acordo com a relação de repouso e movimento de velocidade e lentidão entre as partículas do corpo e devido a potência de cada singularidade que compõe um encontro, isto é, pela capacidade que cada corpo tem de afetar e de ser afetado. Como vimos o significado, não é nenhuma causa, seja ela inicial ou final, do significado não se origina nada ele é apenas um vestígio, um resultado dos sentidos, não uma entidade plena. Basta pensar em Alberto Caeiro<sup>63</sup> (in. Fernando Pessoa, 1998, p.220-221).

Sou um guardador de rebanhos.  
O rebanho é os meus pensamentos  
E os meus pensamentos são todos sensações.  
Penso com os olhos e com os ouvidos  
E com as mãos e os pés  
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la  
E comer um fruto é saber-lhe o sentido

Como podemos ver, não se trata de pensar em sujeito e objeto (fato, fenômeno, coisa), seja na construção do conhecimento ou nas relações com o mundo como pretende a fenomenologia, isto é, não se trata de um sujeito com a capacidade de aprender e de um objeto com a capacidade de ser apreendido, no qual o sujeito pudesse captar informações e características do objeto, possibilitando uma imagem mental, isto é, elaboração mental que se dá na interação do mundo físico e sociocultural. É como se o sujeito tivesse a capacidade de compreender o ser em si a partir de suas interações, mas como vimos isso não é possível, pois o significado se dá a partir da relação e não é anterior a ela.

---

<sup>63</sup> Heterônimo do poeta português Fernando Pessoa.

Como vimos no começo de nossa dissertação, o pensar proposto por Simondon aproxima-se do pensar proposto por Deleuze que nos propõe a pensar sem pontos fixos, pois esses pontos fixos nada mais são que essas imagens mentais, ideias, que se originam a partir do acontecimento, e se utilizarmos as imagens mentais para pensar, pensamos apenas a partir do significado, e não das relações entre corpos que se deram antes dele. Tomaremos um exemplo dado pelos próprios estoicos para tornar mais compreensivo essas questões.

Quando o fogo esquentar o ferro em brasa, por exemplo, não se deve dizer que o fogo deu ao ferro uma nova qualidade, mas que o fogo penetrou no ferro para coexistir com ele em todas as suas partes. [...] não são realidades novas, outras propriedades, mas apenas atributos. Assim, quando a navalha corta a carne o primeiro corpo produz sobre o segundo não uma propriedade nova, mas um atributo novo, o do ser cortado. O atributo, falando propriamente, não designa nenhuma qualidade real; branco e preto, por exemplo, não são atributos, nem em geral qualquer epíteto. O atributo é sempre, ao contrário, expresso por um verbo; isso quer dizer que ele não é um ser, mas uma maneira de ser, o que os estoicos denominam, na sua classificação de categorias, um *hábito*. (BRÉHIER, 2012 p.32).

O que temos é sempre uma mistura de corpos, um encontro, no qual os corpos que se fazem presentes, se articulam nesta relação ao coexistirem e o efeito que eles geram, no caso da navalha é o ser cortado, mas ele não só é exprimível, é também uma diferenciação do próprio corpo, Spinoza falaria em *afecto*<sup>64</sup>, *os vestígios da ação de um corpo sobre o outro*, falamos aqui do surgimento de *modos*, como Spinoza nos falou a pouco ao falar das maneiras que um corpo se individua.

Desta forma podemos dizer que ao se compor o corpo efetua um devir, se pensarmos de novo no encontro carne/navalha o efeito é o ser cortado, e a carne entra em contato com a navalha, tornando possível a sua composição, gerando um atributo, o ser cortado. Essa concepção de acontecimento nos é primordial para a individuação, pois é através do acontecimento que possibilita a coexistência virtual/real, pois se voltarmos a Simondon (2003. p. 101. Grifos do autor),

é possível supor que o devir é uma dimensão do ser, corresponde a uma capacidade que o ser tem de defasar-se em relação a si próprio, de resolver-se defasando-se; *o ser pré-individual é o ser em que não existe fases*, o devir é o ser em cujo seio se efetua

<sup>64</sup> “Afecto em Deleuze, ao contrário do afeto, é uma potência totalmente afirmativa. O afecto não faz referência ao trauma ou a uma experiência originária de perda, segundo a interpretação psicanalítica. O afecto, ao qual nada falta, exprime uma potência de vida, de afirmação, o que aproxima Deleuze de Spinoza: na origem de toda existência, há uma afirmação da potência de ser. Afecto é experimentação e não objeto de interpretação. Neste sentido, afecto não é a mesma coisa que afeto: o afecto é não-pessoal. Nem pulsão nem objeto perdido, “O afecto é uma potência de vida não-pessoal, superior aos indivíduos, o devir não humano do homem”. Cf. Lins, 2004a, e o instigante livro de Passetti, 2003” (citado em. Daniel Lins, p. 1254).

uma individuação, o ser em que uma resolução aparece em sua partição em fases; o devir não é um quadro no qual o ser existe; ele é dimensão do ser, modo de uma resolução de uma incompatibilidade inicial rica em potência<sup>3</sup>. *A individuação corresponde a aparição de fases no ser, as fases do ser*<sup>65</sup>.

Como vimos, Simondon ao afirmar que o devir é uma dimensão do ser, ele não está garantindo a existência de um ser, como vimos, ele é: *modo de uma resolução de uma incompatibilidade inicial rica em potência*, como no acontecimento para os estoicos que acabamos de falar, “O atributo é sempre, ao contrário, expresso por um verbo; isso quer dizer que ele não é um ser, mas uma maneira de ser, o que os estoicos denominam, na sua classificação de categorias, um hábito” (BRÉHIER, 2012 p.32) , ou mesmo de Spinoza como vimos também, o que resulta de um encontro entre corpos, são sempre vestígios, os modos, o que não assegura nenhum ser.

Podemos então perceber quando se fala de individuação e do surgimento do indivíduo, é que o que os estoicos chamavam de *atributos* do ser, Spinoza chamava de *modos* do ser e em Simondon temos as *fases* do ser. Mas em todos, o indivíduo apresenta-se como uma *realidade atual* que é na verdade uma realidade relativa que se deu mediante uma mistura de corpos, um encontro.

Uma *fase* do ser que foi efetuada e se é uma fase, podemos afirmar que essa realidade, a do ser em fases supõe uma realidade anterior à dele, a realidade do ser sem fase, que é a realidade pré-individual, a singularidade, que é pura potência, portanto um *virtual* e como podemos ver em Deleuze, “O virtual possui uma plena realidade, enquanto virtual” (*citado em*. LEVY, 2011 p. 11). Se a individuação é algo que não se esgota como já vimos, do mesmo modo a realidade atual não esgota toda a potencialidade da realidade virtual, sendo assim, tanto a realidade atual e a realidade virtual coexistem com o corpo.

## **A transdução**

Até agora apresentamos, a disparação e a realidade metaestável, como conceitos que Simondon se apropriou para explicar como é que a realidade pré-individual pode coexistir

---

<sup>65</sup> Referente a nota presente na citação. É constituição de uma ordem de grandeza mediata entre termos extremos; o próprio devir ontogenético em certo sentido, pode ser considerado como mediação (SIMONDON, 2003. p. 101.).

com a realidade individual com o corpo e que é também a partir dessa coexistência que possibilita o ser se defasar para se resolver, e a partir dessa operação poder individualizar e criar/inventar, uma nova fase ao ser. Mas para que todo esse processo de individuação ocorra a partir de todo um sistema metaestável é preciso da existência de uma:

operação física, biológica, mental, social, por que uma atividade se propaga gradativamente no interior de um domínio, fundando essa propagação sobre uma estruturação do domínio operada de região em região: cada região de estrutura constituída serve de princípio de constituição a região seguinte, de modo que uma modificação se estende progressivamente ao mesmo tempo que esta operação estruturante (SIMONDON, 2003. p. 112.).

Tal operação é chamada pelo Simondon de transdução<sup>66</sup>.

Essa atividade que se propaga gradativamente no interior de um domínio que assegura a transdução nada mais é que a própria individuação em processo. É importante lembrar que como vimos à individuação no domínio físico porta características distintas do domínio dos vivos, tal distinção está presente também na maneira que a transdução opera mediante esses dois domínios.

A transdução é efetuada pela afetividade e por todos os sistemas que desenvolvem no organismo a função de transdutores diferentes níveis. Portanto, o indivíduo seria um simples sistema de transdução, ao mesmo tempo que no sistema físico essa transdução é direta e no mesmo nível, no ser vivo é indireta e hierárquica. Seria falso pensar que em um sistema físico existiria somente a transdução, pois também existe aí uma integração e uma diferenciação, pois estão situadas nos limites do próprio indivíduo, e são detectados só quando ele cresce. Esta integração e diferenciação se encontram nos limites do indivíduo vivo, mas, em seguida, caracteriza sua relação com o grupo ou com o mundo, podendo ser relativamente independente das que operam no interior do vivente (SIMONDON, 2009, p. 234-235. Livre tradução.).

No domínio físico o exemplo que nos é dado pelo Simondon é o do cristal, no qual, a partir de uma molécula, esse cristal vai aumentando e crescendo por todos os lados, para facilitar a visualização do exemplo dado pelo Simondon é só pensarmos em um cristal composto

---

<sup>66</sup> Conceito das ciências naturais, que tem por definição em biologia: (do lat. Transductione, conduzir através de alguma coisa') Transdução. Uma das três formas diferentes de transferência de material genético de bactérias. Pela transdução, o material genético é transferido de uma célula a outra por meio de uma ação de um fago ou bacteriófago (q.ve.). O fragmento de DNA transportado de uma bactéria a outra (de reboque no material viral) se incorpora ao cromossomo bacteriano desta última e passa a se comportar (pelo menos, durante certo tempo) como se fosse um gene dela mesma. Assim essa segunda bactéria começa dali por diante a revelar um caráter ou fenótipo que não possuía. As outras maneiras de transferência de material genético entre células bacterianas são a conjugação e a transformação (q.v. cada uma) (SOARES, 1993. p. 466). E na física apresenta-se como: FÍS processo pelo qual uma energia se transforma em outra, de natureza diferente. (RODITI, 2005. p.226.).

pela molécula NaCl (cloreto de sódio), sua estrutura atua como uma região que vai recebendo novos cristais de NaCl, formando novas camadas de acordo com sua expansão e a cada camada formada, serve de estrutura para a constituição para novas regiões, as quais irão receber novos cristais de NaCl, assim sucessivamente, nota-se uma repetição progressiva. A transdução do domínio físico opera nessas regiões que são formadas a cada individuação, portanto, a transdução no ser físico é uma transdução externa, pois atua nas proximidades do ser físico.

Já no domínio dos vivos, apresenta-se de forma mais complexa devido ao sistema metaestável, como vimos, banhado por movimentos de velocidade e lentidão apresenta variações nas constituições de regiões criando, desta forma, estrutura que possibilita assim domínios heterogêneos, apresentando múltiplas dimensões.

Pois a formação do corpo do ser vivo se dá de acordo com as individuações que o mesmo tiver, isso se dará mediante a relação que ele mantiver com o ambiente, com os demais corpos e com a sua singularidade, isto é, com o pré-individual e sua potência. Um flagelo, um orifício, uma calda, uma cabeça, etc. apresentam-se como dimensões nos seres vivos. Tal característica possibilita uma espécie de dissimetria, de funções, uso, prática distintas das dimensões do ser, o que não ocorre no ser físico, pois como vimos, a individuação no ser físico se dá a partir das regiões, as quais foram estruturadas a partir de uma molécula. E que em seu processo de individuação as moléculas da qual receberá serão iguais a ela.

Deleuze e Guattari (1995a) tratam essa estrutura como estratos e como em Simondon, as individuações partindo deles, mas Deleuze e Guattari relacionam ao processo de individuação a questão do conteúdo e da expressão, como podemos ver.

Cada estrato era uma dupla articulação de conteúdo e expressão, ambos realmente distintos, ambos em estado de pressuposição recíproca, disseminando-se um no outro, com agenciamentos maquínicos de duas cabeças estabelecendo correlações entre seus segmentos. O que variava de um estrato a outro era a natureza da distinção real entre conteúdo e expressão, a natureza das substâncias como matérias formadas, a natureza dos movimentos relativos. Podia-se sumariamente distinguir três grandes tipos de distinção real: a real-formal para as ordens de grandeza onde se instaurava uma ressonância de expressão (indução); a real-real para sujeitos diferentes onde se instaurava uma linearidade de expressão (transdução); a real-essencial para atributos ou categorias diferentes onde se instaurava uma sobrelinearidade de expressão (tradução) (DELEUZE & GUATTARI, 1995a, p. 90).

A partir daí, podemos observar que a individuação uma distinção do real, a individuação do ser físico pertence ao *real-formal*, que ocorreria por uma operação chamada *indução*, como no exemplo do cristal de sal, pois seu conteúdo é a molécula de NaCl e a sua expressão, isso é o que resulta de uma individuação é um cristal, que em si comporta a mesma

molécula que pertence ao seu conteúdo, percebemos então que a expressão é dependente do conteúdo.

O estrato geológico, o estrato cristalino, os estratos físico químico em toda parte em que se pode dizer que o molar exprime as interações moleculares microscópicas, (“o cristal é a expressão macroscópica”, “a forma dos cristais expressa certos caracteres moleculares ou atômicos da espécie química constituinte”). [...] Entre o conteúdo e a expressão havia, de fato, uma distinção real, pois as formas correspondentes eram atualmente distintas na "coisa" mesma e não apenas no espírito de um observador. Mas essa distinção real era muito particular, somente *formal*, já que as duas formas compunham ou conformavam uma única e mesma coisa, um único e mesmo sujeito estratificado (DELEUZE & GUATTARI, 1995a, p. 74).

Já a individuação que se refere ao ser vivo apresenta-se de duas maneiras distintas. A primeira refere-se ao estrato orgânico, a distinção do real chamada de *real-real*. E ocorre na esfera molecular, tendo as proteínas de conteúdos e ácidos nucleicos de expressão, como podemos ver a expressão é diferente e independente do conteúdo, sendo a transdução a responsável por essa operação, pois a transdução é capaz de dar conta da ressonância entre o molecular e o molar e das funcionalidades das substâncias independentes dos códigos.

Mas há um caráter original do estrato orgânico que deve dar conta dessas próprias ampliações. É que, anteriormente, a expressão dependia do conteúdo molecular expresso, em todas as direções e segundo todas as dimensões, e só tinha independência quando recorria a uma ordem de grandeza superior e a forças exteriores: a distinção real se fazia entre formas, mas formas de um único e mesmo conjunto, de uma mesma coisa ou sujeito. *Mas agora a expressão se torna independente em si mesma, quer dizer, autônoma*. Ao passo que a codificação de um estrato precedente era coextensiva ao estrato, a do estrato orgânico se processa numa linha independente e autônoma que se destaca ao máximo das segunda e terceira dimensões. A expressão deixa de ser volumosa ou superficial para tornar-se linear, unidimensional (mesmo na sua segmentaridade). O essencial é a *linearidade da seqüência nucléica*<sup>20</sup>. A distinção real conteúdo/expressão não é mais simplesmente formal, é, propriamente falando, real; ela se faz agora *no* molecular, independentemente das ordens de grandeza, entre duas classes de moléculas, ácidos nucléicos de expressão e proteínas de conteúdo, entre elementos nucléicos ou nucleotídeos e elementos protéicos ou aminoácidos. Tanto a expressão quanto o conteúdo têm molecular e molar (DELEUZE & GUATTARI, 1995a, p. 75).

A segunda maneira que se refere ao ser vivo é referente a um grande grupo de estrato o qual a sua distinção do real é a *real-essencial*, apresentando uma nova relação conteúdo e expressão se diferenciará dos estratos anteriores e que é qualificada mais pela sua distribuição, conteúdo e expressão do que pela condição humana, pois o seu conteúdo torna-se

“aloplástica” e não mais homoplástica, isto é o conteúdo opera alterações no mundo exterior, e a expressão torna-se linguística e não mais genética, tal operação é realizada pela tradução.

O que nós chamamos propriedades do homem — a técnica e a linguagem, a ferramenta e o símbolo, a mão livre, a laringe flexível, "o gesto e a palavra" — são antes propriedades dessa nova distribuição cujo começo só dificilmente se poderia fazer coincidir com o homem como origem absoluta. A partir das análises de Leroi-Gourham, vê-se como os conteúdos se acham ligados ao par mão-ferramenta e as expressões ao par face-linguagem, rosto-linguagem<sup>23</sup>. A mão não deve ser considerada aqui como simples órgão, mas como uma codificação (código digital), uma estruturação dinâmica, uma formação dinâmica (forma manual ou traços formais manuais). A mão como forma geral de conteúdo se prolonga nas ferramentas que são, elas próprias, formas em atividade, implicando substâncias enquanto matérias formadas; enfim, os produtos são matérias formadas ou substâncias que, por sua vez, servem de ferramentas. Se os traços formais manuais constituem uma unidade de composição para o estrato, as formas e as substâncias de ferramentas e de produtos se organizam em paraestratos e epistratos, que funcionam, eles mesmos, como verdadeiros estratos e assinalam as descontinuidades, as fraturas, as comunicações e difusões, os nomadismos e sedentaridades, os limiares múltiplos e as velocidades de desterritorialização relativas nas populações humanas. (DELEUZE & GUATTARI, 1995a, p. 75).

### **A questão da informação.**

*Uma informação nunca é relativa a uma realidade única e homogênea, mas a duas ordens em estado de disparação: a informação, quer ao nível da unidade tropística, quer ao nível do transindividual, jamais é depositada em uma forma que pode ser dada; ela é a tensão entre dois reais díspares, a significação que surgirá quando uma operação de individuação descobrir a dimensão segundo a qual dois reais díspares podem tornar-se sistema; portanto, a informação é um início de individuação, uma exigência de individuação, nunca é uma coisa dada; não há unidade e identidade da informação, pois a informação não é um termo; ela supõe tensão de um sistema de ser; só pode ser inerente a uma problemática; a informação é aquilo por intermédio de que a incompatibilidade do sistema não resolvido devém dimensão organizadora na resolução; a informação supõe uma mudança defase de um sistema, porque ela pressupõe um primeiro estado pré-individual que se individua conforme a organização descoberta; a informação é a fórmula da individuação, fórmula que não pode preexistir a esta individuação; poderíamos dizer que a informação é sempre no presente, atual, porque ela é o sentido segundo o qual um sistema se individua<sup>10</sup> (SIMONDON, 2003, p. 109-110)*

As várias dimensões, as fases do ser, resultantes no vivente é devido as suas individualizações, o ser fasado, que se tornam possíveis pelo fato que a transdução opera mediante o uso da(s) informação(ões)<sup>67</sup> que o mesmo recebe. As informações não são exclusividade no domínio dos vivos, pois ela também está presente no domínio físico e são responsáveis também por sua individualização.

Toda individualização física, como a vista, do cristal NaCl, possibilita apenas uma informação, a qual, está presente em sua realidade pré-individual. Como vimos, sua individualização se dá pela expansão de moléculas do próprio NaCl que vai aglomerando em sua estrutura, que vai se refazendo a cada aglomeração.

Não é uma estrutura amorfa que se atrelará a matéria, é sempre devido a uma informação, que contém em si uma potência, que não possibilita uma finalidade, mais uma constante individualização. Por isso, podemos sempre afirmar, que o indivíduo não é todo o ser, pois a ele precede uma realidade pré-individual que possui em potência uma informação do qual ele é dependente, mas não lhe faz determinante.

Já as individualizações dos seres vivos não se contentam em receber uma única informação, pois elas recebem inúmeras informações, devido ao seu caráter de metaestabilidade, o que propicia que a transdução promova uma região em apenas um lado do vivente, devido a uma informação fazendo surgir uma expansão naquela direção, enquanto uma outra informação irá promover uma outra região na qual terá sua expansão, formando assim as diversas dimensões do vivente. O que Simondon irá dizer as *fases do ser*.

Como vimos na individualização física, à informação reitera a sua realidade pré-individual em forma de potência, já no ser vivo as informações não se dão de forma a reiterar a sua pré-individualidade, pois recebe também sucessivas informações oriundas do ambiente, somando assim em sua individualização informações internas e externas. Assim, é através das sucessivas contribuições dadas pelas informações, que surgem as fases do ser, o ser fasado.

Como vimos à individualização não se esgota de uma única vez, novas fases vão surgindo no vivente conforme as novas informações vão se efetuando. Mas para que essas novas fases surjam, novas dimensões do ser, é preciso a realização de uma potência que não se encontra no indivíduo, o ser fasado, mas sim no ser sem fase, na pré-individualidade, isto é, na singularidade, se atualize. Para tal, é preciso que o ser possua uma *unidade transdutora*, que é para Simondon (2003. p. 112. Grifos do autor):

---

<sup>67</sup> É devido a questão da informação que possibilita uma diferenciação de início de Simondon aos materialistas modernos aqui já citado, pois para eles a informação é algo a ser descartado, pois é considerada imaterial, por não ser matéria e nem energia.

*Unidade Transdutora*, isso é, ele pode defasar-se em relação a si próprio, ultrapassar a si próprio de um lado e de outro de seu centro. O que consideramos *relação* ou *dualidade de princípios* é, de fato, escalonamento do ser, que é mais que unidade e mais que identidade. O devir é uma dimensão do ser, não o que lhe advém conforme uma sucessão que seria sofrida por um ser primitivamente dado e substancial. A individuação deve ser apreendida como devir do ser e não como modelo do ser que esgotaria suas significações. O ser individuado não é todo o ser nem o ser primeiro.

É a capacidade de se defasar pertencentes ao corpo, que permite que novas individuações possam operar, isto é, sair das fases e ir ao sem fase, sair do indivíduo e ir a singularidade, é essa ação que a transdução permite no processo de individuação, e que é a responsável pelo corpo atuar numa realidade metaestável, isto é, que coexistam com o corpo grandezas distintas: o pré-individual e o individual; a singularidade e o indivíduo, a realidade virtual e a realidade atual.

## Do problema

*No vivo há uma individuação pelo indivíduo e não apenas um funcionamento resultante de uma individuação já efetuada, comparável a uma fabricação; o vivo resolve problemas, não só adaptando-se, isto é, modificando sua relação com o meio (como uma máquina pode fazer), mas também modificando-se a si próprio, inventando novas estruturas internas, introduzindo-se completamente na axiomática dos problemas vitais:’ O indivíduo vivo é sistema de individuação, sistema individuante e sistema individuando-se; a ressonância interna e a tradução da relação consigo próprio em informação estão neste sistema do vivo (SIMONDON, 2003, p. 105).*

É mediante um encontro, uma experimentação, que se torna possível essa operação de individuação; o acontecimento que falamos a pouco, assim quando como o corpo vivencia um problema<sup>68</sup>, isto é, uma prática que ocorre quando um corpo, mediante uma

---

<sup>68</sup> Temos como problema uma relação sensível entre corpos, que se origina mediante um encontro, no qual não dá para dizer que os corpos saibam de antemão o que irá decorrer e a solução que este problema terá, pois o processo dará a partir das singularidades envolvidas. Não devemos pensar que porque falamos aqui de singularidade estamos nos referindo a um processo subjetivo, como nos demonstra Deleuze (2011. p. 55). A singularidade é essencialmente pré-individual, não pessoal, aconceitual. Ela é completamente indiferente ao individual e ao coletivo, ao pessoal e ao impessoal, ao particular e ao geral – e às suas oposições. Deve-se lembrar que o problema, para Deleuze, coloca sempre como hipotética uma conexão entre “pontos singulares da ideia objetiva” (os signos”) e “partes notáveis” do corpo que participa desse encontro. Mesmo que seja um encontro entre dois corpos, poder-

situação desconhecida sente a necessidade de agir na realidade e sobre a realidade, ou quando um corpo apresenta os vestígios de uma ação realizada na realidade e sobre a realidade.

Como já dito, o corpo ao sofrer um afeto recebe e efetua uma ação que se dá na e sobre a realidade, envolvendo o(s) corpo(s) que ali se encontra(m) em um determinado problema, que precisa ser resolvido, na busca de sua resolução, e este corpo é lançado em movimento, apresentando assim velocidade e lentidão que lhe são próprios, isto é, falamos de um corpo que vive uma experimentação, *o ser do sentido*<sup>69</sup>.

Quando um corpo é afetado ele o é em sua singularidade, uma vez que o que lhe afetou, pode ser que não afete outros corpos e mesmo que afete, não podemos afirmar que foi da mesma forma, além de que a maneira pela qual este corpo buscará para resolver o problema que vivencia, não será igual à dos demais corpos, uma vez que o que resulta deste encontro, não está dado nem mesmo em possibilidade, cabendo assim a este corpo *inventar/criar* mediante as suas potências junto a seu encontro que vivencia, fora buscar a melhor forma para resolvê-lo.

O corpo opera aqui por intermédio da *unidade transdutora*, pois é preciso para resolver seu problema que ele se defasa, que “ponha”<sup>70</sup> em sua singularidade – realidade virtual<sup>71</sup> – a potência para que consiga alcançar sua resolução, e que atualiza uma virtualidade. Mas qual indivíduo é esse que o processo de individuação nos oferece? Podemos achar essa resposta em Orlandi (2003, p. 94).

Para transduzir o indivíduo, devo perguntar, por exemplo, pelo sistema no qual está ele tomado no exercício de sua própria individuação, sistema dito metaestável (nem estável, nem instável), sistema metaestável de singularidades pré-individuais; devo perguntar pela ação dos díspares, pela disparação entre pelo menos duas "escalas de realidades díspares", disparação que, para Deleuze, "define essencialmente um tal sistema", sistema que implica, portanto, um "estado de dissimetria", uma "diferença fundamental". E como devo perguntar pelo "problema colocado pelos díspares"? Devo fazê-lo indiretamente, capturando a própria operação de individuação como

---

se-ia dizer dois indivíduos, ainda assim o que é signo para um é apenas “pontos singulares” do outro, portanto parte, pedaços, objetos parciais, como dirá no Anti-Édipo. Ao mesmo tempo, a conexão se faz com “partes” de seu corpo. Nunca um fenômeno de totalidade, entre pessoas ou indivíduo, ou até mesmo corpos, como um todo. Lembrar do exemplo do nadador no mar, ali o problema era: “que partes do meu corpo conectar com as ondas” (pontos singulares da ideia objetiva de mar).

<sup>69</sup> Aquilo que só pode ser sentido (o sentiendum ou o ser do sensível) sensibiliza a alma, torna-a “perplexa”, isto é, força-a a colocar um problema, como se o objeto do encontro, o signo, fosse portador de problema – como se ele suscitasse problema (DELEUZE 2006. P. 203-204). É o que força-nos a pensar.

<sup>70</sup> Deve-se deixar claro que esse ponha não seja um lugar fora do próprio ser do qual falamos, o corpo se defase “saindo” do ser fásado e “chegando” ao ser sem fase, pois as ações que conhece e que se locam nas fases do ser se tornam incapazes de conseguir achar uma resposta para o seu problema, promovendo assim uma resolução.

<sup>71</sup> Deve-se atentar neste momento para não cair no pensamento dual, pois o corpo se encontra em uma realidade metaestável, não é que ele sai de um lugar, realidade atual e chega a um outro lugar, realidade virtual, o qual acharia a resposta que estava procurando, ele possui as duas realidades. E tal resposta também não está dada na realidade virtual, o corpo a partir das potencialidades existentes nessa realidade virtual terá que inventar, criar a melhor forma de resolver o seu problema.

passagem que resolve, na composição do indivíduo, um campo problemático pré-individual campo distendido na agitação dos díspares. Com ou sem ironia ou humor, devo pensar o indivíduo que vejo como sendo um precário, mutante e mutagênico revestimento de uma individuação que se agita por ser "organização de uma solução", por ser "resolução para um sistema objetivamente problemático".

E como vimos, todo esse processo pelo qual o corpo passa só é possível pela invenção e criação, pois essa ação é o próprio fazer artístico como nos demonstra através do teatro Antonin Artaud (1993, p. 23-24).

“Há no teatro, como na peste, algo de vitorioso e de vingativo ao mesmo tempo. Sente-se que esse incêndio espontâneo onde a peste provoca por onde passa não é nada além de uma imensa liquidação. (...) A peste toma imagens adormecidas, uma desordem latente e as leva de repente aos gestos mais extremos; o teatro também toma gestos e os esgota: assim como a peste, o teatro faz o elo entre o que é e o que não é, entre a virtualidade do possível e o que existe na natureza materializada.

Como já dito outras vezes, a individuação não é algo que acaba, nem um corpo se apresenta em uma realidade estável, portanto, as vivências que levam o corpo a experimentar uma nova problemática, estarão sempre exigindo esta capacidade de invenção/criação, mesmo que ao resolver um problema o corpo, de certa forma, uma de suas dimensões encontre-se temporariamente estável. Basta ver em Simondon (2009, p. 303. Livre tradução.).

O estado de um vivente é como um problema a resolver, do qual o indivíduo se converte das soluções, através das sucessivas construções das estruturas e funções. Uma nova individuação do ser, poderia ser considerado como um sistema portador de informação sobre a formação de pares antagônicos, ligados por uma unidade precária do ser individuado cuja a ressonância interna cria uma coesão. A homeostase do equilíbrio metaestável é o princípio coesivo que se liga a uma atividade de comunicação entre os domínios nos quais existem uma disparação. O desenvolvimento poderia então aparecer como uma sucessão de invenções de funções e de estruturas que resolvem etapa por etapa da problemática interna, enviada como uma mensagem pelo indivíduo. Essas invenções sucessivas, individuações parciais, que poderiam chamar, etapas de amplificações, contêm significações que faz cada etapa do ser, se apresente como uma solução de um estado anterior. Mas essas resoluções sucessivas e fracionadas da problemática interna, não podem ser apresentadas como uma aniquilação das tensões do ser.

Como vimos, para que o corpo possa se individuar, resolver uma problemática, ele precisa de sua capacidade transdutora, isto é se defasar. É como retomar a Nietzsche (2000, p.108) quando fala do artista: “toda sua vida ele permaneceu um menino ou um adolescente, e parou no ponto em que foi tomado por seu impulso artístico”, observando a entrega de um corpo

ao seu afeto, um impulso artístico, na qual, a criação artística atua, segundo Oneto: (2004, p.198).

O processo de criação artística, naquilo que denominamos “arte” é indissociável de uma *política*, mas de uma política em sentido diverso do comumente concebido – diverso por fundar seu modo de articulação em uma experiência da realidade distinta da habitual. As artes puderam, então, aparecer como uma ação sobre a realidade, isto é, como uma “política”, a realidade sobre a qual agimos deveria, ser encarada como algo sempre em via de constituição, de tal maneira que não poderíamos mais pressupor as possibilidades como dadas a partir de um real pronto e acabado. Falamos, portanto de uma política do “impossível” – mas do impossível como essa dimensão em que o possível não existe *a priori*.

E logo em seguida completa que “o fazer artístico seja a base de todo o fazer” (ONETO, 2004, p.198).

Sendo sempre uma ação que o corpo realiza para resolver um problema, opera por movimento, que se estende até a resolução do problema, que resolvido pode ser chamado de conhecimento, pois se esse problema aparecer novamente o corpo conhece os movimentos necessários, sabe agir para resolvê-lo; podemos dizer que o corpo adquire um produto, isto é, algo que foi produzido pelo corpo através da *invenção/criação* partindo de sua singularidade.

Quando esse corpo é confrontado com algo que se diferencie do problema, que não o comportava em suas possibilidades, este já não é o mesmo, torna-se novo, um outro problema, algo que os movimentos já conhecidos não sejam mais capazes para resolvê-lo, o produto de nada mais serve, uma vez que “o produto é o que é, e o movimento é o que não é, que não é mais” (DELEUZE, 1999. p. 127).

Tal corpo é lançado novamente ao movimento à procura de uma resolução, então cabe a ele *inventar/criar* uma forma de se relacionar com o problema e de resolvê-lo, quando assim o faz, podemos dizer que ele não é mais o mesmo, nem o corpo nem o indivíduo. Uma fase se faz. Neste momento, é preciso retomar Deleuze e Guattari, quando eles propõem uma *heccidade sem sujeitos*, como vimos, para que essas individuações que o corpo efetua não sejam um retorno a um sujeito do corpo frente aos poderes dominantes e aos saberes constituídos, como já dito, Simondon também compactua com esse pensamento, mas que sejam partes de uma ação que nos possibilita *acreditar no mundo*, como responde Deleuze (1992. P. 218) a Toni Negre em uma entrevista.

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossamos dele. Acreditar no mundo significa primeiramente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendra novos

espaços-tempos, mesmo de superfície ou volumes reduzidos. É o que você chama de *pietàs*. É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo.

É mediante o afeto que o corpo se põe no problema, e este como vemos, nega a relação de um sujeito-objeto, pois ele é uma experimentação que se dá mediante um acontecimento, isto é, o corpo é forçado a inventar/criar uma forma de vivenciar o signo, não é uma reconhecimento nem uma representação. E é mediante esta experimentação que é singular a cada corpo que podemos *acreditar no mundo*, seria o que Foucault propõe e como Deleuze (1992, p. 120) nos lembra, “A existência não como sujeito, mas como obra de arte”.

Sobre essa possibilidade de compreender *a vida como obra de arte*, que Foucault procura em sua filosofia e nos é dito por Deleuze (1992. p.123).

Não se trata mais de formas determinadas, como no saber, nem de regras coercitivas, como no poder: trata-se de regras facultativas que produzem a existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem modos de existência ou estilos de vida (mesmo o suicídio faz parte delas). É o que Nietzsche descobriria como a operação artista da vontade de potência, a invenção de novas “possibilidades de vida”.

Portanto, a experimentação de um problema sempre é uma criação singular, que se dá na pré-individualidade mediante um acontecimento, gerador de uma *energia potencial* e que ao resolver o problema, o corpo atualiza-se, o que o problema lhe possibilitaria em sua virtualidade, e como vimos em Oneto, tal solução apresentava-se como impossível na realidade atual, e assim, mais uma individuação se faz.

Um processo de subjetivação, isto é, uma produção de modo de existência, não pode se confundir com um sujeito, a menos que se destitua esse de uma interioridade e mesmo de toda identidade. A subjetivação se quer tem a ver com a “pessoa”: é uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento (uma hora do dia, um rio, um vento, uma vida...). É um modo intensivo e não um sujeito pessoal. É uma dimensão específica sem a qual não poderia ultrapassar o saber nem resistir ao poder. [...] quais são nossos modos de existência, nossas possibilidades de vida ou nossos processos de subjetivação; será que temos maneiras de nos constituirmos como “si”, e, como diria Nietzsche, maneiras suficientemente “artistas”, para além do saber e do poder? Será que somos capazes disso, já que de certa maneira é a vida e a morte que estão em jogo (DELEUZE, 1992, p. 123-124).

Tal preocupação também compõe o nosso campo teórico e se faz presente na fala de Oliveira (2006, p. 99.).

A arte propõe novas experiências e outros modos de viver. Ela nos alforria do presente do qual se quer se livrar, criando-se outros diferentes a partir de seu processo de autocriação. Pensar a escola a partir de paradigmas éticos e estéticos é pensa-la como obra de arte. Como referindo na epígrafe, por Deleuze, a arte é uma experiência do pensamento e, nesse sentido, uma prática ética, já que oferece ao ser humano o que é seu de direito, o próprio pensamento. Bem como na construção estética do mundo ao fazer ver o que não tem ainda visibilidade e de atribuir sentidos às novas composições inventadas. Através da arte se pode desacelerar o cotidiano produzindo outras dimensões do tempo e habitando o plano dos devires.

Mas para isso é preciso que nos coloquemos na minoria, pois a maioria só se dá pela representação, pensamento dual, postula modelos, padrões, propõe a falar por todos, com sua linguagem majoritária, exercendo os poderes e constituindo saberes. É preciso, como Deleuze (2010. p.36) nos fala, “realizar um ‘minorar’ (termo empregado pelos matemáticos), e saber como impor um tratamento menor ou de minoração, para liberar devires contra a história, vida contra a cultura, pensamento contra a doutrina, graças ou desgraças contra o dogma”.

## DAS APROXIMAÇÕES

*a onça era sonsa  
sonsa de nascença  
chegava de manso  
para encher a pança  
sem pedir licença*

*jaboti teiú  
tucano tatu  
macaco sagui  
preguiça preá  
cutia quati  
não tinham descanso*

*mas uma criança  
chamou a resposta  
criou uma dança  
a dança da onça  
criança crionça  
crionça criança*

*dançando essa dança  
a onça desonça  
despança  
dispensa  
sua comilança  
e hoje só pensa  
em dançar a dança*

*criança crionça  
crionça criança*

Augusto de Campos inspirado no poema de Julie Bozon

Pensar a educação partindo dos preceitos conceituais da filosofia proposta por Gilbert Simondon, e tendo como eixo norteador o seu conceito de *princípio de individuação* juntamente com os aportes que são realizados a partir da filosofia da diferença proposta por Gilles Deleuze e por Félix Guattari, não é para nós, em nenhum momento, forçar uma realidade inexistente, pois essa relação: Educação, Simondon e Filosofia da Diferença nos é possível.

Essa tríade (não temos nenhuma intenção em estabelecer nenhum padrão ao utilizar a palavra tríade) que envolve toda a nossa dissertação, permite-nos, a um não repensar a educação, ou o que é pior as atualizações de conceitos como está em voga, mas a encará-la e compreendê-la de uma forma completamente nova, um novo conceito, no qual, a educação que

temos hoje não comporta em nenhuma de suas possibilidades. Para que fique claro nosso pensamento, é preciso mesmo que sucintamente realizar um debate, e ou, uma elucidação nas próximas linhas a fim de esclarecer o que queremos quando nos referimos à Educação.

Deve-se deixar claro de início, que não compreendemos a educação como um ato, ou um efeito, ou até mesmo um processo que se dá por intermédio de qualquer pensamento que se apegue em teorias como a do desenvolvimento ou evolução, que por intermédio de suas práticas apresentam operações que se dão por: etapas, fases, ciclos ou qualquer outra prática do gênero. Desacreditamos também nas educações que se proponham com seus afazeres a ensinar, ou a transmitir, ou a instruir ou a passar conteúdos, habilidades, competências, valores, etc, sejam eles conceituais, morais ou sociais, principalmente as práticas educacionais que tenham a comunicação como sua salvadora.

Concebemos então a educação como um território de encontros, isto é,

sair de qualquer possibilidade de pensá-la dualmente, seja entre professor/aluno, ensino/aprendizagem, mente/corpo. Como em qualquer pensamento dual a hierarquização subjugará um termo ao outro, atribuindo a cada um funções, modos, morais, valores que são diferenciados, promovendo assim uma hegemonização, pois se pensarmos em termos de ensino/aprendizagem, temos sempre um que ensina e outro que aprende (BARROS, 2014, p. 1429).

Tal relação dual hierarquiza os corpos, não só ao ponto da visibilidade, aquele no qual *detém o conhecimento*<sup>72</sup>, ou o que tem o direito de falar, pois temos toda uma educação cuja práticas estão pautadas em atividades, e ou, métodos que se fundamentam na linguagem e pensamento. Tal relação pode ser vista em Deleuze (1992, p. 55-56),

é improvável que a professora, quando explica uma operação ou ensina a ortografia na escola, esteja transmitindo informações. Ela manda, dá palavras de ordem. E fornece-se sintaxe às crianças assim como se dá ferramentas aos operários, a fim de que produzam enunciados conforme as significações dominantes. [...]. A linguagem é um sistema de comando, não um meio de informação.

Portanto, para pensar a educação como um território, é preciso antes de tudo sair do pensamento lógico formal, pois é ele quem possibilita o pensamento binário, que se dá a partir de três princípios: o de identidade, exemplo  $A = A$ ; o da não contradição, exemplo se é

---

<sup>72</sup> Deve-se deixar claro aqui, neste momento, que estamos falando em um sujeito epistemológico que embasa toda a educação que temos hoje, portanto, neste momento quando utilizamos a palavra conhecimento, queremos dizer algo que deva ser transmitido, como podemos observar no pensamento de educação que temos hoje. E não como aceitamos, isto é, um conhecimento como algo inventado, criado, a partir de cada potencialidade existente na singularidade de cada corpo.

A não pode ser não A; e o princípio do terceiro excluído exemplo ou é A ou é não A, não existe outra possibilidade B ou C. Como já dito, essa possibilidade de escapar do binarismo, é nos dada tanto pelo pensamento de Simondon, como pela Filosofia da Diferença.

O que temos é que, a partir do pensamento binário fundado por uma lógica formal, são corpos que sempre operam reduzindo a diferença a padrões, modelos, etc. que possam ser identificáveis, isto é, forçamos sempre o diferente a caber em categorias que já conhecemos e identificamos. É, portanto, só fora desta lógica que podemos efetivamente falar em diferença e a partir daí tirar a diferença da violência sofrida, pois foi preciso “forçá-la” para fazê-la caber em nossa sociedade por intermédio das regras da lógica formal, que operam por normatização e normalização, como Craia (2005, p. 57) nos demonstra.

Segundo a cartografia deleuziana, podemos afirmar que a diferença não está livre; ela é, ao contrário uma das instâncias que mais violência sofreu para poder ser mantida num limite de um campo representável, fundado, por sua vez, numa identidade primeira. Eis aqui a grande luta de Deleuze, aquele cujo único objetivo é extrair a diferença do registro da *representação* e liberar a sua força como potência primeira, como princípio plástico e não funcional de tudo que “é”.

### **Um território.**

É preciso então não só descrever, mas demonstrar qual é esse território do qual estamos falando. É um território composto por corpos singulares, como vimos antes, os corpos singulares possuem como característica uma relação de movimento e repouso, velocidade e lentidão com as partículas que o formam e com sua capacidade de afetar e ser afetado perante os demais corpos que habitam o mesmo território que ele e que tais características lhe são próprias e possibilitam a sua potência. Tal singularidade, como vimos, também é a sua realidade pré-individual. Devemos lembrar que ela antecede o indivíduo, portanto, a singularidade é impessoal e não subjetiva, sendo assim, a singularidade não é uma propriedade pessoal ou oriunda de qualquer experiência, desta forma ela não pode ser explicada ou conceituada.

Temos então um território heterogêneo repleto de corpos que formam multiplicidades, e que os corpos que habitam esse território estão sempre a efetuar encontros, afetam e são afetados, formando uma rede, um emaranhado de conexões, ou seja, é um território que está sempre a fazer o múltiplo, isto é, “não acrescentando sempre uma dimensão superior,

mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões do que se dispõe, sempre  $n-1$  (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele)” (DELEUZE, 1995a, p. 14-15).

Na construção de nosso campo que se deu pelo levantamento bibliográfico e que pode ser acompanhado no começo de nosso texto, *de onde falamos*, algumas ideias nos aparecem e atravessam essa possibilidade de enxergar a educação, no caso mais especificamente a escola como um território.

Nesse sentido, não se pode conceber o território-escola a partir de uma unidade, mas sim da multiplicidade de seus agenciamentos territoriais. Tais agenciamentos vão produzindo diversas configurações sobre o território, assim gerando múltiplas paisagens. A produção de subjetividade não está na unidade da escola, mas na multiplicidade de suas paisagens; não se encontra no indivíduo, recortado e blindado, mas na multiplicidade do fora que produz presença, ou melhor, a emergência de outros “eus” em cada paisagem por onde cruza o indivíduo (dentro e fora da escola). Busca-se não se fechar em uma unidade escola, mas entender que as subjetividades se constituem a partir da estética do território escolar, ou seja, da composição de suas múltiplas paisagens (OLIVEIRA; FONSECA; 2006, p. 147).

*Fazer o múltiplo*, é uma das características mais marcantes de um território que opera por encontros. O corpo sobre esse território está sempre a fazer o múltiplo, é a sua propagação rizomática, por existir uma espécie de proliferação<sup>73</sup>. Que atua por uma viralização, isto é, um corpo que é afetado de alguma forma pelo encontro do qual vivência, logo se torna o centro, ou melhor o epicentro, a epidemia de novos afetos.

Pois é isso que o corpo realiza, uma vez que estamos em um território e lidando com os corpos que ali estão. E por serem marcados pela ação que realizam no território e nos corpos, não dá para afirmar que um corpo centraliza as ações deste território, e ou, que este possui um centro que concentrasse ou distribuísse as ações, pois tanto corpo e território estão sempre em movimento. O que temos então são encontros que podem ser efetuados ou não pelos corpos. Caso um encontro seja efetuado teremos uma ação sobre o território no qual o encontro se dá e também sobre um, e ou, demais corpos que habitam esse território.

Se retornarmos a língua grega ao nos referirmos a palavra *sobre* encontraremos com a palavra *epi*, e como a ação do corpo se dá tanto no território como nos demais corpos. Uma das principais características do encontro é que ele se dá de forma fortuita, portanto. Tal

---

<sup>73</sup> O conceito de proliferação pode ser compreendido através da contribuição de Oliveira e Amorim (2011, p.8) “Extremidade tomada como ponto onde a vida do pensamento se faz com maior potência de proliferação. Extremidade como o lugar onde aquilo que está em foco se agitam em conexões antes insuspeitadas, onde o pensamento de Deleuze expande sua poética e sua política de proliferação de vida por ter contaminado de si outras parcelas do mundo e, ao mesmo tempo, por ter contaminado a si próprio com estas parcelas do mundo”.

encontro não se dá em um centro geométrico, ou é previsto e muito menos forjado, assim a ação que se dá sobre o território é uma ação que marca um determinado local específico desse território, mesmo não sendo o seu centro, assim podemos afirmar que a ação de um corpo sobre um território age como uma *ponta*, um *ferrão de vespa*, que marcará o território e o afetará a partir deste ponto, promovendo uma diferenciação no território a partir deste ponto. Tal ação de marcar um território como uma *ponta*, ou *ferrão de vespa* tem o nome em grego de *Kentron* e juntando *epi* mais *kentron* temos *epikentron*, epicentro que para a sismologia é a ação sobre um determinado ponto preciso no território e que tal ação promove um encadeamento de movimentos que modificaria o próprio território.

A segunda ação se dá diretamente sobre o(s) corpo(s) que neste território habitam se continuarmos com o prefixo grego *epi* e juntarmos com a palavra *demos*, que tem o significado de povo temos *epidemos*, *epidemia*, que para a área da saúde significa a ação de uma doença contagiosa sobre as pessoas de um determinado território. Gostaríamos que ficasse claro que quando nos referimos a palavra povo, não queremos constituir neste território um povo, isto é, dar-lhe uma língua, uma ideologia, um sentido de pertencimento ou nacionalidade, tal território como dito é heterogêneo e movido por encontros, portanto, quando dizemos povo gostaríamos de dizer multidão.

Temos então, uma ação sobre o território e sobre os corpos que será o início, de uma proliferação de afetos. É importante lembrar e reforçar a fala de Spinoza: (2010, p. 167): “O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo”, portanto, não dá para dizer que todos os corpos do território serão afetados e nem mesmo dizer que os corpos que são afetados o são afetados da mesma forma. E uma vez que um corpo for afetado, este passa a ser ele o epicentro, a epidemia do afeto, realizando assim sua ação sobre o território e sobre os corpos, logo teremos múltiplos epicentros e epidemias que se cruzam, e zigzagueiam em múltiplos processos de individuação.

É só retornarmos a Simondon e podemos enxergar esse processo pelo conceito de transdução, que é a própria operação de individuação, uma vez que sua definição dada pelas ciências naturais é a transferência do material genético de uma célula a outra, e que mesmo por um pequeno período de tempo tal célula comportará como se esse gene fosse dela mesmo.

dois devires se encadeando e se revezando segundo uma circulação de intensidades que empurra a desterritorialização cada vez mais longe. Não há imitação nem semelhança, mas explosão de duas séries heterogêneas na linha de fuga composta de um rizoma comum que não pode mais ser atribuído, nem submetido ao que quer que seja de significante. Rémy Chauvin diz muito bem: “*Evolução a-paralela* de dois

seres que não tem absolutamente nada a ver um com o outro” (DELEUZE & GUATTARI, 1995a, p. 19).

O que nos leva a afirmar que além da diferenciação que a individuação produz no corpo, ele não é mais o mesmo de antes de ser afetado. Desta forma sua proliferação do afeto também não é a mesma que a proliferação promovida pelo outro corpo que lhe afetou, pois carrega em si sua singularidade. Por mais que essa ação pareça com uma repetição ela já é uma repetição diferida, pois o que ela apresenta é sempre uma diferença de grau, pelo menos de início, é só lembrar da afirmação de Deleuze (2006) em sua tese *Diferença e Repetição*, uma diferença surge também de uma repetição. Devemos lembrar aqui também que uma diferença é sempre primeira que uma repetição.

Desta forma os corpos que compõe esse território coexistem entre si, como no exemplo dos estoicos dado acima de *quando a navalha corta a carne*, e em cada corpo coexistem sua realidade virtual e a realidade atual; o pré-individual e o individual; a singularidade e o indivíduo. É esse território do qual chamamos de educação, que opera em um sistema metaestável, isto é, dentro desse domínio existem múltiplas grandezas, as quais não se apresentam como estável, no qual as relações paradoxais se fazem e refazem a cada conexão, a cada afeto.

Tal coexistência permite que tudo ocorra ao mesmo tempo, juntos, nunca separados, seriados ou sequenciais é só lembrarmos de uma prática que não exclui, pois é sempre *uma coisa e outra coisa e outra coisa...* mantendo sempre uma relação uma conexão em um fluxo contínuo, que não hierarquiza, que não exclui e nem inclui e que não conhece o possível.

O possível não traz nada de novo, ele de alguma forma já foi, o novo, não é mais, o possível de certa forma, já foi dado a partir de uma individuação, isto é o possível atua na estabilidade e para nosso território a única política que ele reconhece é a *política do impossível*, que como já visto em Oneto (2004, p. 198) “do impossível como essa dimensão em que o possível não existe *a priori*”. Não que em nosso território não exista o que é possível, mas é que o possível nada mais é que uma diferenciação de grau a partir dos resultados dos encontros fortuitos entre os corpos que se deram neste território e não mais uma ação.

Um exemplo simples que se refere a esta questão do possível e do impossível que possamos dar é a de um corpo-criança que ainda não havia se encontrado com o signo das operações matemáticas. Torna-se impossível para ela então realizar uma simples operação de adição,  $2+3=$ , mas assim que ela é afetada por tal signo o corpo-criança cria/inventa sua forma

de se relacionar com tal signo e a partir daí é que ocorre uma individuação, gerando uma diferenciação de natureza, isto é o corpo-criança se diferencia de si mesmo, e constrói para si, um conhecimento.

No caso, o conhecimento construído é o da operação de adição com uma unidade, à forma de resolver uma operação de adição com duas ou mais unidades já está dada em possibilidade nesta resolução que o corpo-criança inventou/criou ao se relacionar com o signo operação de adição, pois ao realizar uma adição de duas ou mais unidades o corpo-criança promoverá apenas uma diferenciação de grau, e não uma diferenciação de natureza como ocorreu em seu corpo quando a situação problema era impossível.

É a metaestabilidade que se faz como realidade neste território que permite que novos encontros e acontecimentos ocorram. Quando o corpo-criança encontra-se com o signo de adição, lança-o em um movimento de desterritorialização, pois esse corpo encontra-se no meio de uma experiência de problematização, uma operação de individuação, isto é, ela necessita inventar/criar, dentro de sua potencialidade a resolução para o seu problema. Como vimos, a potência de cada corpo relaciona-se com sua singularidade, com o pré-individual, portanto, a forma ou caminho que o corpo utiliza para resolver o seu problema, a atualização de um virtual, lhe é próprio.

Não dá para dizer que outro corpo-criança atualizará uma virtualidade do mesmo jeito que um outro corpo o realiza. “São ditos virtuais na medida em que a sua emissão e absorção, e a sua criação e destruição se fazem num tempo mais pequeno do que o mínimo de tempo contínuo pensável, e que esta brevidade os mantém desde logo sob o princípio de incerteza ou de indeterminação” (DELEUZE & PARNET, 1996, 179). Mas para tal é preciso que o corpo vivencie tal problema, pois sem essa vivencia não há como inventar/criar uma resposta.

Sendo então a resolução desse problema um processo de reterritorialização, no caso o conhecimento de resolver uma operação de adição com uma unidade, que trará ao corpo toda uma gama de possibilidades, isto é, resolver uma operação de adição com duas ou mais unidades Mas para tal encontro ocorrer dependerá exclusivamente da capacidade de afetar e ser afetado que o corpo em tal território possui e a partir daí dos agenciamentos que realizar lançando-o desta forma ao problema, que lhe é vivenciado. É importante ressaltar que a resolução de qualquer problema pelo corpo é a efetuação de uma individuação, isto é, uma construção de conhecimento, uma reterritorialização é sempre uma individuação.

Basta retornarmos a Simondon (2009, p. 239. Livre tradução.).

A afetividade realiza um tipo de relação que, em termos de uma ação, entraria em conflito e em termos do conhecimento, incompatibilidade; essa relação só pode existir no nível da afetividade, porque sua bipolaridade lhe permite produzir a unidade do heterogêneo; a qualidade é transdutora por natureza, pois todo aspecto quantitativo une e distingue termos que não são nem idênticos nem estranhos uns aos outros.

Mas se algo de novo afeta o corpo-criança, por exemplo, o signo de uma operação de divisão, o conhecimento que o corpo já tinha referente a resolver uma operação de adição, não lhe adiantará de nada. O encontro corpo-criança com o signo da operação de divisão lança o corpo novamente em um movimento de desterritorialização, que no ato de inventar/criar uma resposta para o problema que o corpo-criança se encontra põe-lhe num processo de reterritorialização. Uma nova individuação se faz no corpo-criança. Como nos demonstra Deleuze (2006, p. 272).

Aprender a nadar, aprender uma língua estrangeira, significa compor os pontos singulares de seu próprio corpo ou de sua própria língua com os de uma outra figura, de um outro elemento que nos desmembra, que nos leva a penetrar num mundo de problemas até então desconhecidos, inauditos. E a que estaríamos destinados senão a problemas que exigem até mesmo a transformação de nosso corpo e de nossa língua?

Tal território nos é o que na filosofia de Deleuze e Guattari chama de Plano de imanência ou consistência.

O plano de imanência compreende simultaneamente o virtual e a sua actualização, sem que possa haver um limite assimilável entre os dois. O real é o complemento ou o produto, o objeto da actualização, mas esta tem somente por sujeito o virtual. A actualização faz parte do virtual. A actualização do virtual é a singularidade, enquanto o próprio real é a individualidade constituída. O real cai fora do plano como um fruto, enquanto a actualização o reporta ao plano como aquilo que reconverte o objeto em sujeito (DELEUZE; PARNET, 1996. p. 179.).

Se voltarmos a Simondon, perceberemos que qualquer que seja a ação que se dá nesse território – plano de imanência – teremos sempre uma ação que se dá no interior de um domínio envolvendo sempre mais que uma grandeza, como vimos o *virtual* e o *atual*, o *interior* e o *exterior* com suas informações. As ações que ocorreram neste território, permitiram os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorialização não ocorressem apenas nos corpos que ali estão, mas também no próprio território e, é sempre uma coexistência entre os corpos e o ambiente no qual eles habitam.

Assim, as ações estruturam nos corpos uma região nova, e que, a partir desta é que se dá o encontro, mas pelo fato desse movimento operar sempre uma desterritorialização e

posteriormente realizar um processo de reterritorialização, temos uma ação que se dá na e sobre a realidade, na qual não temos protagonistas, apenas simbioses entre os corpos/ambientes. Como vimos, é uma ação de epicentro e epidemia no qual estão sempre a criar/inventar a si próprio e até ao plano de imanência que realiza a sua ação. Para melhor ilustrar esse encontro do corpo com o plano de imanência sobre o qual acabamos de falar parafraseamos Deleuze e Guattari (1995a.).

O ambiente-criado não é a imagem do ambiente-real que a criança já tinha. O ambiente-criado faz rizoma com o ambiente-real, o ambiente-criado assegura a desterritorialização com o ambiente-real, mas o ambiente-real opera uma reterritorialização no ambiente-criado, que se desterritorializa por sua vez em si mesmo no ambiente-real.

Essa relação de coexistência entre os corpos e o ambiente do qual estamos sempre a falar nos remete a afirmação de Paul Valéry. “O mais profundo é a pele”. Tal afirmação deve ser encarada ao considerarmos a pele como uma membrana, isto é, um limitador de dois meios, que devido a sua propriedade de *permeabilidade*<sup>74</sup>, nos impede de afirmar que exista um dentro e um fora, temos sempre dois meios que ao se relacionar mantêm uma simbiose dois meios que coexistem, como podemos ver na descrição da etologia feita por Deleuze (2002, p. 130-131).

A etologia é antes de tudo, o estudo das relações de velocidade e lentidão, dos poderes de afetar e ser afetado que caracteriza cada coisa. Para cada coisa, essas relações e esses poderes possuem uma amplitude, limiares (mínimo e máximo), variações ou transformações próprias. E eles selecionam no mundo ou na natureza aquilo que corresponde à coisa, isto é, o que afeta ou é afetado por ela, o que move a coisa ou é movido por ela. Por exemplo, dado um animal, a que esse animal é indiferente no mundo infinito, a que reage positiva ou negativamente, quais são os seus alimentos, quais são os seus venenos, o que ele “pega” no seu mundo? Todo ponto tem seus contrapontos: a planta e a chuva, a aranha e a mosca. Nunca, pois, um animal, uma coisa, é separável de suas relações com o mundo: um interior é somente um exterior selecionado; o exterior um interior projetado; a velocidade ou a lentidão dos metabolismos, das percepções ações e reações entrelaçam-se para constituir tal indivíduo no mundo. E em segundo lugar, existe a maneira como essas relações de velocidade e de lentidão são efetuadas conforme as circunstâncias, ou esses poderes de ser afetado, preenchido. Pois eles o são sempre, mas de maneira muito diferente, dependendo do que os afetos presentes o ameaçam a coisa (diminuem a sua potência, amortecem-na, reduzam-na ao mínimo), ou confirmem, acelerem e aumentem: veneno ou alimento?

---

<sup>74</sup> Quando usamos o termo de permeabilidade para membrana que em sua propriedade segundo as ciências naturais, a realização da osmose, não se restringe apenas nas operações que contêm líquidos, mas aos demais operações, exemplo: a transferência térmica.

Neste momento, Simondon nos dá uma chave para compreender essa característica que o corpo apresenta de não se determinar por uma única individuação, isto é, do corpo manter uma relação, não só com a sua realidade pré-individual e com a realidade virtual, mas juntamente com ambas, de se relacionar com o meio e com os demais corpos que ali se encontram, o que caracteriza esse meio como heterogêneo.

O problema da individuação estaria resolvido se a informação superasse a sua relação com outras magnitudes fundamentais como a quantidade de matéria e a quantidade de energia. [...] O caráter transdutor heterogêneo só aparece nas margens da realidade física, no entanto, no ser vivo a interioridade e a exterioridade estão por toda parte; o sistema nervoso é o meio, interior, que faz que a interioridade esteja por toda parte, como uma exterioridade relativa (SIMONDON, 2009, p. 235. Livre tradução).

Portanto, essa relação interior e exterior, faz-se na coexistência, nas questões que envolvem velocidade e lentidão, ser afetado ou afetar. Simondon nos chama a atenção para um conceito o qual ele traz também das ciências naturais, que é a *homeostase*, como já mencionado anteriormente. Tal conceito refere-se à capacidade presente nos corpos de regular seu ambiente interno em relação ao externo e buscar sempre uma condição estável, isso se torna possível devido à propriedade de permeabilidade que temos nas membranas, é só lembrar na operação de osmose, isto é, quando temos dois ambientes, meios.

Vamos pensar em dois ambientes aquáticos separados por uma membrana, no qual um ambiente possui uma concentração de sal, por exemplo, maior que a do outro ambiente, e a propriedade de *permeabilidade* que a membrana possui permite que haja uma passagem do sal do ambiente mais concentrado para o ambiente menos concentrado, havendo um equilíbrio. Como dito, essa propriedade de *permeabilidade* não se restringe apenas a operações que envolvam líquidos. Basta pensar nos animais de sangue frio, que necessitam do calor do ambiente para que possam se esquentar.

Nota-se que temos então um processo de desterritorialização e um processo de reterritorialização. Quando ocorre uma reterritorialização, notamos que há uma “estabilidade”, mas como o corpo está se relacionando com outros e o território também, outros processos de desterritorialização estão ocorrendo no mesmo corpo e no mesmo território, fazendo com que essa “estabilidade” não seja definitiva, pois o que define as individuações e a própria relação corpo meio é uma realidade metaestável.

A individuação não é definitiva e nem determinante, como nos chama a atenção Simondon (2009, p. 235. livre tradução). “O que caracteriza a vida é o equilíbrio entre a integração e a diferenciação; sendo que a homeostase não seja toda a estabilidade vital”. Para

Simondon (2009), a homeostase não ocorre nos seres físicos, porque está diretamente relacionada com a transdução interior, e nos seres físicos a mesma apenas rodeia suas redondezas como já dito. Já no ser vivo, é ela quem permite que a interioridade esteja em pleno contato com todas as partes de uma exterioridade relativa, isto é, uma coexistência e suas conexões, como visto.

Ao relacionar a homeostase com a transdução, permite-nos afirmar que ela é essencial a operação de individuação, e como vimos, à individuação não é algo finito e determinado, ela é apenas temporária, um instante que se faz uma estabilidade, como no exemplo da foto que demos acima, mas que devido ao movimento próprio do corpo e do ambiente no qual ele se encontra, isto é, uma realidade metaestável muitas outras relações estão ocorrendo e outras vão se fazendo.

Tal território, por ser pura metaestabilidade e por coexistir com corpos que estão em movimento e se afetando o tempo todo não assegura nada, é algo que não tem pouso nem parada, quando se pensa que é alguma coisa já se transformou, quando pensa que se compreendeu algo, já se desfez, já se perdeu novamente. A educação é um território como podemos observar em Alberto Caeiro (*in*. Fernando Pessoa, 1998, p. 224).

*As bolas de sabão que esta criança  
Se entretém a largar de uma palhinha  
São translucidamente uma filosofia toda.  
Clara, inúteis e passageiras como a natureza,  
Amiga dos olhos como as cousas,  
São aquilo que são  
Com uma precisão redondinha e aérea,  
E ninguém, nem mesmo a criança que as deixa,  
Pretende que elas são mais do que parecem ser*

*Algumas mal se vêem no ar lícido  
São como a brisa que passa e mal tocam nas flores  
E que nós sabemos que passa  
Porque qualquer cousa se aligeira em nós  
E aceita tudo mais nitidamente.*

A educação como território de encontros, não asseguraria nada, nem sequer se daria em um local pré determinado, não cabendo como no pensamento binário a distinção entre uma educação formal ou sistêmica de uma educação informal e não sistêmica. A educação atua na metaestabilidade tendo como principal característica a efemeridade, como as bolhas de sabão, que estão sempre abertas a experimentação.

Tal pensamento, ainda possibilita encontrar em nosso campo teórico, a compreensão de que propor uma educação como território de encontros não assegura um lugar,

isto é, um espaço pré determinado e sistematizado, ou o inverso disso, para que se aconteça a educação, é o que podemos ver com Dalmaso (2013, p. 130-131).

Mesmo com suas memórias e histórias individualizadas, adquiria-se o sentido nos encontros na relação com o outro, com as coisas, com os saberes, num espaço onde cada um, com sua singularidade, descobria-se, deixando a vista a não conformação de qualquer um a coisa identitária. Produzimos nossa temporalidade e espaço, agindo uns sobre os outros, na interpenetração de mentes e corpo, concentrando os mundos possíveis que carregamos. Não resultá-los a um fim: esse é o movimento que interessa a compreender.

E é por não assegurar nada e por apresentar como vimos no poema uma realidade metaestável e efêmera, como bolhas de sabão, que a educação propiciaria aos corpos que ali se encontram uma relação de coexistência com ela, sem uma interpretação, sem sujeito e objeto, pois como vimos acima o que temos é sempre um acontecimento. Ideia que nos aproxima dos estoicos antigos.

Utilizando uma imagem de Peter Sloterdijk, é a criança que sopra bolas de sabão ou bolhas de ar, remetendo-nos a um espaço “quase” sem objetividade e sem estabilidade. Os Primeiros estoicos possibilitaram pensar uma nova e paradoxal imagem do pensamento: um pensamento sem imagens. É ai e por ai que perdemos a vontade de dizer a verdade, desfazemo-nos dos clichês mais banais e, com isso, da necessidade de um Deus a significar, de um mundo a designar e de manifestar os desejos e as vontades do sujeito (FIGUEIREDO, Fernando Padrão; PIMENTEL, José Eduardo. *In* BRÉHIER, 2012, P. 12).

## **Da prática.**

Pensar a educação como território de encontros, é pensa-la a partir da heterogeneidade existente na multiplicidade e nos agenciamentos que estão sempre a promover acontecimentos que lançam corpos ao movimento de desterritorialização e ao processo de reterritorialização, isto é, as individuações, os sujeitos, os objetos e o sentido são constituídos neste território, e são antes de tudo, vestígios dos encontros que ali se dão, eles não criam nada, mas são criados.

Como vimos em Simondon, o corpo ao efetuar uma ação, esta ocorrerá no interior de um domínio, pois se trata de uma operação de transdução, que propagará de região

a região através das estruturas criadas e estruturadas no corpo e pelo corpo a partir do encontro. Se pensarmos tal evento ocorrendo na educação como território, não nos faz sentido pensarmos nos corpos a partir de faixas etárias, desenvolvimento e ou evolução, estruturas biológicas ou psicológicas, uma vez que ao se encontrar e gerar um problema para o corpo, ele terá que inventar/criar a melhor forma de resolvê-lo em sua singularidade, isto é, no pré-individual, como atualizar um virtual e como vimos acima, não se dá por um tempo contínuo linear, numa cronologia, será um outro tempo, como vimos ao remetermos ao virtual “num tempo mais pequeno do que o mínimo tempo contínuo pensado” (DELEUZE; PARNET, 1996, p. 179), que esse tempo seja a duração em Bergson, o intempestivo em Nietzsche ou a fratura em Agamben. E o que temos é sempre pautado pelo princípio da *incerteza ou da indeterminação*.

A identidade de um sujeito é precisamente do tipo transdutor, em particular através da primeira de todas as transduções, a do tempo, que pode ser fragmentado em quantos instantes que se queira, ou captado como uma continuidade; cada instante está separado de seu sucessor e de seu antecessor pela mesma coisa que o une com esses instantes e que constituem sua continuidade em relação a eles; distinção e continuidade, separação e relação são os aspectos complementares do mesmo tipo de realidade. O tipo fundamental de transdução vital é da série temporal enquanto integração e diferenciação; a identidade do ser vivo é feita de sua temporalidade (SIMONDON, 2009, P.239. Livre tradução.).

Portanto, se optamos aqui em pensar a educação partindo da educação infantil, não é porque a consideramos o início de algo e nem uma etapa que o corpo tem que passar, seja ela biológica ou psíquica. Nossa escolha é unicamente porque o corpo criança que a constitui não sofreu tantos processos de individuação, apresenta-se em pura potência, como nos descreve Abramowicz (2011, p.21.), “a criança é devir, um futuro que não está e não é, uma criança traz em si esse futuro, ela é o tempo intempestivo, o tempo de ruptura, a fratura, a descontinuidade daquilo que não sabemos, não somos, não está, estamos em via de nos diferir, e que será inventado”.

A operação de individuação ocorre pela singularidade, desde que o corpo-criança nasce, pois “ao nascer já se escreve nela muitas coisas, a história de um gênero, de uma sexualidade” (ABRAMOWICZ, 2011, p. 20). É esse o esforço que Tebet realiza em sua tese *Isso Não é Uma Criança*, que também compõe o nosso campo teórico. Para conceituar o bebê dentro de um campo teórico, em que ele aparece como pura potência, no qual ele é singular, pré-individual. É possível vermos esta conceituação quando falam de bebê.

O conceito de bebê que constituímos, portanto, é o conceito do bebê como ser singular<sup>4</sup>, pré-individual. Os bebês são o devir, são exemplos de diferença e carregam consigo a potencialidade de fazer emergir novas formas de ser, de relacionar-se e de viver. Nesse sentido, são natureza (Simondon), porque ainda não assimilaram as regras e restrições sociais do “plano de organização”, porque ainda não se configuraram como indivíduos. Estão imersos num plano de imanência e de possibilidades (TEBET & ABRAMOWICZ, 2013, p.8)

Tal processo traz ao corpo inscrições que são resultado de individuações, como o exemplo que demos acima de *bricolagem*, como no desenho do esquizofrênico, que ao vê-lo estável, como uma fotografia, parece uma mesa, mas em movimento vimos um amontoado, que não se define como mesa, pois pelas individuações não serem permanentes, o corpo opera pela incerteza e indefinição, como já dito, dando-nos uma vida imanente, desde quando nascemos.

os recém-nascidos são todos parecidos e não têm nenhuma individualidade; mas eles têm singularidades, um sorriso, um gesto, uma careta, acontecimentos, que não são características subjetivas. Os recém-nascidos, em meio a todos os sofrimentos e fraquezas, são atravessados por uma vida imanente que é pura potência, e até mesmo beatitude (DELEUZE, 1997. p. 14).

E como vimos os processos de individuação não acabam com o passar do tempo, eles se fazem no tempo. Nem o indivíduo é um ser totalizado ou totalizante, e nem o adulto é um ponto de chegada, pois a individuação, “inscreve e é escrita, na medida em que nossas práticas constituem criança de determinadas maneiras, ao mesmo tempo em que as crianças se subjetivam, como uma força sobre si próprias, que as e se constituem” (ABRAMOWICZ, 2011, p. 20). Deve-se deixar claro que não se trata de voltar a ser criança, principalmente porque a criança não é um local, mas sim de efetuar um *devir-criança*, conceito criado por Deleuze e Guattari.

Devir-criança não é se tornar uma criança, mas se encontrar no tempo chrónos da infância. Devir é se encontrar no acontecimento, no movimento, na multiplicidade, com algo sem passado, presente ou futuro; algo sem temporalidade cronológica, mas com geografia, com intensidade e direção próprias.

/.../ O devir-criança é uma expressão minoritária do ser humano, sem modelo, sem paradigma, paralela paralelo, a outros devires minoritários (devir-mulher, devir-animal), em oposição ao modelo e à forma Homem dominante. O devir criança é uma forma de encontro que marca uma linha de fuga com relação à forma majoritária da subjetividade contemporânea, um novo espaço para poder sermos sempre de uma outra maneira, para poder criarmo-nos como sendo outros dos que somos (KOHAN, 2008, p. 50).

Uma pergunta se faz presente em nosso pensamento: O que levará o corpo-criança a se individualizar? O que ocorre com o corpo-criança depende da relação de velocidade e lentidão e do poder de ser afetado e de afetar que ele tem, mas é em sua singularidade que ele terá para inventar a sua relação com outros corpos e com o ambiente atrás da resposta do problema que ele está experimentando, vivenciando. É sempre uma criação do corpo. É como na antropofagia. “A antropofagia era esse movimento na temática sobre o outro, comer o outro para poder criar algo que era “outro” e, somente assim, novo. Pois novo nessa perspectiva é a capacidade de outrar-se” (ABRAMOWICZ, 2011 p. 32).

E se neste momento voltarmos a Simondon. Ele nos dirá que o que permite ao corpo se individualizar é a *capacidade transdutora* (como visto, a capacidade de transdução não se limita em faixa etária, desenvolvimento, e ou evolução corporal, o que possibilita afirmarmos e ela se dá em todos os corpos sem restrição nenhuma), isto é, a capacidade que o corpo tem de se defasar para resolver seus problemas. Como vimos, Simondon apresenta nos domínios dos vivos duas grandezas que coexistem com o corpo, o pré-individual e o indivíduo, sendo o pré-individual o ser sem fase, e o indivíduo o ser fasado, a cada individuação que se inscreve e é inscrita no corpo é uma fase que se faz.

Mas para que ele possa se individualizar, é preciso que ele se defase, encontre em seu pré-individual a potência que o corpo tem para resolver o seu problema. Em uma passagem na qual o pré-individual é remetido ao deus Genius Agamben (2007, p.16-17) nos ajuda a compreender essa relação.

Compreender a concepção de homem implícita em Genius equivale a compreender que o homem não é apenas Eu e consciência individual, mas que, desde nascimento até a morte, ele convive com um elemento impessoal e pré-individual. O homem é, pois, um único ser com duas fases, que deriva da complicada dialética entre uma parte não identificada e vivida e uma parte já marcada pela sorte e pela experiência individual. Mas a parte impessoal e não identificada não é um passado cronológico que uma vez por todas deixamos para trás, e que podemos, eventualmente, chamar de volta com a memória; ela está presente até agora, em nós e conosco e junto de nós, no bem e no mal inseparável. O rosto de jovem de Genius, suas longas e trêmulas asas significam que ele não conhece o tempo, que sentimos bem perto de nós, estremecendo de frio como quando éramos crianças, respirando e batendo as têmperas febris como um presente imemorable.

Desta forma, o corpo-criança ao agir com sua capacidade transdutora e como podemos ver no exemplo da criança com as operações de adição e divisão, descarta qualquer possibilidade da educação pensar em reconhecimento, pois.

Há no mundo alguma coisa que força a pensar. Este algo é objeto de um *encontro* fundamental e não de uma *reconhecimento*. O que é encontrado pode ser Sócrates, o templo ou o demônio. Pode ser apreendida sobre tonalidades afetivas diversas, admiração, amor, ódio, dor. Mas em sua primeira característica, e sob qualquer tonalidade, ele só pode ser sentido. É assim que ele se opõe a *reconhecimento*, pois o sensível, na *reconhecimento*, nunca é o que só pode ser sentido, mas o que se relaciona diretamente com os sentidos num objeto que pode ser lembrado, imaginado, concebido [...] Aquilo que só pode ser sentido (o *sentiendum* ou o ser do sensível) sensibiliza a alma, torna-a “perplexa”, isto é, força-a a colocar um problema, como se o objeto do encontro, o signo, fosse portador de problema – como se ele suscitasse problema. (DELEUZE, 2006. p. 203-204).

E uma vez no problema, “o pensamento não busca apaziguamento; nem mesmo afastar o perigo do negativo, e sim, exatamente a conquista, a criação e a invenção” (ABRAMOWICZ, 2011. p. 23.). Assim, a solução que o corpo-criança produz é sempre uma invenção, uma criação de sua singularidade, um produto, que só servirá para ele frente aquele problema, pois se deparar com um outro, ou algo novo no problema que já tinha, o corpo é lançado novamente em movimento, isto é, ele defasa-se novamente, e o produto que tinha não serve mais para nada, pois o produto é sempre aquilo que não é mais, pois é uma experimentação que se encerrou como a resolução do problema, e se o problema é novo, novas ações. Portanto, a *reconhecimento* de nada vai servir, pois o corpo foi forçado a pensar novamente, a inventar/criar uma nova solução para o problema novo no qual ele habita.

É como podemos ver em Kastrup (2001, p. 207), quando se refere a postura de Deleuze frente a *reconhecimento*.

A aprendizagem não é entendida como a passagem do não-saber para o saber, não fornece apenas as condições empíricas do saber, não é uma transição ou uma preparação que desaparece com a solução ou resultado. A aprendizagem é sobre tudo invenção de problemas, é experiência de problematização. A experiência de problematização distingue da experiência de *reconhecimento*. A experiência de *reconhecimento* envolve uma síntese convergente entre as faculdades. No caso da percepção, trata-se da síntese da sensação e da memória. [...] Ao contrário, na experiência de problematização as faculdades – sensibilidade, memória, imaginação – atuam de modo divergentes.

Neste momento, vale-nos pensar na proposta de Simondon de repensar a *lei da biogenética* e promover uma inversão, como foi dito logo no começo de nosso texto, pois não se trataria de enxergar a individuação no desenvolvimento biológico do indivíduo, pois ao tratar da espécie humana estaríamos falando da ontogênese, isto é, realizar uma repetição ou uma recapitulação da evolução da espécie da qual ele pertence.

Para Simondon, seria quando esse indivíduo, se defronta novamente com um problema, que ele já resolveu. Portanto, se seu conhecimento acerca desse problema lhe fosse exigido, seria aqui que a inversão da *lei da biogenética* atuaria, pois não seria uma questão da ontogênese e da filogênese e sim uma “repetição”, uma recapitulação de todo o processo que o levou a se defasar, a inventar/criar a resolução esse problema que lhe retorna novamente, e que lhe possibilitou uma fase.

Se pensarmos no exemplo da operação de adição, afirmaríamos que uma vez resolvido o problema pelo corpo e construído o conhecimento toda vez que o corpo necessitar realizar uma adição, ele repetirá o processo que ele realizou no momento que ele o resolveu pela primeira vez que vivenciou tal problema, não importando quantas tentativas ele teve, pois o conhecimento só se dá na hora em que o corpo possa repetir o caminho que ele percorreu para chegar a uma resolução. Pelo menos até que o corpo se envolva em outro problema. Pois como já dito, a individuação não termina.

Podemos perceber essa proposta de Simondon de repensar a *lei da biogenética*, aplicada a um belo texto de Silvio Gallo, que mesmo voltado para o ensino de filosofia nos aponta um caminho possível de não atuar pela reconhecimento e sim pela invenção/criação. Como podemos ver no artigo do Gallo ao nos propor (2011, p.69).

um “método regressivo”: a partir de um conceito ou um conjunto de conceitos criado por um filósofo, regredir ao problema ou problemas que o levaram a cria-lo. E, a partir da realização deste movimento regressivo com os estudantes, dar a eles, o “direito a seus próprios problemas” e habita-los a fazer eles mesmos o movimento de pensamento e criação filosóficos. Em outras palavras, propõe-se aqui um método para o ensino de Filosofia que seja emancipador, que possibilite a cada um as ferramentas para pensar por si mesmo.

## **Uma proposta**

Pensar na educação como território de encontro, como vimos, é fazer a educação fugir dos saberes e poderes que se fazem hegemônico, é atuar na diferença, pois é uma educação que não retorna a um sujeito. Sabemos que não dá para falar em educação sem junto falarmos em sujeito, pois pensar a educação é pensar em processos de individuações, portanto de sujeição também. Não negamos essa realidade, mas acontece que com Simondon pudemos ver que toda

individuação não se faz apenas de processos de subjetivação e assujeitamento, mas também são processos de singularizações e, portanto, processos de desindividuação, o que nos possibilita estar em Deleuze (1992, p. 217-218).

Pode-se com efeito falar de processo de subjetivação quando se considere as diversas maneiras pelas quais os indivíduos ou as coletividades se constituem como sujeitos: tais processos só valem na medida em que, quando acontecem, escapam tanto dos saberes constituídos como aos poderes dominantes. Mesmo se na sequência eles engendram novos poderes ou tornam a integrar novos saberes. Mas naquele preciso momento eles têm efetivamente uma espontaneidade rebelde. Não há aí nenhum retorno ao “sujeito”, isto é, a uma instância dotada de deveres, de poderes e saberes.

Uma educação como território de encontros é uma educação que é contemporânea do corpo, que traz em si uma questão temporal, não ao relacionar a um passado ou futuro, pois eles nem existem por si só, mas em devir, desde Heráclito, como nos demonstra Kohan (2007, p. 114).

No fragmento que conservamos com o número 52 (DK) afirma: “O tempo é uma criança que joga um jogo de oposições. De uma criança, seu reino”. “Tempo” traduz *aión*, que, diferentemente da mais habitual *chrónos*, alude não a um tempo objetivo, numerável, do movimento natural, mas ao tempo enquanto destino, período de vida humana (Liddell, Scott, 1966, p. 45), o tempo das durações e das intensidades. Neste fragmento se identifica *aión* com uma criança (país) que joga (literalmente, teríamos que traduzir *paízo* como “criancéia”, a ação mais própria de uma criança) um jogo de oposições. E se diz que a criança é rei (*basileie*) desse tempo humano, do *aión*.

Propor uma prática educacional que parta desses princípios, é esvaziar todo o corpo de seus significados, essência e organismo, é propor a criação de um corpo sem órgãos, que podemos ver, uma simbiose com o *aión* e o devir-criança, como já vimos, pois estão relacionados com a infância. Mas não devemos nos enganar, pois como vimos, não falamos de uma infância partindo de uma visão psicobiologizada, isto é, apenas uma fase, etapa, um início, uma imaturidade da qual “tudo” é aceito e não porta nenhuma seriedade, pois, a maioria das pessoas já deve ter ouvido, se não para si, ouviu para outrem o enunciado. “– Você não é mais criança”.

Tendo então uma prática educacional que não se dá por um retrocesso, um retorno ao passado, nem a reconhecimento e muito menos a memória; também não se caracteriza por uma projeção, ao futuro, nem a uma finalidade e muito menos a um dever. Partindo desses pressupostos, talvez nos valha a pena pensar na educação unicamente como educação infantil.

Deve-se deixar claro, como vimos, que não nos referimos a uma estrutura educacional existente como um ciclo educacional, quando falamos aqui em educação infantil.

O que queremos ao utilizar a palavra infantil? Queremos nos remeter diretamente a sua etimologia. A palavra infantil nada mais que é uma variação da palavra infância que tem sua raiz no latim, a palavra *infantia*, que em sua formação apresenta o prefixo *in* que tem seu significado de negativo, não, e a palavra *fari*, que significa falar, isto é, quando nos referimos a palavra infância estamos nos referindo ao *sem fala*, ou *não fala*. Que nos possibilita, ao relacionar a palavra infância aos corpos e suas práticas, referir-nos diretamente as suas experimentações que se dariam pela mistura fortuita de corpos, sendo assim, essas experimentações não são pautadas na linguagem e no pensamento.

Ao partir dessa chave de compreensão, ao encarar uma educação como educação infantil, cuja atuação prática se daria no *sem fala* ou na *não fala*, coloca-nos em oposição diretamente a visão que muitos nos daria da questão infantil. Pois muitos diriam que a infância é caracterizada pela não fala, se refere aos bebês, pois não falam, ou então de crianças pequenas, em geral, pois mesmo que falem, de nada resolveria, pois não são ouvidas, ou o que têm a dizer não tenha nenhum valor, partindo de um pressuposto social, por exemplo, juridicamente, tem sempre um alguém falando por elas.

Tais visões que se respaldam em uma ideia de desenvolvimento e evolução encontram-se eco dentro da filosofia moderna, mais especificamente na razão moderna. A Razão que seria capaz, não apenas, de explicar o mundo, mas de dominá-lo. Tal razão, pela sua capacidade racional, é o que tornaria o homem sociável. É só lembrar de Locke e de sua proposta liberalista, a qual ainda, de certa forma, guarda uma porção de influência em nosso tempo. Pois afirmava, diferentemente de Hobbes, que o homem é sociável, e o que lhe garantiria essa condição era a sua capacidade racional. Com exceção das crianças, pois ainda não tinham a capacidade racional ainda desenvolvida, necessitando assim dos pais para que falem por elas.

Como vimos no esforço de Simondon e de outros teóricos que vem posteriormente a ele, como Deleuze e Guattari, de nada adiantaria a fala ou mesmo a palavra, para que uma operação de individuação ocorra, pois a individuação é uma operação que se dá a partir do acontecimento, como vimos no estoicismo antigo, isto é, “não é nem um ser nem uma de suas propriedades, mas o que é dito ou afirmado do ser” (BRÈHIER, 2012. p. 33). A linguagem, a palavra, o significado é o que resultou da mistura de corpos que se deu no acontecimento. O significado, não é nenhuma causa, seja ela inicial ou final. Do significado não se origina nada, ele é apenas um efeito, um resultado dos sentidos, não uma entidade plena. Como podemos ver nos estoicos, “quando a navalha corta a carne o primeiro corpo produz

sobre o segundo não uma propriedade nova, mas um atributo novo, o do ser cortado” (BRÈHIER, 2012. p. 33).

Temos um paradigma, o que é dos domínios da física, o corpo e do que é dos domínios da lógica, a palavra, um paradoxo, mas o paradoxo não vale nada, se não se acrescentar, com os estoicos: “as transformações incorpóreas, os atributos incorpóreos, são ditos, e só são ditos, acerca do próprio corpo” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b. p.27). Portanto, a palavra só se remete a palavra, o signo só se remete ao signo (DELEUZE; GUATTARI, 1995b), nunca a experimentação e ao problema que possibilita a individuação e ao conhecimento, que se dá pela invenção/criação pois todo conhecimento é de certa forma uma individuação.

A educação que se faz com palavras e significados sabemos como ela se dá.

A professora não se questiona quando interroga um aluno, assim como não se questiona quando ensina uma regra de gramática ou de cálculo. Ela “ensina”, dá ordens, comanda. [...] A máquina do ensino obrigatório não comunica informações, mas impõe à criança coordenadas semióticas com todas as bases duais da gramática (masculino-feminino, singular-plural, substantivo-verbo, sujeito do enunciado-sujeito de enunciação, etc). A unidade elementar da linguagem – o enunciado – é a palavra de ordem (DELEUZE; GUATTARI, 1995b p.11-12).

Como nos diz Parain citado por Deleuze e Guattari ( 1995b. p. 13). “A linguagem não é a vida, ela dá ordens à vida; a vida não fala, ela escuta e aguarda”. Pois a linguagem organiza a vida, enquanto a palavra corta o fluxo e estratifica o devir. É, portanto, uma educação que se dá pelas práticas pautadas nas palavras, que subjuga o corpo aos enunciados dominantes que é operado pela lógica formal, que retoma a visão de um indivíduo como os propostos pelo *hilemorfismo*, ou pelo *hoc aliquid* ou pelo *substancialismo*, pensamentos que se opõe um pensar a *educação como território de encontros*.

É contra essa concepção que devemos pensar a educação, como educação infantil. Pois a infância é sempre o que vaza, o que foge dos deveres, dos saberes e dos poderes, é o que quebra a linguagem, a palavra. A infância é o que Abramowicz (2011) nos fala, a infância como experiência, é a potência que possibilita uma individuação, o devir-criança, nunca uma etapa, um período, um início, sempre uma afirmação, pois a infância não abandona a vida, é sempre vontade de potência.

Deve-se deixar claro que não negamos a linguagem, pois a mesma se faz na e pela experiência, é o que podemos observar em Kohan (2008, p. 47, 48).

Agamben mostra muito sugestivamente que se bem é verdade que a infância é a ausência da linguagem, não é menos verdade que a adultez é a ausência da possibilidade de se escrever na linguagem, porque já se está dentro dela; em outras palavras, e se tirarmos os casos excepcionais, são sempre crianças e não adultos que aprendem a falar. Isso significa que uma das mais importantes e substantivas características humanas, a aprendizagem de uma linguagem, está ligada a uma disposição infantil: se abandonarmos a infância, abandonamos também a possibilidade de entrar na linguagem, seja porque renunciamos essa possibilidade, seja porque já estaremos dentro dela.

Dessa maneira, a infância simboliza um rito de passagem entre o que somos enquanto seres jogados no mundo e o que fazemos com esse sermos jogados no mundo. E trata-se de um rito especificamente humano, na medida em que o ser humano é o único animal que aprende a falar e também de um rito fundamental, na medida em que sem uma infância não teríamos como passar da natureza a cultura. Nesta mesma medida, a infância é também a condição da história e da experiência. Sem infância, o ser humano seria natureza inerte. [...]

Experiência e infância não antecedem cronológicas, mas logicamente a linguagem: são suas condições originárias, constitutivas, já que não há humanidade (condição de ser humano), não há sujeito que possa falar (ou ser falado) sem elas. Num certo sentido estamos sempre aprendendo a falar (e a ser falado), nunca sabemos falar (ou somos “sabidos” pela linguagem) de forma definitiva, nunca acaba nossa experiência na e da linguagem. Nesta mesma medida o ser humano não pode renunciar a infância. Se ele nascesse sem infância, com a linguagem nos seus genes, seria pura natureza, língua morta, repetidor sempiterno de mesmo; se ele renunciar a infância em nome da adultez perderia a capacidade de se inventar, de encontrar novos inícios, de abrir a possibilidade de falar para criar um novo mundo e não apenas para reproduzir o mesmo mundo.

Pois a educação como um território de encontros é operar-se na mistura de corpos, uma “educação no e pelo gestos, como na arte. ‘Fazer arte é privar um gesto de sua repercussão no organismo’ (ARTAUD, 1996, p. 91) e que escape sempre dos enunciados, pois eles aprisionam a vida, cortam o fluxo e o devir, são sempre palavras de ordem que remetem as significações dominantes” (BARROS, 2014, p 1431).

## REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

ABRAMOWICZ; A. LEVCOVITZ, D.& RODRIGUES, T. C. **Infâncias em Educação Infantil**. Pro-Posições [online]. 2009, vol.20, n.3, pp. 179-197.

ABRAMOWICZ; A. **A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância**. In FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (Org.). *Sociologia da Infância no Brasil*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2011. Pp. 17-35.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. Revisão e tradução de novos textos de Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1210 p.

ABRÃO, B. S. [entre outros]. **Enciclopédia do Estudante: história da filosofia: da Antiguidade aos pensadores do século XXI**. Vol. 12. Tradução de vários tradutores. São Paulo: Moderna, 2008. 320 p.

AGAMBEN, G. **O Que é o Contemporâneo? E Outros Ensaio**s. Tradução de Vinícius Nicastro Honesco. Chapecó: Argo, 2009. 92 p.

AGAMBEN, G. **Profanações**. Tradução de Selvino Jose Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007. 95 p.

AMORIM, A. C; OLIVEIRA, W. M. Extremos e Conectados. In Antonio Carlos Amorim, Silvio Galo, Wenceslao Machado de Oliveira Jr. (orgs), **Conexões Deleuze e Imagem e Pensamento e...** Petrópolis: De Petrus; Brasília: CNPq, 2011. pp 7-14.

AQUINO, T. O Ente e a Essência. Tradução de Luiz João Baraúna In Sto. Tomás de Aquino; Dante Alighieri, **Sto. Tomás, Dante – Os Pensadores**. Nova Cultural: São Paulo, 1988. pp 1-18.

ARTAUD, A. **O Teatro e seu Duplo**. Tradução de Teixeira Coelho. Revisão da tradução de Monica Stahel. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 173 p.

AVICENA, **A Origem e o Retorno**. Tradução de Jamil Ibrahim Iskandar. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 327 p.

BARROS, G. A. **Educação Como Território de Encontros**. Linha Mestra [online] 2014 ano VIII, n. 24, pp. 1429-1432.

BRÉHIER, E. **A Teoria dos Incorporais no Estoicismo Antigo**. Tradução de Fernando Padrão de Figueiredo. José Eduardo Pimentel Filho. Transliteração e tradução do grego de Luiz Otávio de Figueiredo Montovaneli. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012. 111 p.

CAEIRO, A. Guardador de Rebanhos. In. Fernando Pessoa, **Ficções do Interlúdio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 215-236.

- CARDOSO JR, H. R. A Filosofia e a Teoria das Multiplicidades: Elos da Diferença, in. Luis B. L. Orlandi (org.), **A Diferença**. Campinas: Unicamp, 2005, pp. 91-130.
- CRAIA, E. C. P. Deleuze e a Ontologia: O Ser e a Diferença, in. Luis B. L. Orlandi (org.), **A Diferença**. Campinas: Unicamp, 2005, pp. 55-90.
- DELEUZE, G. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999. 142 p.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: ed. 34, 1992. 232 p.
- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Roberto Machado. 2. ed. São Paulo: Graal, 2006. 437 p.
- DELEUZE, G. **Espinosa Filosofia Prática**. Tradução de Daniel Lins, Fabien Pascal Lins. Revisão de Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes. São Paulo: Escuta, 2002. 143 p.
- DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas. Revisão de Mary Amazonas Leite. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. 345 p.
- DELEUZE, G. A Propósito de Simondon. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. In. PELBART, P. P.; COSTA, R. (Org.) **Cadernos de subjetividade**: o reencantamento do concreto. São Paulo: Hucitec, 2003. pp. 120-124.
- DELEUZE, G. A imanência: uma vida... In: VASCONCELLOS, J.; ROCHA FRAGOSO, E. (Org.). **Gilles Deleuze**: imagens de um filósofo da imanência. Londrina: UEL, 1997. pp 9-18.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F **O Anti-Édipo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010. 559 p.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto. Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995a. 95 p.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1995b. 111 p.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto. Ana Lúcia de Oliveira. Lúcia Cláudia Leão. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996. 119 p.
- DELEUZE, G. PARNET, C. **Diálogos**. Tradução de José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'Água, 1996. 187 p.
- ESCOTO, João Duns. **Do princípio de individuação** [Ordinatio livro II, distinção terceira, parte primeira]: [Questão 1: se a substância material é individual ou singular por si mesma ou por sua natureza?]. Translated by Cesar Ribas Cezar. Trans/Form/Ação [online]. 1996, vol.19, pp. 241-250.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012. 431 p.

GALLO, S. O problema e o conceito: em torno de um “método regressivo” para o ensino de filosofia. In: R. GOTO & S. GALLO (ORG) **Da Filosofia Como Disciplina: Desafios e Perspectivas**. São Paulo: Edições Loyola, 2011. pp. 67-95.

HERÁCLITO, Sobre a Natureza. Tradução de Wilson Regis In J. C. SOUZA **Os Pré-Socráticos – Os Pensadores**. Nova Cultural: São Paulo, 2000. pp 81-116.

HESSEN, J. **Teoria Do Conhecimento**. Tradução de João Virgílio Gallerani Cuter. Revisão de Sérgio Sérvulo da Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 177p.

KAHN, C. H. **A Arte e o Pensamento de Heráclito: Uma edição dos fragmentos com tradução e comentário**. Tradução de Élcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Paulus, 2009. 493 p.

KASPER, C. P. **Habitar a Rua**. 2006. 155 p. Tese (Doutorado em filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas.

KASTRUP, V. Aprendizagem, arte e invenção. In: D LINS (ORG) **Nietzsche e Deleuze Pensamento nômade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. pp. 207-223.

KASTRUP, V. **O devir-criança e a cognição contemporânea**. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2000, vol.13, n.3, pp. 373-382.

KOHAN, W. O. Infância e Filosofia. In Manuel Sarmento, Maria Cristina Soares de Gouveia. (orgs), **Estudos da Infância Educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008. pp 40-61.

LEVY, P. **O Que é o Virtual**. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Ed 34, 2011. 159 p.

LINS, Daniel. **Mangue's School ou Por Uma Pedagogia Rizomática**. *Educ. Soc.* [online]. 2005, vol.26, n.93, pp. 1229-1256.

MARIN, Andréia A; LIMA, André Pietsch. *Individuação, percepção, ambiente: Merleau-Ponty e Gilbert Simondon*. *Educ. rev.* [online]. 2009, vol.25, n.3, pp. 265-281.

NIETZSCHE, F. **Humano, Demasiado Humano**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006. 319 p.

OCKHAM, Ser, essência e Existência. Tradução de Carlos Lopes de Mattos In John Duns Scot; Wulliam of Ockham, **Duns Scot e Ockham – Os Pensadores**. Nova Cultural: São Paulo, 1989. pp 148-150.

OLIVEIRA, Andréia Machado. **Um olhar sobre o invisível: o duplo cognição e criação no território escola**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e institucional). – Instituto de Psicologia. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul.

OLIVEIRA, Andréia Machado; FONSECA, Tania Mara Galli. Os Devires do território-escola: trajetos, agenciamentos e suas múltiplas paisagens. *Educação e Realidade* v.31, n. 2, p.135-154, jul./dez. 2006.

ONETO, P.D. A que e como resistimos: Deleuze e as artes. In: D LINS (ORG) **Nietzsche e Deleuze arte, resistência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007. pp. 198-211.

ORLANDI, L. B. L. O Indivíduo e Sua Implexa Pré-Individualidade. In. PELBART, P. P.; COSTA, R. (Org.) **Cadernos de subjetividade: o reencantamento do concreto**. São Paulo: Hucitec, 2003. pp. 87-96.

RODITI, I. **Dicionário Houaiss de Física**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SAVIAN FILHO, J. **A Metafísica do Ser em Boécio**. Loyola: São Paulo, 2008. 320 p.

SCOT, D. Sobre a Metafísica. Tradução de Carlos Arthur Nascimento e Raimundo Vier In John Duns Scot; Wulliam of Ockham, **Duns Scot e Ockham – Os Pensadores**. Nova Cultural: São Paulo, 1989. pp 99-106.

SIMONDON, G. **Curso Sobre la percepción**. Tradução de Pablo Ires. Buenos Aires: Editorial Cactus, 2012. p. 352

SIMONDON, G. A gênese do indivíduo. In. PELBART, P. P.; COSTA, R. (Org.) **Cadernos de Subjetividade: o reencantamento do concreto**. Tradução de Ivana Medeiros. São Paulo: Hucitec, 2003. pp. 97-117.

SIMONDON, G. **La Individuación**. Tradução de Pablo Ires. Buenos Aires: ediciones La Cebra y Editorial Cactus, 2009. 504 p.

SIMONDON, G. **Mentalidade Técnica**. Filosofia e Educação. Revista [online]. 2014, vol 6, n. 3. Dossiê Técnica, Tecnologia e Educação em Heidegger e Simondon. pp 137-156.

SOARES, J. L. **Dicionário Etimológico e Circunstanciado de Biologia**. São Paulo: Editora Scipione. 1993.

SPINOZA, B. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2010. 423 p.

TEBET, G. G. C; ABRAMOWICZ, A. **Constituindo o Bebê Como um Conceito Teórico no Interior da Sociologia da Infância**. Trabalho apresentado na 36 RA da ANPED, Goiânia, 2013. Disponível em [http://36reuniao.anped.org.br/pdfs\\_trabalhos\\_aprovados/gt07\\_trabalhos\\_pdfs/gt07\\_3164\\_texto.pdf](http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt07_trabalhos_pdfs/gt07_3164_texto.pdf)

TEBET, G. G. C. **Isto não é uma criança!** 2013. 155 p. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos São Carlos.

TOURINHO, C. D. C. **Saber-Fazer Filosofia: da Antiguidade à Idade Média**. São Paulo: Ideia & Letra, 2010. p. 152.

WEBER, J. F; GRISOTTO, A; FERREIRA JUNIOR, W. J. **Técnica, Tecnologia e Educação em Heidegger e Simondon**. Filosofia e Educação. Revista [online]. 2014, vol 6, n. 3. Dossiê Técnica, Tecnologia e Educação em Heidegger e Simondon. pp 137-156.

ZOURABICHVILI, F. **O Vocabulário de Gilles Deleuze**. IFCH – UNICAMP (digitação e disponibilização eletrônica). Tradução de André Telles. Rio de Janeiro, 2004. 66 p.

Disponível em <http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/wp-content/uploads/2010/05/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf>

## ANEXO I

Abaixo temos o fichamento dos textos pesquisados no primeiro movimento presente em: Em Movimento. Os fichamentos estão separados de acordo com os sites no qual eles foram encontrados, pretendemos ser o mais sucinto, principalmente para facilitar a visualização, busca e compreensão.

## SciELO:

Descritores de busca: Simondon e educação / Simondon e education.

<b>Fonte:</b> MARIN, Andréia A; LIMA, André Pietsch. <i>Individuação, percepção, ambiente: Merleau-Ponty e Gilbert Simondon. Educ. rev.</i> [online]. 2009, vol.25, n.3, pp. 265-281. ISSN 0102-4698.	<b>Síntese:</b> O texto trabalha os conceitos de individuação e percepção, tendo em vista a fenomenologia perceptiva de Merleau-Ponty e a sua questão de subjetividade com o princípio de individuação em Gilbert Simondon juntamente com a sua implicação na percepção. A autora parte de conceitos locados na Ciências Naturais, como ambiente e juntando com as filosofias citadas busca um repensar na interferência do homem no ambiente e na questão da educação ambiental.
<b>Área do conhecimento:</b> Ciências naturais/Educação Ambiental.	
<b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Percepção e individuação.	
<b>Apareceu em outro site:</b> CAPES	

## CAPES:

Descritores de busca: Simondon e educação.

<b>Fonte:</b> DALMASO, Alice; SANGOI, Deisi. <i>Produção do invisível: considerações sobre o tempo e a formação de professores.</i> Educação : Revista do Centro de Educação UFSM, 2013, Vol.38(1), p.165.	<b>Síntese:</b> O texto propõe debater a questão da formação do professor mediante a questão do tempo, não a luz do chrónos, mas ao conceito de duração de Bergson, pois é esse tempo, a imediatidade do ser, isto é o ser individuando. Para tal análise, utilizará do processo de individuação proposto por Simondon. Podendo assim pensar em um corpo que está sempre em devir, sempre em criação, possibilitando que abandone referências identitárias que diverge na transformação de si.
<b>Área do conhecimento:</b> Educação.	
<b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Individuação.	
<b>Apareceu em outro site:</b>	

<b>Fonte:</b> MORAES, Heloisa Juncklaus Preis. <i>Inteligência coletiva: o ciberespaço como retrato da sociedade ou uma discussão da ética da estética</i> . Revista Famecos - Mídia, Cultura e Tecnologia, May-August, 2011, Vol.18(2), p.542(15)	<b>Síntese:</b> O presente artigo faz uma análise, a partir do conceito de Inteligência Coletiva de Levy, do ciberespaço como um retrato da sociedade, discutindo as novas socialidades e vivências mediadas pelas tecnologias. Além disso, agrega uma discussão teórica sobre a essência da técnica e possíveis mudanças de posicionamento ético e moral, aliada, também, a categoria de visibilidade a partir da proposta de Sociedade do Espetáculo de Guy Debord. Palavras-chaves: Ciberespaço; Inteligência Coletiva; Ética.
<b>Área do conhecimento:</b> Tecnologia da informação	
<b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Maquina.	
<b>Apareceu em outro site:</b>	

<b>Fonte:</b> BRASIL, André. <i>Formas de vida na imagem: da indeterminação a inconstância</i> . Revista Famecos - Mídia, Cultura e Tecnologia, Sept-Dec, 2010, Vol.17(3), p.190(9).	<b>Síntese:</b> O artigo parte das análises de shows de realidade, os vídeos pessoais postados na internet, de jogos e de documentários da vida cotidiana e busca no conceito de biopolítico vão construindo vida e modulando imagens. E de como escapar desta situação. Para compor tal pensamento o autor utiliza do conceito de individuação de Simondon para enxergar o indivíduo a partir de sua individuação e fortalecer o conceito de contemporâneo apresentado por Agamben.
<b>Área do conhecimento:</b> Tecnologia da informação	
<b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Indivíduo.	
<b>Apareceu em outro site:</b>	

Descritores de busca: Simondon e education.

<b>Fontes que se repetiram no descritores de busca.</b>
MARIN, Andréia A. and LIMA, André Pietsch. <i>Individuação, percepção, ambiente: Merleau-Ponty e Gilbert Simondon</i> . <i>Educ. rev.</i> [online]. 2009, vol.25, n.3, pp. 265-281. ISSN 0102-4698.

<b>Fonte:</b> STYHRE, Alexander. <i>Transduction and entrepreneurship: A biophilosophical image of the entrepreneur</i> . <i>Scandinavian journal of management</i> :2008 vol:24 fasc:2 pág:103-112	<b>Síntese:</b> O artigo parte do conceito de transdução de Simondon para pensar a concepção de empreendedorismo, uma vez que para o autor o conceito de empreendedor é algo que está sempre em movimento, isto é, mudança contínua. Tal conceito lhe será útil, pelo fato da transdução ser ela a individuação provisória que irá permitir outras individuações, pois a unidade transdutora é essa troca de informação com o meio.
<b>Área do conhecimento:</b> Administração.	
<b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Transdução.	
<b>Apareceu em outro site:</b>	

<b>Fonte:</b> READ, Jason. <i>The production of subjectivity: from transindividuality to the commons</i> . New Formations, Summer, 2010, Issue 70, p.113(19).	<b>Síntese:</b> O artigo propõe analisar o princípio de individuação de Simondon frente as concepções de individuação anteriores as quais o próprio Simondon se opõe, após isso, propõe em pensar na formação coletiva, isto é, explorar a produção de subjetividade transindividual. Uma vez que as condições de nossa subjetividade, linguagem, conhecimento e hábitos, não são nem individuais nem de qualquer parte coletiva, mas são as condições de identidade individual e coletiva pertencente, permanecendo irreduzível a cada um.
<b>Área do conhecimento:</b> Ciências sociais.	
<b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Individuação.	
<b>Apareceu em outro site:</b>	

<b>Fonte:</b> CROGAN, Patrick. Bernard Stiegler: <i>philosophy, technics, and activism</i> . <i>Cultural Politics</i> , July, 2010, Vol.6(2), p.133(24).	<b>Síntese:</b> O ensaio pretende analisar as principais coordenadas teóricas da filosofia da tecnologia de Stiegler e avalia sua relevância para explorações críticas entre cultura e política. Tendo como influências filósofos como Simondon, Derrida, Heidegger, Husserl, Kant, entre outros. Podendo assim, mediante a uma análise crítica da obra de Stiegler, assegurar a proposta de um compromisso na esfera pública considerando a questão do tecnocultural contemporânea como foco.
<b>Área do conhecimento:</b> Ciências Sociais	
<b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Objetos técnicos.	
<b>Apareceu em outro site:</b>	

<b>Fonte:</b> CROGAN, Patrick. <i>Knowledge, care, and transindividuation: an interview with Bernard Stiegler</i> . <i>Cultural Politics</i> , July, 2010, Vol.6(2), p.157(14).	<b>Síntese:</b> Na entrevista Stiegler explica sua conceituação de política cultural e por ser fundamental para a análise das crises contemporâneas, situa o seu trabalho em relação à problematização do espectro convencional de posições políticas de esquerda e direita. Referindo-se à obra de Marx, Max Weber, Michel Foucault, e Gilbert Simondon, Stiegler caracteriza o capitalismo cultural em relação à sua crítica da filosofia da tecnologia. Entre outras afirmações ele propõe um repensar nos processos sociais e políticos, partindo da questão tecnocultural.
<b>Área do conhecimento:</b> Ciências sociais.	
<b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Objeto técnico.	
<b>Apareceu em outro site:</b>	

<b>Fonte:</b> BARKER, Stephen. <i>Enchantment, disenchantment, re-enchantment: toward a critical politics of re-individuation</i> . New Formations, Spring, 2012, Issue 77, p.21(23)	<b>Síntese:</b> O Artigo visa demonstrar a proposta de Stiegler referente as características de uma política a base da teoria crítica em um mundo pós fenomenologia, anunciando uma cultura hiper-tecnológica promovendo uma anamnese ao pensamento crítico para um ambiente cultural sustentável. E junto com outras duas obras de Stiegler o autor pretende trabalhar os conceitos de Transdução e individuação de Simondon para negar a desindividuação pois geraria a ignorância e assim podendo gerar um re-encantamento do mundo.
<b>Área do conhecimento:</b> Ciências sociais.	
<b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Objeto técnico e transdução.	
<b>Apareceu em outro site:</b>	

<b>Fonte:</b> NANSEN, Bjorn; CHAKRABORTY, Kabita; GIBBS, Lisa; VETERE, Frank ; MACDOUGALL, Colin. <i>'You do the math': Mathletics and the play of online learning</i> . New Media & Society, 2012, Vol.14(7), pp.1216-1235.	<b>Síntese:</b> O artigo busca realizar uma análise etnográfica da aprendizagem de matemática através da utilização de recursos da web e online, principalmente o jogo de Mathletics. Mediante a análise da interação entre alunos e esse software, o artigo implantará dois conceitos-chave em estudos de tecnologia - affordance e tecnicidade - para desenvolver um entendimento relacional de como se joga Mathletics
<b>Área do conhecimento:</b> Educação.	
<b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Tecnicidade	
<b>Apareceu em outro site:</b>	

<b>Fonte:</b> MUNSTER, Anna. <i>From a Biopolitical 'Will to Life' to a Noopolitical Ethos of Death in the Aesthetics of Digital Code</i> . Theory, Culture & Society, 2011, Vol.28(6), pp.67-90.	<b>Síntese:</b> O artigo busca analisar a cultura digital como uma série de produções criativas e poder confrontar características que a década de 90 apresentava nessas produções criativas com a vontade de viver perante a produção que a cultura digital vem realizando nos dias de hoje, abrangendo a questão da finitude, a morte e o suicídio, principalmente nas produções de jogos de computador. Partido no conceito de tecnocultura de Stiegler, o autor busca um <i>ethos</i> digital, tanto para os jogos, como para a cultura digital e suas produções.
<b>Área do conhecimento:</b> Tecnologia da informação	
<b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Objeto técnico	
<b>Apareceu em outro site:</b>	

<b>Fonte:</b> GORIUNOVA, Olga. <i>New media idiocy</i> . Convergence, 2013, Vol.19(2), pp.223-235.	<b>Síntese:</b> O artigo investiga as formas atuais de subjetivação tecno-humano pelo conceito de idiotice, que seguindo Deleuze, é interpretado como distinta da estupidez, é um modo de vida que explora a verdade através do falso pelas novas mídias. Dessa forma, pode analisar o processo de individuação e de como a subjetivação decorrente dele pode criar o descontentamento político.
<b>Área do conhecimento:</b> Tecnologia da informação	
<b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Individuação.	
<b>Apareceu em outro site:</b>	

<b>Fonte:</b> Burlein, Ann. <i>The Productive Power of Ambiguity: Rethinking Homosexuality through the Virtual and Developmental Systems Theory</i> . Hypatia, 2005, Vol.20(1), pp.21-53	<b>Síntese:</b> O artigo propõe a pensar as políticas de identidade justapondo-se o conceito de virtual de Deleuze a um conceito regado a um sistema de desenvolvimento, buscando demonstrar e explorar as promessas e os perigos de pensar uma identidade para o corpo que seja indeterminada, principalmente neste momento no qual as novas tecnologias tornam cada vez mais lucrativas as ambiguidades do corpo, dilatando o efeito do poder econômico a uma outra relação com o corpo.
<b>Área do conhecimento:</b> Ciências sociais	
<b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> individuação	
<b>Apareceu em outro site:</b>	

## FCC

Descritores de busca: Simondon e educação.

<p><b>Fonte:</b> OLIVEIRA, Andréia Machado; FONSECA, Tania Mara Galli. <i>Os Devires do território-escola: trajetos, agenciamentos e suas múltiplas paisagens</i>. Educação e Realidade v.31, n. 2, p.135-154, jul./dez. 2006.</p>	<p><b>Síntese:</b> O artigo pretende por uma analisar a escola por uma vertente ética e estética partindo da filosofia da diferença proposta por Deleuze e Guattari, para tal os autores enxergam a escola como território, planos e paisagem e os alunos que lá se encontram passam por tanto por um processo de subjetivação o qual está relacionado com esse meio pelo corpo visto como membrana, promovendo a dobra. A individuação em Simondon aparece para compor a concepção de indivíduo que ali se apresenta como ser sempre em composição com esse meio.</p>
<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação</p>	
<p><b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Princípio de individuação</p>	
<p><b>Apareceu em outro site:</b></p>	

## ANPED

Descritores de busca:

<p><b>Fonte:</b> TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos; ABRAMOWCZ, Anete. <i>Constituindo o bebê como um conceito teórico no interior da sociologia da infância</i>, Disponível em: <a href="http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_arquivos/gt07_trabalhos_pdfs/gt07_3164_texto.pdf">http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_arquivos/gt07_trabalhos_pdfs/gt07_3164_texto.pdf</a></p>	<p><b>Síntese:</b> O artigo tem como origem a tese de doutorado de Tebet, nele se torna nítido o esforço não só de Tebet mas de sua orientadora Abramowicz em constituir um campo teórico para se trabalhar com bebê, partindo da concepção de que eles são pura potência, pois não nascem individualizados e que sua individuação irá partir de sua singularidade, para tal, as autoras partem das concepções da sociologia da infância pautadas em teóricos pós-estruturalistas que de baseiam na filosofia da diferença proposta por Deleuze e Guattari.</p>
<p><b>Área do conhecimento:</b> Sociologia da infância</p>	
<p><b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Princípio de individuação,</p>	
<p><b>Apareceu em outro site:</b></p>	

## BDTD

Descritor de busca: Simondon e educação.

<p><b>Fonte:</b> DIAS, Luciano de Melo. <i>Devir-câmera: A relação dos estudantes com os equipamentos de produção de imagens em movimento</i>. 2013. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.</p>	<p><b>Síntese:</b> A dissertação busca através do acoplamento estudante/câmara de vídeo e de tecnologias que possam integrar um ato de criação audiovisual e suas técnicas através da arte, analisar como tal manifestação possa construir novos territórios, possibilitando assim, novos processos de singularização se aplicados em uma educação pela arte, Simondon aqui compõe o campo teórico juntamente com outros pensadores como, Deleuze, Guattari, Foucault, Kastrup, Rolnik, entre outros</p>
<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação/Imagem e som</p>	
<p><b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Individuação</p>	
<p><b>Apareceu em outro site:</b></p>	

<p><b>Fonte:</b> COSTA, Luis Artur. <i>Desnaturar desmundos: a imagem ea tecnologia para além do exílio no humano</i>. 2012. Tese de Doutorado. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul</p>	<p><b>Síntese:</b> A tese propõe a repensar a relação natureza/artifício fora do dualismo que se constituiu nossa sociedade ocidental. Para tal o autor faz aproximações entre, ciências, filosofia e artes, afim de buscar no paradoxo uma nova forma de encarar a natureza. Parte do conceito de Desnaturação e Desmundo para demonstrar uma outra ordem que a binária, onde Simondon com sua definição de objetos técnicos, volta a incluir na natureza os artifícios invertendo a relação de ausencia e negação por uma relação de coexistência e afirmação.</p>
<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação/Tecnologia da informação</p>	
<p><b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Objetos técnicos, Individuação.</p>	
<p><b>Apareceu em outro site:</b></p>	

<p><b>Fonte:</b> OLIVEIRA, Andréia Machado. <i>Corpos Associados: interatividade e tecnicidade nas paisagens da arte</i>. 2010. Tese de Doutorado. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul.</p>	<p><b>Síntese:</b> A tese busca por meio da filosofia de Spinoza, Deleuze e Simondon, que perante o conceito de afeto procura estabelecer as interações corpo e obra de arte em suas misturas, atrações, incorporações e percepções, que se dão em um meio metaestável que atualizam uma individuação deste corpo, humanos e não humano, animal, técnico e imaterial. Sendo através da experiência, isto é das tecnologias dos fazeres e de suas tecnicidades que possibilita os corpos incorporarem a vida sem distinguir o natural do artificial, o analógico do digital, a matéria da forma.</p>
<p><b>Área do conhecimento:</b> Educação/Tecnologia da informação.</p>	
<p><b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Percepção, Individuação</p>	
<p><b>Apareceu em outro site:</b></p>	

<b>Fonte:</b> TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos. <i>Isto não é uma criança!</i> 2013. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos.	<b>Síntese:</b> A tese vai construir um campo teórico pautado na sociologia da infância de língua inglesa, fazendo um panorama de como a criança é vista por toda pensamento filosófico e sociólogo com o intuito de demonstrar que os bebês estão imersos em sua pré-individualidade, necessitando em sua análise uma outra categoria analítica que seja diferente das utilizadas nos estudos das crianças uma vez que as crianças são indivíduo/sujeitos e, portanto, constituir uma metodologia própria aos estudos dos bebês.
<b>Área do conhecimento:</b> Sociologia da Infância	
<b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Individação	
<b>Apareceu em outro site:</b>	

<b>Fonte:</b> SIEDE, Rosângela de Oliveira. <i>Vulnerabilidade e adolescência: uma análise da imersão dos jovens nas redes sociais</i> . Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Itajai.	<b>Síntese:</b> A dissertação busca demonstrar uma vulnerabilidade dos adolescentes ou se inserir nas redes sociais e determinar quais são essas vulnerabilidade que ameaçam tais adolescentes, mapear a opinião dos adolescentes referentes a riscos e benefícios, e saber qual é a postura da escola como prevenção aos riscos. Para tal, a autora trabalha com conceitos como virtualidade de Lévy e de objetos técnicos de Simondon.
<b>Área do conhecimento:</b> Psicologia	
<b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Objeto técnico	
<b>Apareceu em outro site:</b>	

<b>Fonte:</b> DALMASO, Alice. Copetti. <i>A invenção que levou a outros lugares (e das descobertas de um espaço de formação de professores)</i> . Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria.	<b>Síntese:</b> A dissertação parte do conceito de cognição inventiva da Kastrup para tratar da formação inicial de professores dentro de um espaço formativo, partindo então de experimentações não cognitivas e pensadas a partir do devir. Passa a pensar então a individuação que se dá a partir da invenção coletiva e dos encontro entre os alunos como acontecimento. Para tal apoia-se nos teóricos Simondon e Gabriel Tarde para pensar o indivíduo, o não pessoal e o coletivo dentro dessa prática educacional.
<b>Área do conhecimento:</b> Educação	
<b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Individação.	
<b>Apareceu em outro site:</b>	

<b>Fonte:</b> MAURENTE, Vanessa Soares. <i>Imagens do hospício vazio: fotografia, pesquisa e intervenção</i> . Tese de Doutorado. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul.	<b>Síntese:</b> A Tese parte de experimentações com tirar fotografias realizadas num hospital psiquiátrico, com crianças e adolescentes do CIAPES. Parte da concepção de Foucault de experiência de si e do exercício de autoria. E do processo de individuação de Simondon visto através da fotografia, a partir daí, considerar a fotografia como metodologia, estratégia de pesquisa e intervenção. Visando não só a construção do conhecimento, mas também possibilitando novas práticas no campo da saúde mental.
<b>Área do conhecimento:</b> Educação/Saúde mental.	
<b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Individação.	
<b>Apareceu em outro site:</b>	

<b>Fonte:</b> OLIVEIRA, Andréia Machado. <i>Um olhar sobre o invisível: o duplo cognição e criação no território escola</i> . 2006. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul.	<b>Síntese:</b> A dissertação pretende por uma analisar a escola por uma vertente ética e estética partindo da filosofia da diferença proposta por Deleuze e Guattari, para tal a autora enxergam a escola como território, planos e paisagem e os alunos que lá se encontram passam por tanto por um processo de subjetivação o qual está relacionado com esse meio pelo corpo visto como membrana, promovendo a dobra. A individuação em Simondon aparece para compor a concepção de individuo que ali se apresenta como ser sempre em composição com esse meio.
<b>Área do conhecimento:</b> Educação	
<b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> individuação	
<b>Apareceu em outro site:</b> CAPES	

Descritores de busca: Simondon e education.

<b>Fontes que se repetiram no descritor de busca.</b>
DIAS, Luciano de Melo. <i>Devir-câmera: A relação dos estudantes com os equipamentos de produção de imagens em movimento</i> . 2013. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
DALMASO, Alice Copetti. <i>A invenção que levou a outros lugares (e das descobertas de um espaço de formação de professores)</i> . Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria.
COSTA, Luis Artur. <i>Desnaturar desmundos: a imagem e a tecnologia para além do exílio no humano</i> . 2012. Tese de Doutorado. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul.
Fonte: SIEDE, Rosângela de Oliveira. <i>Vulnerabilidade e adolescência: uma análise da imersão dos jovens nas redes sociais</i> . Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Itajaí.

<b>Fonte:</b> NECYK, Barbara Jane. <i>Usos e sentidos de tecnologias digitais de informação e comunicação em contextos de ensino-aprendizagem no design</i> . Tese de Doutorado. Pontifícia universidade católica do rio de janeiro.	<b>Síntese:</b> A tese parte do princípio que existe um caráter ideológico no design no que tange sua prática mediante as tecnologias digitais de informação e comunicação. Partindo deste pressuposto a tese busca perceber de como de dá essa relação design-ideologia no curso de formação de design entre, professor, aluno, tecnologias. Partindo assim, de uma concepção de subjetividade entendida como coletiva, polifônica e heterogênea de Guattari, tendo a concepção homem/técnica da filosofia de Heidegger e Simondon, e demonstrando que esse caráter pedagógico ganha força no campo de atuação.
<b>Área do conhecimento:</b> Educação/Design	
<b>Conceito do Simondon trabalhado:</b> Individuação.	
<b>Apareceu em outro site:</b>	